

Universidade Federal de Ouro Preto

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
PPGCOM-UFOP

Dissertação

**CORPO-IMPRESSO NA REVISTA
TRIP: uma construção nacional
refletida em corpos negros**

Wigde Arcangelo da Silva

Ouro Preto
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**CORPO-IMPRESSO NA REVISTA *TRIP*:
uma construção nacional refletida em corpos negros**

WIGDE ARCANGELO DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação e Temporalidades

Linha de Pesquisa: Práticas comunicacionais e tempo social.

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

Mariana
Setembro de 2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586c Silva, Wigde Arcangelo da.
Corpo-impresso na Revista Trip [manuscrito]: uma construção nacional refletida em corpos negros. / Wigde Arcangelo da Silva. - 2022.
166 f.: il.: color., tab..

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Comunicação.
Área de Concentração: Comunicação e Temporalidades.

1. Corpo negro. 2. Decolonialidade. 3. Revista Trip. I. Tavares, Frederico de Mello Brandão. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.347

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Wigde Arcangelo da Silva

Corpo-impresso na revista Trip: uma construção nacional refletida em corpos negros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em 12 de setembro de 2022.

Membros da banca

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (Orientador e Presidente) – Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Profa. Dra. Valéria Maria Sampaio Vilas Bôas Araújo - Universidade Federal de Sergipe - UFS

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra - Universidade Federal de Viçosa - UFV

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 15/12/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Frederico de Mello Brandao Tavares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/12/2022, às 10:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0382431** e o código CRC **4790358A**.

AGRADECIMENTOS

Semanas após iniciar o Mestrado, fomos submetidos à pandemia da Covid-19. O processo da pesquisa já é por si um caminho tortuoso, o distanciamento social dificultou ainda mais essa jornada. Foi, no entanto, com o suporte de algumas pessoas que esse ciclo pode ser concluído.

Aos meus pais, Leni e Fernando, que, mesmo de outro estado, sempre me encorajaram a seguir a diante, por me amarem e me incentivarem.

À minha sobrinha, Lavínia, por me lembrar que o tempo voa, tentando fazer com que eu me conecte com o agora.

Ao meu orientador, Fred, pela humanidade e por fazer da pesquisa um espaço de acolhimento. O seu processo leve me inspira.

À professora Valéria Vilas Bôas e ao professor Rennan Mafra, pela participação nas bancas de qualificação e defesa, grato por vocês terem feito desse momento algo leve.

À professora Márcia Costa, por ter me recebido no estágio, foi enriquecedor ter passado por essa fase com você.

Às coordenadoras do UniverCidade, Áquila, Adelina e Cris, e aos bolsistas do projeto, Ágatha, Thaís e Robert. Até hoje nossos encontros virtuais durante a pandemia reverberam em mim. Vocês são um dos motivos dessa pesquisa existir.

Às pessoas do Jornal *A Sirene*, Joice, Júlia, Juliana, Elô, Ellen (mesmo você à época não fazendo parte do Conselho Editorial), Papagaio, Genival, Simone, Caê, por me ensinarem a enxergar o jornalismo de uma outra forma.

À Júlia e ao Yan, por acalmarem meus momentos de desespero e pelo caminho dividido.

À Daniela, Jussara, Maíra, Camila e Matheus, pelas incontáveis videochamadas e pelo suporte.

Às minhas amigas que me incentivaram em todo o processo do Mestrado, Andreza, Caio, Carlos, Ed, Evelin, Fran, Jael, Lucas, Mariana, Marielen, Mayara, Paula, Raquel e Thiago, por não desistirem de mim, mesmo eu esquecendo de responder suas mensagens.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação. À Universidade Federal de Ouro Preto. À cidade de Mariana.

Às pessoas que foram à frente abrindo os caminhos.

RESUMO

Esta pesquisa reflete sobre como a revista brasileira *Trip*, voltada para o público masculino, se apropria de determinadas perspectivas da construção nacional de uma identidade e como essas ideias são refletidas na impressão dos corpos de sujeitos negros. Buscou-se entender como a colonialidade é uma fantasmagoria que perpassa a produção editorial a partir do espaço determinados às pessoas negras nas páginas das edições da revista *Trip*. Para tanto, tratou-se das diversas perspectivas da identidade nacional ao longo da história brasileira, tendo em vista como determinadas características atravessam a história sendo reinterpretadas e consolidadas no modo como o ser brasileiro é visto. Analisou-se de que maneira essas noções interferem na forma como determinados corpos podem ocupar o país. Além disso, a pesquisa problematizou sobre o corpo e seus significados sociais, considerando como a colonialidade pressiona que alguns lugares sejam ocupados para corpos de determinadas raças e gêneros. O que envolveu pensar sobre o que significa um corpo ser estampado das páginas de uma revista, os processos editoriais e sociais que são acionados nesse movimento. Metodologicamente, o estudo analisou 21 matérias de 15 edições da revista *Trip*, a partir de um estudo prévio que envolveu uma observação panorâmica sobre mais de 200 edições do periódico, em suas três décadas de existência. No estudo do *corpus*, atentou-se para a construção de sentido sobre a identidade nacional e os corpos negros nas reportagens recortadas. A pesquisa conclui que a revista *Trip* enxerga o Brasil orientando-se por um posicionamento masculino, branco e heterossexual, o que reflete em fantasmagorias sobre os corpos das pessoas negras na revista, na tentativa de consolidar marcas da colonialidade sobre eles.

Palavras-chave: Brasil; corpo negro; fantasmagoria; decolonialidade; revista *Trip*.

ABSTRACT

This research reflects on how the Brazilian magazine *Trip*, aimed at the male audience, appropriates certain perspectives of the national construction of an identity and how these ideas are reflected in the impression of the bodies of black subjects. We sought to understand how coloniality is a phantasmagoria that permeates editorial production from the space determined for black people in the pages of the magazine. In order to do so, it dealt with the different perspectives of national identity throughout Brazilian history, considering how certain characteristics cross history being reinterpreted and consolidated in the way the Brazilian being is seen. It was analyzed how these notions interfere in the way in which certain bodies can occupy the country. In addition, the research problematized the body and its social meanings, considering how coloniality puts pressure on certain places to be occupied by bodies of certain races and genders. Which involved thinking about what it means for a body to be stamped on the pages of a magazine, the editorial and social processes that are triggered in this movement. Methodologically, the study analyzed 21 articles from 15 issues of *Trip* magazine, based on a previous study that involved a panoramic observation of more than 200 issues of the journal, in its three decades of existence. In the study of the corpus, attention was paid to the construction of meaning about national identity and black bodies in the clipped reports. The research concludes that *Trip* magazine sees Brazil guided by a male, white and heterosexual position, which is reflected in phantasmagorias about the bodies of black people in the magazine, in an attempt to consolidate marks of coloniality on them.

Keywords: Brazil; black body; phantasmagoria; decoloniality; *Trip* magazine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Página 03 da primeira edição da <i>Trip</i> .	17
Figura 02: Joe Oliver III na última capa da <i>Trip</i> .	18
Figura 03: Anderson Silva é capa na edição sobre ser negro no país.	19
Figura 04: Uma África "selvagem" é apresentada na <i>Trip</i> .	22
Figura 05: Pano de boca do Teatro Tribunal por ocasião da coroação de D. Pedro I	32
Figura 06: Capa da <i>Trip</i> aciona ideias de Gilberto Freyre.	44
Figura 07: Capa da revista feminina <i>Tpm</i> aborda o racismo a partir do gênero.	49
Figura 8: Capa da primeira edição da <i>Trip</i> .	53
Figura 09: A atriz Taís Araújo foi capa da revista quando o tema foi prisões.	56
Figura 10: Juliana estampa a capa da edição representando uma de suas personagens.	57
Figura 11: Imagens do acervo do site da <i>Trip</i> , não houve capas sobre o surf em 1990	60
Figura 12: Montagem com todas as fotos que ilustram a matéria	61
Figura 13: Antônio Pitanga estampa a capa de <i>Trip</i> sobre velhice.	62
Figura 14: Deise Nunes foi a primeira pessoa negra a estampar a capa da <i>Trip</i> .	70
Figura 15: O jamaicano Anthony Brown foi o primeiro homem negro na capa da <i>Trip</i> .	70
Figura 16: Um dos tabus masculinos, o tamanho do pênis, foi capa da revista em 2012.	72
Figura 17: Primeira revista temática da <i>Trip</i> .	76
Figura 18: Capas das 15 edições analisadas.	82
Figura 19: A modelo Érika foi escolhida por votação para ser a <i>Trip Girl</i> do mês.	83
Figura 20: Segunda capa da edição também é estampada por uma modelo feminina.	83
Figura 21: Um corpo morto estampa as páginas que abrem a matéria Impacto de Sangue..	84
Figura 22: Uma das capas da edição 25.	87
Figura 23: Quinta capa da história da <i>Trip</i> a ser estampada por uma pessoa negra	87
Figura 24: Algumas imagens que estampam a matéria.	89
Figura 25: Capa da edição 28.	91
Figura 26: Segunda capa da edição.	91
Figura 27: Marinheiros reencontram família	93
Figura 28: Homem olha para fotos de mulheres peladas.	93
Figura 29: Páginas da matéria sobre sexo e poder.	94
Figura 30: O modelo Luciano Zafir estampa uma das capas.	95
Figura 31: A modelo que "interpreta" a Pomba-Gira estampa a outra capa da edição.	96

Figura 32: As cores da capa fazem referência ao Brasil..	97
Figura 33: Segunda capa da edição.	98
Figura 34: A pirâmide da desigualdade social ilustrada em foto pela <i>Trip</i> .	99
Figura 35: A atriz Juliana Paes é capa da edição..	100
Figura 36: O músico Chico Science aparece na outra capa da edição.	100
Figura 37: Capa da edição 110.	102
Figura 38: A <i>Trip Girl</i> do mês estampa a outra capa da edição 110..	103
Figura 39: Fotos mostram pacífico convívio entre negros e brancos, enquanto o olho da matéria relativiza o racismo.	104
Figura 40: A mídia volta a ser manchete na <i>Trip</i> .	105
Figura 41: Segunda capa da edição.	106
Figura 42: Capa da edição de agosto de 2005.	107
Figura 43: Segunda capa do mês.	108
Figura 44: O texto da matéria foi montado a partir de manchetes de jornais.	109
Figura 45: A <i>Trip Girl</i> que estampa a edição é capa da revista.	110
Figura 46: O tema principal da edição é o desarmamento.	110
Figura 47: O futebol é tratado de forma festiva na edição	112
Figura 48: Segunda capa da edição..	112
Figura 49: Na matéria sobre o time de futebol formado por homens gays, a pessoa negra aparece apenas de cueca..	113
Figura 50: Mudar-se do país foi tema da edição	114
Figura 51: Segunda capa da edição..	115
Figura 52: Racismo é tema da edição do mês..	116
Figura 53: O atleta Anderson Silva estampa as duas capas do mês.	116
Figura 54: A fantasmagoria da morte para a população negra ronda as primeiras edições analisadas	117
Figura 55: Capa da edição do mês.	118
Figura 56: Segunda capa do mês.	119
Figura 57: Mesmo em desenho, o corpo é presente na capa da edição.	120
Figura 58: Segunda capa do mês.	120
Figura 59: Infográfico reme a propaganda de produtos.	122
Figura 60: Segunda página da propaganda.	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: <i>Corpus</i> da pesquisa.....	80
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 01 – Brasil em revista: criação nacional, colonialidade e raça	29
1.1. Que país é este: o que é o Brasil?	31
1.2. Raça e gênero na constituição nacional	44
1.3. A Revista <i>Trip</i> e uma ideia de nação	53
CAPÍTULO 02 – Corpos <i>Trip</i>: corporalidades em revistas	59
2.1. Corpo de carne e cultura	62
2.2. Um corpo diferente, um corpo negro	65
2.3. Corpo-impresso, Brasil, colonialidade e raça	71
CAPÍTULO 03 – Corpos-impressos negros nas fantasmagorias do Brasil de <i>Trip</i>.....	75
3.1. Recorte do olhar	78
3.2. Corpos-impressos em <i>Trip</i> ao longo do tempo	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O corpo <i>Trip</i> – masculino e branco	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
ANEXOS	142

INTRODUÇÃO

A revista *Trip*, voltada para o público masculino, está no mercado editorial brasileiro desde 1986. São 35 anos de produção jornalística. Contudo, a impressão da revista foi suspensa no início da pandemia de COVID-19 – momento histórico no qual esta pesquisa se desenvolve. Matérias e conteúdos são produzidos para o site e redes sociais, mas nenhuma edição nova saiu de forma impressa após março de 2020. De novembro de 1986 à data de interrupção, foram 286 edições que se moldaram editorialmente em diálogo com as mudanças sociais nacionais e internacionais ao longo do tempo.

Trip nasce no calor da exaltação cultural do *surf*, na década de 1980, um esporte que ganhava o gosto de um determinado grupo de jovens, inspirando não só a prática esportiva, mas todo um estilo de vida. No decorrer do tempo, no entanto, a publicação se distancia do esporte marítimo como principal característica, transformando-se em uma revista de comportamento voltada para o público masculino jovem (ALVES, 2015; FETTER, 2011). Isso não significa que os esportes radicais perderam espaço nas páginas do periódico; indica apenas um redirecionamento da marca. A revista, dessa forma, amplia o seu público para além dos surfistas. Essa mudança editorial, que parece sutil quando olhamos para as páginas das primeiras edições em comparação às últimas, pode ter sido o fator que não permitiu o desaparecimento da publicação quando o *surf* deixou de ser uma “febre”.

Segundo o último *mídia kit* disponível da revista (TRIP MÍDIA KIT, 2016), os leitores da publicação pertencem a um grupo mais próximo ao padrão “ideal” da masculinidade hegemônica branca. Apesar dessas informações, *Trip* não se define como uma publicação voltada para algum grupo étnico específico, o que pode sinalizar o entendimento da branquitude como um balizador normativo – mais adiante discutiremos essa questão. As publicidades revelam muito do leitor-ideal das revistas. Embasados no Trabalho de Conclusão de Curso de Daniela Rocha dos Santos Costa (2018), poderíamos afirmar que, no caso da *Trip*, tal leitor é branco. Em 2014, a revista trouxe em uma de suas capas a discussão sobre o racismo. A autora, então, analisou 12 edições, entre os anos de 2014 e 2015, em busca de quantificar os sujeitos negros que apareceram nas publicidades estampadas no periódico. No recorte apresentado, apenas 10% dos indivíduos das campanhas de publicidade eram negros (COSTA, 2018). Vale ressaltar, entretanto, que a publicação em diversas ocasiões, se coloca como uma publicação mais diversa e progressista do que as suas concorrentes (BRAGANSA, 2020).

O sucesso de uma revista está não só na sua capacidade de entender o seu público-alvo,

mas é uma complexa equação que envolve adaptabilidade às mudanças do mercado e entendimento de como os leitores são afetados com as transformações impostas pelo tempo, tentando, simultaneamente, criar um universo de referência para este mesmo leitor. A revista, como afirmam seus produtores e estudiosos, é uma mídia estritamente ligada ao tempo social:

Revistas representam épocas (e, por que não, origem e sustentam mitos). Sendo assim só funcionam em perfeita sintonia com seu tempo. Por isso, dá para compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas revistas. Ali estão os hábitos, as modas, os personagens de cada período, os assuntos que mobilizam cada grupo de pessoa (SCALZO, 2011, p. 11).

Revistas são repositórios de fragmentos da história, dizem sobre o tempo ao qual pertencem. No entanto, não são autônomas nessa relação social, pois são compostas por pessoas que interferem nessas ações. Dessa forma, estudar revistas é entender o que um determinado grupo de pessoas, composto por todos os sujeitos dentro da cadeia de produção de uma publicação, ou seja, desde o presidente da editora até o leitor, reflete sobre o tempo em que vivem e como tais anseios espelham e correspondem um tipo de circulação midiática de sentidos, via consumo e representações. Títulos como *Trip*, que atravessam décadas e momentos históricos, nos ajudam a compreender os tensionamentos editoriais e os dos leitores diante das transformações sociais. Nesta pesquisa, nosso interesse é entender como o jornalismo de revista reage a essas mudanças, perceber os movimentos editoriais de acolhimento e repúdio dessas mutações, tendo como ponto chave de problematização a questão da raça.

Partimos da hipótese de que nesses atravessamentos sociais e nessas representações de épocas, noções da construção nacional brasileira são fortemente acionadas. E, nesse sentido, não há como não considerar a raça como uma categoria estruturante e tensionadora da constituição editorial de *Trip*¹. Segundo Renato Ortiz (1986), não é possível falar de projeto nacional no singular, já que cada uma das formulações feitas está atrelada a interesses políticos e sociais (ORTIZ, 1986). Dessa forma, queremos investigar qual é o posicionamento político da revista *Trip*, o mundo por ela construído, no cotejamento de realidades nacionais e editoriais. Além do mais, entendemos que pensar o Brasil é pensar quem pode (e como pode) habitar o país. Ernesta Zamboni (2003) afirma que após o processo de redemocratização, período no qual

¹ Ao analisar a categoria raça e sua relação histórica com o Brasil, Humberto Bersani (2018) reflete sobre o racismo como um elemento estrutural de opressão no país ao longo da história, desde a colonização. Segundo o autor, no Brasil, de fato, “o racismo estrutural é nítido e não demanda grande esforço para ser visualizado. Ele está difundido na sociedade, na ordem social vigente e a serviço dos privilégios que demarcam as classes sociais. Enfrentá-lo é uma forma de discriminação positiva e necessária, e não um racismo na mesma intensidade, ao contrário do que muitos dizem, pois trata-se da busca por mecanismos que promovam a desconstrução da ideologia que se traduz em inúmeras práticas discriminatórias diariamente, chancelando a exclusão de um grupo social específico” (BERSANI, 2018, p. 194).

Trip nasce, as diferenças étnico-raciais passam a ser mais consideradas, mas, mesmo assim, o esforço para a superação das diferenças se dá em torno de uma unificação pelos símbolos nacionais. Buscamos entender, então, o que esses entendimentos do nacional significam editorialmente. E, principalmente, no que eles interferem na impressão dos corpos negros nas páginas das revistas. Segundo Osmundo Pinho, ao longo da nossa história, o corpo negro é “*outro corpo*, lógica e historicamente deslocado de seu centro” (PINHO, 2004, p. 67, grifo nosso). Um corpo esvaziado, desumanizado e, por isso, passível de morte a qualquer momento. Tendo isso em vista, como tal corpo habita a revista e o “Brasil” de *Trip*?

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, encontramos quatro dissertações que analisam questões distintas da revista *Trip*: o jornalismo gonzo (JÚNIOR, 2006), o *design* editorial (FETTER, 2011), a narrativa em primeira pessoa (ALVES, 2015) e a produção de significado no mercado de revistas (BRENATTI, 2005). Esta última analisa a segmentação do mercado editorial por gênero, tendo como objeto de pesquisa as revistas *Trip* e *Tpm*. A revista *Tpm* (*Trip Para Mulheres*) foi criada quando a Editora *Trip* percebeu que uma parcela de leitores de sua revista masculina era formada por mulheres. Sendo assim, foi lançada em maio de 2001 a primeira edição da *Tpm* (RODARTE, 2017). Onze anos depois, em maio de 2012, a edição 120 da publicação para as mulheres lançou o “Manifesto *Tpm*”, uma carta que questionava os estereótipos femininos reforçados pelas revistas femininas. Mesmo que a revista já questionasse a representação das mulheres pela mídia, o manifesto se tornou a linha editorial do periódico (BURBULHAN e GUIMARÃES, 2011, p. 71).

No que diz respeito a pesquisas e estudos, há uma produção maior de dissertações sobre a revista *Tpm*. Algumas focadas em questões editoriais (RODARTE, 2017; SILVA, 2007) e a maioria debruçada nas questões de gênero (BORELA, 2017; RODRIGUES, 2013; AVEIRO, 2015; CAMARGO, 2016; MORAES, 2014; TANIO, 2003; CORREIA, 2015). Vale destacar que essas pesquisas são de diversas áreas do conhecimento, não apenas da Comunicação. É interessante notar que, dos produtos da Editora *Trip*, a revista *Tpm* é a mais presente nas pesquisas sobre gênero. No entanto, outras revistas masculinas são objetos de pesquisa sobre o tema na Comunicação, como, por exemplo, a *Playboy* (SILVA, 2004; ARAGÃO, 2013; COSTA, 2014), *GQ Brasil* (BASILIO, 2016; CAETANO, 2018; BATISTA, 2013) e *Men's Health* (BATISTA, 2013; DUARTE, 2014; SOARES, 2015; MACHADO, 2017).

Em sua pesquisa, Felipe Vieiro Machado (2017) concluiu que as revistas masculinas são “dispositivos discursivos da masculinidade, ou seja, como aparatos que, inseridos em determinada ordem discursiva, dão a ver quais são as possibilidades (e as impossibilidades) de se ser e de se estar no mundo enquanto homem” (MACHADO, 2017, p. 106). Partilhando dessa

visão, queremos olhar para *Trip* pensando quais as alternativas de experimentação do mundo são postas para os seus leitores. Porém, queremos lançar um olhar que também considere a raça nessa equação. Ao analisar uma das revistas femininas mais importantes do mercado editorial brasileiro, a revista *Cláudia*, Rubens Aparecido Campos (2014) concluiu que a aparição de mulheres negras em destaque no periódico, para além das propagandas de produtos domésticos, começou a acontecer após a ascensão econômica dessas mulheres, ou seja, dentro de uma forte lógica econômica.

No entanto, na revista *Trip*, os sujeitos negros ocupam as páginas da publicação desde o seu lançamento, não apenas no período histórico da ascensão dessas pessoas à classe média. À primeira vista, isso pode se destacar como uma característica positiva: pensando para além da relação próxima das revistas com o mercado econômico, essas aparições podem demonstrar um olhar mais atento para a diversidade social brasileira. Entretanto, é preciso olhar a existência de sujeitos negros na revista *Trip* de forma mais cuidadosa e crítica, questionando como esses indivíduos foram/são retratados ao longo da existência do periódico, já que a “representação pela mera representação” não significa abolir as imagens negativas construídas em torno desse grupo, indicando a necessidade de uma complexificação do olhar acerca dessa presença nas páginas do periódico.

Na primeira edição da revista *Trip*, em novembro de 1986, vemos na página número três uma foto (**Figura 01**) do artista estadunidense B. B. King (1925 - 2015). Ele é reconhecido por ser um músico de *blues*, também identificado como um estilo musical negro. Em letras pequenas, no canto inferior esquerdo, lê-se que na próxima edição haverá uma exclusiva com o artista. A revista prepara o seu leitor para o homem negro que ocupará suas páginas. O editorial tenta explicar qualquer possível mal-entendido. O texto deixa claro que a revista será diversa, o estilo de vida do *surf* pode ser mais vasto. O *blues* pode ser um estilo de vida *surf*. Mesmo assim, a imagem do homem negro, na página três, pede licença para estar na próxima edição.

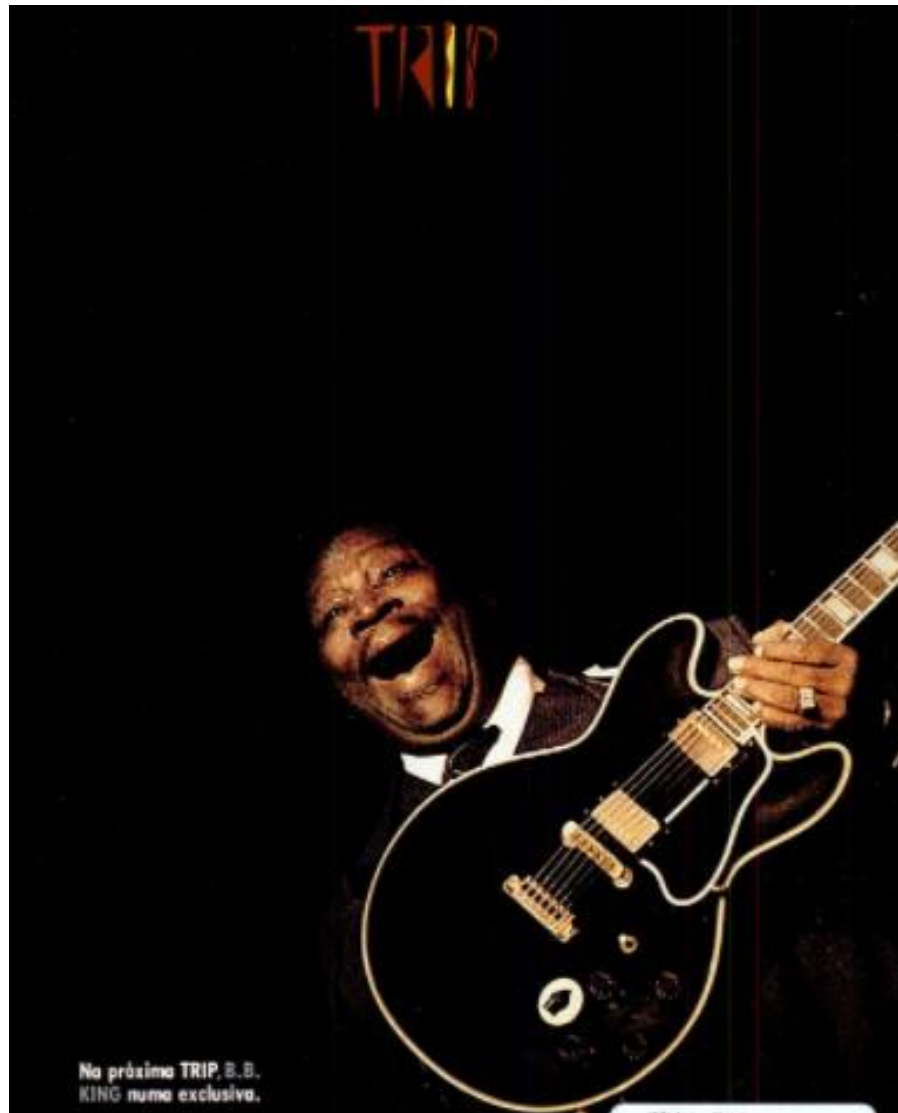


Figura 01: Página 03 da primeira edição da *Trip*.

Fonte: *Trip*, Ed. 001, novembro de 1986.

Na última publicação da revista até o momento, a de número 286, de março de 2020, o produtor de televisão Joe Oliver III², homem negro e japonês, aparece na capa (**Figura 02**). Não pede licença, encara a câmera fotográfica. A edição é um especial sobre o Japão. A matéria de capa trata das dificuldades de ser negro no país asiático. A chamada diz: “Ser negro no Japão (também) é foda”. É uma autorreferência à edição 231, de abril de 2014, que aborda as

² Em março de 2020, com o início da pandemia da Covid-19 no Brasil, a revista *Trip* lançou a sua última edição impressa até o momento. Outros periódicos, de outras editoras, passarão a ser bimestrais ou tiveram suas impressões suspensas com a emergência sanitária. No caso da *Trip*, não houve nenhum pronunciamento justificando o sumiço das edições nas bancas ou, até mesmo, um informe dizendo se é uma questão pontual ou definitiva. (BARROS, 2020). Porém, a produção de matérias e conteúdos segue acontecendo para o site (<https://revistatrip.uol.com.br/>) e para as redes sociais do periódico.

adversidades de ser negro no Brasil. Com a chamada “Ser negro no Brasil é f*da”³, trouxe o lutador de MMA Anderson Silva estampando as duas versões da capa (**Figura 03**).

É comum na Editora *Trip* que as suas principais publicações, a *Trip* e a *Tpm*, façam uso da autorreferência e da construção de diálogos entre as duas revistas (TAVARES, 2016; SANTOS e TAVARES, 2017; SILVA, 2018). Cada edição de uma revista tenta dar conta da temática proposta. Ao dividir o mesmo tema com mais de uma publicação do mesmo selo, são formados fluxos de sentido tanto de forma isolada em apenas uma edição como de forma conjunta (TAVARES, 2017). As edições de *Trip* são mais temáticas do que factuais, o que agrega uma característica importante para a publicação: a formatação da revista pode antecipar o tema/fato. Aquilo que vemos em suas páginas revela tanto da sua produção editorial quanto do tema/fato. Por isso, consideramos que os corpos que aparecem na revista não são corpos físicos ou corpos reais. São corpos produzidos e afetados por todo o processo editorial, eles são corpos-impressos.



Figura 02: Joe Oliver III na última capa da *Trip*.
Fonte: *Trip*, Ed. 286, março de 2020.

³ Respeitamos a forma original como a revista escreveu.



Figura 03: Anderson Silva é capa na edição sobre ser negro no país.
Fonte: *Trip*, Ed. 231, abril de 2014.

Para entender o corpo-impresso do negro na revista *Trip* na tensão entre um país “real” e editorial, tomamos a ideia de fantasmagorias (BENJAMIN, 2009), conceito que diz sobre imagens lançadas sobre matérias que ganham independência de seus criadores e alcançam o *status* de serem mais reais do que aquilo que elas representam. Essa ideia surge no contexto da cidade de Paris no século XVIII. Embora Benjamin (2009) tenha desenvolvido o conceito pensando em mercadorias culturais, entendemos que ele é potente para pensarmos corpos abjetos (BUTLER, 2001, p. 161; MISKOLCI, 2012, p. 24). Fazendo a apropriação da Teoria *Queer* para pensarmos, junto às fantasmagorias dos corpos-impressos, as pessoas negras como sujeitos também vistos como ameaças de uma suposta ordem.

Também queremos depositar nossa atenção aos corpos por dois motivos. O primeiro diz respeito ao que Frantz Fanon (2008) discute em *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Para o autor,

a experiência da colônia – nos países africanos, no caso de Fanon – produziu a raça e o lugar de inferiorização das pessoas que carregavam esse símbolo de distinção em seus corpos (FANON, 2018). Na América Latina, pesquisadores e pesquisadoras também vão pensar sobre os efeitos da colonização. Uma dessas contribuições é a conceituação da colonialidade do ser (MALDONARO-TORRES, 2007). Já em segundo lugar, porque é um elemento que se repete na revista *Trip*. Nas suas 286 edições, são poucas as capas que não foram estampadas por corpos. A primeira página das revistas é um espaço muito importante, pois é o primeiro texto lido pelo público leitor e não leitor. Ela apresenta a edição, seduz novos compradores, sintetiza o espírito da publicação (SILVA, 2003).

Pela sua importância, ela nos dá pistas sobre posicionamentos editoriais. No caso do periódico analisado – que na edição de 24 de novembro de 1991 passou a fazer capas duplas de forma constante, outras duas capas já tinham recebido versões alternativas –, apenas 11 não tinham nenhum corpo humano, nem que seja desenhado. É preciso levar em conta que não tivemos acesso, tanto no modo físico quanto no digital, a oito capas. Dessas 11, a edição 214, de agosto de 2012, utiliza um recurso de design para suprimir o corpo, uma régua simboliza um pênis (**Figura 04**). Outras nove, representam corpos a partir de desenhos ou figuras, como de bonecas, por exemplo. Por último, duas capas são fotos de ondas; mesmo assim, é possível ver corpos humanos bem pequenos, mas eles não são protagonistas das imagens. Tirando essas 22, mais as oito que não tivemos acesso, o corpo, seja inteiro ou em partes, repete-se em todas as capas⁴. Das 264 edições que estampam corpos em suas primeiras páginas, apenas 42 têm corpos negros. Somente a edição 231, de abril de 2014, tem um modelo negro nas duas capas.

Pode-se tentar explicar essa constância de corpos de diversas formas, mas, para nós, tal postura editorial desvela a presença, em *Trip*, de uma característica pedagogizante das revistas segmentadas por gênero, manifestada sobretudo nos corpos (MATOS; LOPES, 2008). Essas publicações situam seus leitores dentro das concepções aceitas sobre as gestualidades, modos de se portar e de aparentar dos corpos em um determinado momento (MATOS; LOPES, 2008, p. 62), indicando questões políticas, num sentido amplo e histórico, e culturais. Nesse viés, se pensarmos os processos comunicativos pela ótica de Jesús Martín-Barbero, que propõe uma reflexão quanto à dimensão comunicacional da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2009), focaremos, nessa pesquisa, em um produto midiático, buscando perceber o imbricamento da

⁴ O acesso às capas se deu a partir do próprio site da revista e pelo acesso às edições, falaremos melhor sobre esse acesso na sequência. **Disponível em:** <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/revistas/>>. Acessado em: 28 ago de 2022.

cultura, política e comunicação desvelado na revista *Trip*⁵. Nossa hipótese, considerando o atravessamento de *Trip* por mais de três décadas da história brasileira, é a de que concepções da nossa construção nacional, devido a ação da colonialidade, refletem a forma como os corpos são retratados na revista. Em outras palavras, considerando uma postura editorial pedagogizante, que recorta um mundo e o reporta sob olhares e pontos de vista específicos, *Trip* fala de Brasil e ao Brasil, a partir de seu público, construindo corpos-impessos que se baseiam e dizem de nossa estrutura sócio-histórica, tendo a raça como um elemento de fantasmagorias latentes de/em suas páginas. *Trip*, nesse sentido, se relaciona com ideais de nação que constroem questões étnico-raciais ao longo do tempo na impressão do corpo negro, o que faz perguntarmos como problema de pesquisa: de que forma a revista *Trip* constrói corpos-impessos negros a partir de um ideal editorial de Brasil?

A pergunta que guia este trabalho nos impõe desafios metodológicos, para os quais, acreditamos, o conceito de fantasmagorias nos ajuda. As fantasmagorias estão presentes na revista, sendo, por exemplo, um recurso recorrente nos primeiros anos da *Trip*. Nessas edições, era comum trazer uma pequena mostra do que teria na próxima edição. Uma foto com uma pequena legenda cumpria esse papel logo nas primeiras páginas. A edição 22, de junho de 1991, não fugiu da tradição e fez o convite, na página 3, para o leitor não perder o próximo número: o público é chamado para uma viagem à África (**Figura 04**). A fórmula é a mesma das revistas anteriores: uma foto ocupa quase todo o espaço, e o texto possui apenas duas linhas. O que se destaca das outras vezes são aqueles que estão sendo fotografados. Os modelos encaram o leitor, possuem um ar altivo, mas ambos estão nus. O homem está com o pênis à mostra, enquanto a mulher tem seus seios expostos. O cenário remete a uma África antiga, quase bárbara. Parece haver uma confusão temporal na imagem. A publicação captura e reproduz a ideia do continente africano como algo ultrapassado, fixa um imaginário social sobre esse lugar no mundo.

⁵ Ao indicar a constituição de um olhar comunicacional para o estudo de fenômenos que condizem com as realidades históricas latinas e brasileiras, Prado, Tavares e Tavares (2020, p. 45-46), lançam perguntas que dialogam com a concepção de Martín-Barbero: “de que modo mensagens, públicos, e materialidades, articulam circuitos simbólicos e revelam continuidades e rupturas? Como instituições, sujeitos e acontecimentos pautam e modelam sociabilidades? De que maneira certos valores e significados sociais são atualizados reformulando presentes, passados e futuros? Como reconhecer sujeitos, espaços e tempos entre simetrias e assimetrias comunicativas? Que contradições e sensibilidades despontam ou se apagam?”

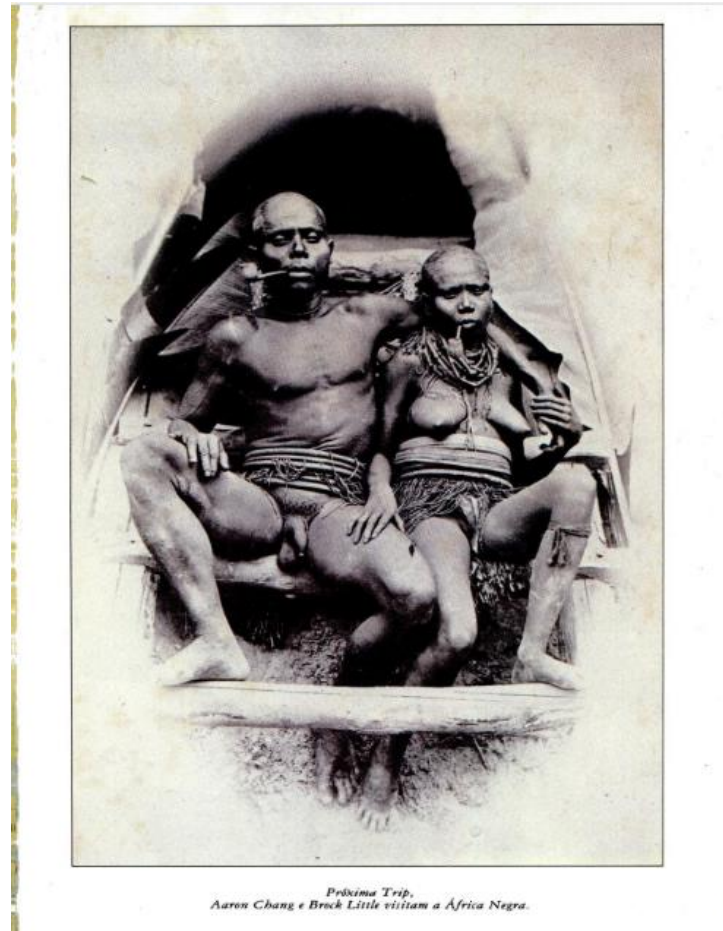


Figura 04: Uma África "selvagem" é apresentada na *Trip*
Fonte: *Trip*, Ed. 22, junho de 1991.

Como se sabe, o processo da colonialidade moldou e interferiu na vida dos sujeitos nos territórios colonizados (FANON, 2018; MALDONARO-TORRES, 2007; MBEMBE, 2018). Esse processo instaurou uma forma de ver no mundo, passada a nós tal qual uma herança. Para se compreender a América Latina e o Brasil, é necessário entender a colonialidade, que deve ser percebida não como uma disputa de força bélica entre nações, mas como um processo profundo de subjugação da subjetividade de povos. Quijano (2005a) faz uma importante contribuição para os estudos decoloniais, que problematizam desde o século XX a colonialidade, com o seu trabalho em conceituar a colonialidade do poder, que pode ser definida como um padrão de poder firmado na ideia do mercado capitalista e na noção de raça. No entanto, nesse sistema, a relação de poder imposta é desenvolvida de forma mais profunda a partir da articulação do trabalho, conhecimento, autoridade e relações subjetivas (MALDONARO-TORRES, 2007, p. 131).

As sociedades capitalistas passaram por profundas transformações no século XIX e início do século XX. Essas mudanças puderam ser percebidas na vida concreta dos sujeitos

dessas sociedades nessa época. As modificações ocorreram tanto nos ideais quanto na própria paisagem urbana. Walter Benjamin (2009) refletiu sobre essas transformações em *Paisagens*, uma obra não finalizada. Nesse livro, o autor aborda um conceito caro para nós, a fantasmagoria:

A qualidade pertencente à mercadoria como seu caráter de fetiche precede igualmente à sociedade produtora de mercadorias - não como é nela mesma, sem dúvida, mas como quando se representa a si mesma e julga entender a si mesma sempre que se abstrai do fato de que produz, precisamente, mercadorias. A imagem que ela produz de si mesma dessa maneira, e que ela habitualmente rotula de sua cultura, corresponde ao conceito de fantasmagoria (BENJAMIN, 2009, 669).

A partir dos escritos de Benjamin, podemos entender as fantasmagorias como imagens que a sociedade produz sobre si e sobre as coisas que ganham autonomia frente aquilo que elas retratam. Elas tomam o status de serem a realidade, mesmo que não correspondam a ela. Essas imagens são descoladas das pessoas e grupos que as criaram. Sendo assim, tornam-se independentes. Esse processo dificulta identificá-las como sendo meras representações ilusórias, pois elas se emancipam da ideia de estarem inscritas dentro de uma produção social, o que, paradoxalmente, tornam as fantasmagorias em realidade, já que é com elas que interagimos e nos relacionamos.

O autor faz alguns percursos ao falar desse conceito. Ele fala da fantasmagoria atrelada à natureza, à arquitetura e, também, a uma ideia de progresso, a partir de uma crítica a Louis-Auguste Blanqui. “Blanqui se preocupa em traçar uma imagem do progresso que – antiguidade imemorial, exibindo-se numa roupagem de última novidade – revela-se como fantasmagoria da própria história” (BENJAMIN, 2009, p. 66). A fantasmagoria é múltipla, ela se reflete em vários lugares.

Essa ideia de progresso nos parece ser reveladora, pois, ao pensarmos nas colônias, percebemos que essa era uma questão também imposta a esses locais. Mesmo que aos sujeitos explorados o progresso seja algo sempre em crise e incompleto, já que são eles a mão de obra dos exploradores. Ao se colocar como moderna, a Europa Ocidental se põe em um posto “o mais novo e o mais avançado da história humana. E o signo distintivo dessa modernidade da emergente identidade europeu-ocidental é sua específica racionalidade” (QUIJANO, 2005b, p. 22). Isso cria um sinal de distinção: se não somos a parte ocidental do continente europeu, não somos modernos. E a partir da lógica dicotômica da colonialidade, entre o bom e o mau, o progresso e o atraso, impõe-se, também, um norte a ser seguido. Esse caminho a ser trilhado, que é apresentado pela modernidade, não termina no destino, pois a modernidade opera dentro da lógica da mistificação, ela “anuncia o possível, embora não o realize” (MARTINS, 2012, p.

19). Baseados em Martins, Prado, Tavares e Tavares (2020) defendem que se deve, por um olhar comunicacional, fugir de uma “passividade” frente à modernidade. Isso implica em, dizem os autores, necessariamente, não “colocar em crise os fenômenos e a partir disso conhecê-los. Antes, basta assentir que a crise precede a interpretação destes, sendo, ela própria, sua condição de existência” (PRADO, TAVARES, TAVARES, 2020, p. 46).

Assim como os efeitos da colonialidade são sentidos na coletividade, o conceito de fantasmagoria também opera nessa lógica. Benjamin se apropria do discurso da psicanálise sobre os sonhos para pensar o conceito e a sua atuação nas pessoas. Fernando Bee (2016) nos ajuda entender esse movimento feito pelo autor:

Em analogia com a função do sonho na psicanálise, Benjamin vê as imagens criadas pela consciência coletiva como mecanismo através dos quais a sociedade projeta os desejos que ainda não puderam ser satisfeitos na realidade por causa de deficiências sociais que ainda não foram superadas. Por isto essas imagens são ao mesmo tempo imagens oníricas e desiderativas. No entanto, apesar de parecer uma função positiva, o estado onírico ressalta que o coletivo está preso em uma percepção parcial da realidade, assim como o indivíduo que sonha está preso em um universo subjetivo, que remete à realidade somente por meio de um desvio dela (BEE, 2016, p. 215)

É essa noção de realidade coletiva distorcida que nos interessa pensar. Sendo uma consequência da modernidade que opera como um padrão a ser seguido, as fantasmagorias também poderiam ocorrer entre os colonizados, tornando-se um elemento de “reprodução” histórica. O processo de colonialidade fixou papéis sociais a determinados grupos, como pessoas negras, indígenas e mulheres; funcionalidades foram dadas e naturalizadas a esses sujeitos. Defendemos que, assim como fantasmagorias, esses papéis correspondem à realidade a partir de imagens criadas sobre um desejo do real, fortalecida com o tempo e no tempo.

Marc Berdet (2018. p. 177) ressalta a ligação do conceito ao capitalismo. O autor ressalta que a intenção de Benjamin era analisar o imaginário capitalista em locais em que as pessoas admiram bens industriais. Os corpos das pessoas negras foram entendidos como produtos de consumo e mão de obra no regime escravocrata (MBEMBE, 2018). Mesmo que não sejam produções industriais, essa aproximação pode se provar possível a partir de Quijano (2005b), que defende que o processo da modernidade europeia começa nas terras da América Latina com a exploração de mão de obra de indígenas e negros.

Dessa forma, queremos pensar a fantasmagoria dos corpos – tendo o contexto brasileiro como tela, suas relações com contextos históricos de exploração e as matrizes de dominação que os envolvem – por compactuarmos com o pensamento de que a forma como determinados corpos são socialmente construídos dependem de características de sua materialidade (GOELLNER, 2013). A fantasmagoria pode ser uma chave para compreender os mecanismos

de criação de distinções dos corpos, incluindo-se aí, contemporaneamente, corpos-impressos. Dentro da lógica da modernidade, os corpos foram moldados a partir de suas funcionalidades dentro de um sistema capitalista. No processo de modernização da Europa Ocidental, valores morais passaram a incidir sobre os corpos. Dessa forma,

Acentuava o visível e estabeleceria uma relação direta entre a aparência física, o porte, a beleza e a morfologia de um determinado homem ou mulher e sua virtude honra e bons costumes. A modernidade envolveu também a constituição de um *ethos* ideal de comportamento, centrado nas qualidades requeridas para seu funcionamento econômico: capacidade de entrega ao trabalho, conduta moderna e virtuosa, racionalidade produtiva e busca de um benefício estável e contínuo (VIGOYA, 2018, p. 136)

Como veremos mais à frente, essa questão deságua nos países que foram colônias como fortes questões raciais. A ideia moralizante se encontra com a ideia de progresso. Entendendo progresso como um padrão dos símbolos europeus a ser conquistado, os corpos passam a ser vistos a partir das utilidades e funções inventadas para eles, imagens daquilo que eles deveriam ser. A definição de raça apresentada anteriormente como “simulacros de superfície” (MBEMBE, 2018, p. 27) conversa com a ideia de fantasmagoria.

Essas fantasmagorias sobre os corpos sustentam aquilo que entendemos como nação a partir da colonialidade, tanto que ela é usada para manter a ordem e dar continuidade a esse padrão:

Certos períodos ou momentos históricos de crise requerem a produção estatal de indivíduos que encarnam a “santidade” capitalista moderna (desde que visível em sua cor de pele branca) e que proponham “salvar” ou melhor proteger a nação da heterogeneidade (seja cultural, étnica, racial, sexual, religiosa ou política) percebida como o sintoma fundamental da crise ou da decadência espiritual da nação (VIGOYA, 2018, p. 144).

Vigoya (2018) nos diz que fantasmagorias sobre homens brancos salvadores da pátria são lançadas, quando necessário, para assegurar a estabilidade do modelo de colonialidade. Nos questionamos, então, se fantasmagorias são lançadas sobre sujeitos negros também na tentativa de garantir esse padrão. Acreditamos que a resposta seja positiva, e, pela importância desse elemento, acreditamos que elas ocorram a partir do corpo desses indivíduos. Por serem as revistas meios de comunicação que tentam ordenar o mundo em um espaço delimitado, estarem inseridas no modelo capitalista de produção e refletirem a sociedade, pensamos que elas são locais em que seja possível fazer essas observações.

Fantasmagorias são conceitualmente diluídas entre a realidade e o imaginário. Ao reconhecê-las, estamos fazendo um outro movimento, o de negá-las como realidade única, já que a fantasmagoria pressupõe ser imagens que tomam o lugar da realidade concreta daquilo

que ela é atrelada. No entanto, é necessário reconhecer que qualquer produção de uma realidade é, em si, uma realidade, o que diz sobre as fantasmagorias serem sim realidades, porém que correspondem a algumas projeções sobre o real, ligadas a noção de poder. Nesse sentido, entendemos a fantasmagoria como uma estratégia, que desconsidera outras atualizações das realidades. Dessa forma, pensamos as fantasmagorias como mecanismo que desatualiza – ou, até mesmo, nega – outras temporalidades e espacialidades, ancorando-se a ideia de progresso e, dessa forma, retornando ao passado.

Nos interessa a investigação das fantasmagorias no atravessamento de raça e colonialidade sobre o corpo-impresso das pessoas negras. Não nos voltaremos para a busca de outros tipos de fantasmagorias que possam existir nas páginas da revista. Por isso, a ideia de corpo-impresso e reflexões sobre a colonialidade podem ser o fio que sustenta essa “corda bamba metodológica”.

Seguindo na construção do caminho metodológico, partimos da série de características das revistas que as diferem de outros produtos midiáticos. Para Frederico de Mello Brandão Tavares (2021), as revistas são um produto editorial antes mesmo de serem jornalísticas (p. 195). Podemos elencar uma série de fatores que colaboram com a classificação acima como, por exemplo, ela ser um objeto colecionável, assumir um tom de voz textual mais dialogal com o leitor (SCALZO, 2011), ter uma preocupação primária com a forma e a formatação final do trabalho (FRANÇA, 2013), entre outros.

Ainda segundo Tavares (2021), “a revista, como produto, pode ser considerada um tipo de repositório, um grande espaço no qual se aloca uma infinidade de assuntos, com viés mais amplo ou especializado, falando para um grande público ou para públicos específicos” (p. 196). O autor parte do significado da palavra “revista”, em português, e “*magazine*”, em inglês, para chegar a essa definição. “Visto de novo”, no significado nacional, nos remete a ao fato do periódico ser colecionável e acessível quando necessário. Enquanto na tradução da língua inglesa, temos o sentido de mercado com produtos variados (TAVARES, 2021).

Essas questões levantadas nos dão dimensão de alguns desafios postos no recorte do *corpus* da pesquisa. Sendo as revistas representações de seu tempo (SCALZO, 2011; SARLO, 2010 *apud* TAVARES, 2021), “ver de novo” edições antigas é correr o risco de olhar para elas ignorando as pulsões do período em que foram produzidas, pois isso complexifica as possibilidades de análise, já que a temporalidade entra no eixo analítico. Ao mesmo tempo, rever as publicações com um determinado afastamento dos lançamentos permite capturar as cadeias de sentidos construídas.

A noção de “*magazine*” das revistas também traz outras questões. Pensá-las como lojas com diversos itens, divididas em gandas – ou seções –, confere uma dimensão física para o objeto. Passear pelos corredores de justaposições de diversos textos é seguir um fluxo próprio. Apesar da montagem proposta pela produção editorial, é possível subverter a leitura linear e propor uma forma própria de folhear as páginas. Traçar, então, o caminho percorrido durante a análise torna-se necessário para que saiba quais corredores estiveram na trajetória da pesquisa.

Diferente de outras revistas (CORRÊA, 2006; SOUZA, 2021; MOURA, 2021), a figura do corpo negro na revista *Trip* é constante, mesmo que isso não se dê em suas capas. Dessa forma, a seleção das edições a serem analisadas deveria ocorrer de uma outra forma que não fosse a partir dessas aparições. Na busca pelos corpos negros de maneira outra, a partir do olhar e suas afetações possíveis, a edição 137, de setembro de 2005, despertou nossa atenção. A edição é uma campanha de informação sobre a importância do desarmamento no Brasil, um posicionamento político e editorial.

Antes mesmo que houvesse uma pesquisa para que se pudesse entender o cenário daquela época, chamou a atenção o fato de que uma defesa de um ideal de país fosse feita com tanta veemência pela publicação. O referencial “teórico” da edição era construído a partir de discussões sobre a identidade nacional. Isso nos levou à ideia de recortar o *corpus* com bases geográficas, mais precisamente as edições que tematizavam ou citavam o Brasil em suas capas. Dessa forma, chegamos a 69 edições. Para a análise, selecionamos as edições em que as matérias carregavam, segundo nosso olhar, “fantasmagorias da colonialidade” e nas quais os corpos, negros e brancos, apareciam. O reconhecimento das fantasmagorias foi embasado nas características de colonialidade trazida pelo referencial teórico. Alcançamos, ao final, o número de 15 edições, nas quais iremos analisar, em 21 matérias e seus textos complementares (alguns editoriais e entrevistas), como ideias de um projeto nacional são acionadas na constituição de fantasmagorias sobre os corpos negros. O capítulo 03 da dissertação abordará com mais detalhes a construção desse recorte, no entanto, é válido dizer aqui que o acesso às edições aconteceu por meio de edições físicas tanto do pesquisador quanto do orientador e também das edições digitais presentes na plataforma *Google Books*. Nos Anexos, é possível ver, além das edições que não tivemos acesso, as que foram acessadas de forma física e aquelas que analisamos de maneira digital, estas com seus respectivos links.

A partir desse percurso, a dissertação está dividida, além dessa Introdução, em três capítulos e as Considerações Finais. No primeiro capítulo, observaremos algumas formas como a identidade nacional foi enxergada ao longo da história brasileira bem como as relações que esses ideais possuem com a colonialidade, além da forma como eles influem nos espaços

relegados a sujeitos de determinadas raças, incidindo sobre corpos individuais e coletivos. Por fim, veremos como a ideia de nação perpassa a revista *Trip*, considerando algumas de suas questões identitárias, retomando e problematizando (auto)referências da publicação.

Já no segundo capítulo, discutiremos sobre o corpo e seus significados sociais. Veremos como o corpo é constituído culturalmente, o que significa que a partir de determinados posicionamentos da sociedade alguns corpos são vistos de forma diferente. A partir disso, pensaremos qual é o lugar do corpo negro na sociedade e nas páginas das revistas, tendo o corpo-impresso como ponto de chegada, no diálogo com questões editoriais e “nacionais”.

O terceiro capítulo avança analiticamente sobre as edições do *corpus* da pesquisa, estudando, desde o problema central e dos aspectos teórico-metodológicos, as 15 edições da revista *Trip* selecionadas, em busca de fantasmagorias sobre os corpos negros – a partir dos projetos de nação que emergem da publicação estudada. A dissertação se encerra com as Considerações Finais e as referências.

CAPÍTULO 01 – Brasil em revista: criação nacional, colonialidade e raça

Em julho de 2014, a edição de número 234 da revista *Trip* trazia em sua capa o ator Lázaro Ramos segurando uma placa em que se lê “Que país é este?”. A capa faz o questionamento a partir do paralelo dos protestos que tomaram conta do país em 17 de junho de 2013 com a realização da Copa do Mundo, sediada pelo Brasil, um ano depois, ou seja, 17 de junho de 2014. Somos levados a pensar que a publicação se debruça a entender as profundas questões sociológicas nacionais – o nome do antropólogo Roberto Damatta, escrito na lateral da foto, reforça isso. O questionamento de como um país vai dos protestos à celebração de uma Copa foi a forma encontrada pela publicação para tematizar o campeonato mundial de futebol. Embora esses eventos tenham ocorrido fora das páginas da revista, o acontecimento, conforme relatado pela edição, ocorre dessa forma por decisões editoriais da *Trip*. A escolha de dizer sobre a Copa a partir das aproximações e afastamentos das manifestações de junho de 2013 é da revista. A organização dos fragmentos noticiosos para produzir sentido e reflexões sobre o contemporâneo se dá dentro de sua linha editorial.

Para Renné Oliveira França (2013), é comum que a formatação das revistas anteceda o fato. Sendo assim, “o acontecimento não é tematizado, mas, antes, existe apenas por causa do tema e pelo espaço discursivo da revista que define inicialmente em que se consistirá a matéria” (FRANÇA, 2013, p. 94). Tal feito demonstra os atravessamentos institucionais no produto jornalístico final, e, como instituição, não estamos tratando apenas das publicações e editoras, falamos, também, das estruturas sociais que perpassam esses modelos mercadológicos. As páginas não trazem o fato em si. A própria compreensão do fato pode ser pensada pelas interferências sociais exercidas sobre ele desde a revista e para além dela.

Neste capítulo, problematizamos como a constituição nacional brasileira reflete na forma como as revistas criam suas realidades revistalizadas, lendo o mundo a partir de sua ótica editorial e oferecendo aparatos para que os seus leitores leiam o mundo (TAVARES, 2011; FRANÇA, 2013; VOGEL, 2013). A prática jornalística está inserida em um contexto cultural e de subjetividades, no campo das tensões entre afetar e ser afetado. Sendo assim, em sua atuação, que partirá sempre de um lugar socialmente situado, entendimentos da constituição nacional podem ser cristalizados ou até mesmo renegados. Mesmo o jornalismo possuindo métodos que tentam eximir a prática profissional de um posicionamento político e social, ele é produzido por indivíduos que não conseguem se deslocar de suas realidades e, dessa maneira,

de toda a carga subjetiva construída por ela. Essas estratégias, que buscam simular uma isenção de lados, são, então, formas de camuflar os locais dos quais aqueles que produzem as notícias falam. E aqui há um atravessamento de posicionamentos pessoais e institucionais. Dizer isso, portanto, não é o mesmo que afirmar a passividade dos profissionais à realidade. A partir da definição de revistas, proposta por Daisy Vogel (2013) como montagens de justaposições de textos de múltiplos formatos na reflexão sobre o contemporâneo – sendo o contemporâneo entendido não como atualidade e, sim, movimento simultâneo de adesão e dissociação do tempo, a interpretação do presente pelo passado e futuro (VOGEL, 2013, p. 19), compreende-se um papel ativo de reflexão dos profissionais que atuam e perfazem esse meio.

Tavares (2011) ressalta o papel da linguagem na construção da realidade jornalística. É a partir dela que o cotidiano é acionado em uma dupla perspectiva: mostrar qual cotidiano merece o interesse do leitor e que cotidiano é esse. Isso não seria uma construção da realidade, mas uma espécie de ordenação da realidade dentro do interesse jornalístico. Sendo assim, a imparcialidade jornalística não pode ser considerada como algo possível de existir. Os jornalistas, em suas funções de produtores de notícias e reportagens, são sujeitos afetados por uma realidade social. Dessa forma, o jornalismo conserva e atualiza a realidade social internalizada nos sujeitos (TAVARES, 2011; MEDITSCH, 2010).

A revista *Trip* assume editorialmente uma posição atenta às transformações sociais. Mas como isso ressoa na publicação em relação às características que sofreram um processo histórico de naturalização na sociedade brasileira? Quando, em tom crítico, a publicação pergunta em sua capa “que país é este”, mesmo dando a entender que a resposta é mais complexa do que cabe no espaço reservado para texto, foto e publicidade, qual é o referencial usado para se compreender o Brasil? Como esse referencial carrega e atualiza um lastro editorial? O que marca e transcende esse mesmo lastro? Qual agenciamento do mundo e da realidade nacional efetivamente se promove? Que corpos aparecem e como? Das reflexões sobre o contemporâneo, nos termos de Vogel (2013), feitas pelas revistas, o que do passado é refletido nesses periódicos sem profundas críticas?

Levantamos essas questões por entendermos que, a partir dos corpos predominantemente brancos e masculinos em posição de superioridade, dos corpos minoritários em posição de inferioridade e das fantasmagorias produzidas desses corpos, há um projeto de nação, desenhado e diluído em nossa sociedade, presente na revista e articulado por ela. Repetido, absorvido, passado adiante, esse plano permanece como bússola da vida social. Para nós, as revistas, entre elas as segmentadas pelo gênero, também ensinam sobre esse modelo de país, nos afetando e sendo afetadas pelos tensionamentos desses entendimentos sobre o

nacional.

1.1. Que país é este: o que é o Brasil?

Antes da já citada edição de julho de 2014, o clima das manifestações de junho de 2013 tinha sido tematizado por *Trip*. Em março de 2014, a edição 230 falava sobre uma tensão que assolava o país, descrita como uma convulsão social. O número traz um longo especial que busca entender se a melhor opção seria sair ou ficar no país. No texto de abertura das matérias ligadas ao tema, a revista é categórica: “todos os dias temos notícias de um Brasil que não dá certo e cujas instituições se veem acuadas em becos desconhecidos” (TRIP, 2014, p. 55). Isso nos faz supor que o país saiu de sua rota, algum desalinhamento de seu projeto de nação aconteceu. É preciso se perguntar, então, que rota seria essa em que o país se encontrava. Além disso, quais os motivos causaram a mudança de percurso. Entendemos que a revista parte de um entendimento de projeto nacional que perdeu o rumo.

No entanto, ao olharmos para a história brasileira não é possível falar de projeto nacional no singular. O melhor seria empregar a expressão no plural, já que no decorrer do tempo vários projetos foram concebidos. Para Renato Ortiz (1986), cada época, a partir de interesses políticos e sociais daquele tempo, demanda uma narrativa própria para a nossa construção nacional. E podemos pensar a nação “como uma comunidade de destino, acima das classes, acima das regiões, acima das raças. Para isso, é preciso adquirir uma consciência de unidade, a identidade, e, ao mesmo tempo, é necessário ter consciência da diferença em relação aos outros, a alteridade” (FIORIN, 2009, p. 117). É necessário que esses entendimentos sejam consolidados para que se transformem em identidade:

Cada povo só o é por se conceber e viver justamente como destino. Quer dizer, simbolicamente, como se existisse desde sempre e tivesse consigo uma promessa de duração eterna. É essa convicção que confere a cada povo, a cada cultura, pois um e outro são indissociáveis, o que chamamos de “identidade. (LOURENÇO, 1999, p. 89)

O que garante, então, a sua possibilidade de existência é o conjunto de elementos simbólicos e materiais que conectam o seu povo, guiando sua unidade (FIORIN, 2009, p. 116). Diversos meios podem ser utilizados para esse fim, como por exemplo as bandeiras, a língua, o folclore, entre outros. As próprias revistas são meio capazes de propagar esses símbolos que ajudam a fixar a sensação de identidade.

Um desses elementos representativos para pensar a construção nacional é o pano de boca de teatro que representa o Brasileiro (**Figura 05**), pintado por Jean Baptiste Debret, em encomenda feita pelo, à época, Ministro do Reino e dos Estrangeiros José Bonifácio de Andrade

Silva. A pintura foi em motivo da coroação de D. Pedro I como Imperador do Brasil, em 1822. Na imagem, é possível ver a representação múltipla dos povos que habitavam aqui, no entanto, era apenas o reforço imagético do apoio da população ao novo governo (SEIXLACK, 2011, p. 9). É interessante pensar a utilização desse símbolo na implementação do imaginário nacional. Embora a definição daqueles que seriam considerados brasileiros só ganharia contornos no ano seguinte, com a Assembleia Constituinte de 1823, recursos eram implementados para a fixação de um ideário.



Figura 05: Pano de boca do Teatro Tribunal por ocasião da coroação de D. Pedro I.
Fonte: Jean Baptiste Debret, 1822. *Wikimedia Commons*.

A imagem nos revela um grupo diverso de pessoas em torno da figura monárquica. Embora houvesse na época uma tentativa de dissociação com Portugal, ainda se percebe uma hierarquia eurocêntrica retratada. Pensadores e pensadoras nos auxiliam a refletir sobre essa questão. Para Aníbal Quijano (2005b), a Europa tomou para si a superioridade econômica, moral e intelectual. No entanto, o seu desenvolvimento financeiro e, até mesmo, a ideia de modernidade foi firmada a partir da exploração da América Latina. O Capital vai se desenvolver não com a mão de obra e os recursos naturais da Europa, mas com a exploração dos territórios invadidos pelos países europeus. Foi a mão de obra forçada e gratuita dos povos tradicionais e negros escravizados na lida com as plantações naturais da nossa região e na mineração que alçou os colonizadores a uma posição de destaque econômica no mundo, permitindo “sobretudo a concentração de ingentes benefícios comerciais, e junto com eles também concentrar em seus próprios países o assalariamento ou mercantilização” (QUIJANO, 2005b, p. 21).

É possível perceber, então, que uma separação é posta entre aqueles que com seus esforços físicos geram as riquezas e aqueles que administram e usufruem dos bens gerados.

Essa é uma característica marcante desse sistema de poder. Como colocado por María Lugones (2014, p. 936), a dicotomia é um aspecto marcante da colonialidade, sendo a hierarquia dicotômica entre humanos e não humanos o ponto central desse padrão de poder. Dessa forma, podemos nos questionar quem pode ser considerado humano e a quem é dado o papel de não humano. No colonialismo, podemos responder dentro da mesma lógica dicotômica entre colonizador e colonizado. No entanto, como já dito anteriormente, a colonialidade ainda nos rege. É preciso pensar em suas formas e como elas fazem com que esse processo seja mais complexo do que binarismos.

A imagem acima retrata esta problemática. Ela é um símbolo que nos revela que a mitologia de uma nação brasileira começou a ser erguida ainda antes da independência. Podemos considerar José Bonifácio de Andrade e Silva um dos primeiros a formular uma mitologia brasileira. Conhecido como o Patriarca da Independência, foi um dos principais ufanistas do Brasil. A partir do tripé natureza, política e religião, elaborou princípios que reverberaram em outros ideais nacionais (MACIEL, 2020). Fabrício Maciel (2020), ao estudar a identidade nacional ao longo da história, considera como um aspecto fundamental para entendermos parte da nossa identidade o ideário de Bonifácio de que o povo brasileiro era ingênuo e, por isso, a existência da necessidade de a elite dominante guiar o país para o progresso e a modernização – esse anseio pelo progresso é, como veremos adiante, um aspecto político da colonização.

Os defensores da independência identificavam um problema para a criação de uma nação hegemônica: os indígenas e negros presentes no território. Pairava o entendimento de que a cultura europeia seria a balizadora da soberania do Império brasileiro. Uma possibilidade de resolução dessa problemática seria a incorporação desses sujeitos que não representavam os valores europeus, mas, para isso, era preciso que essas pessoas fossem integradas ao projeto de nação brasileira. Isso significa o apagamento cultural desses povos e a imposição de medidas civilizatórias (SEIXLACK, 2011, p. 2; MACIEL, 2020), algo que desde a colonização já era feito, mas que mais tarde foi enraizado na colonialidade. Em outras palavras, indígenas e pessoas negras não eram consideradas brasileiras por terem traços culturais distintos ao do ocidente europeu. Embora a discussão estivesse pautada na emancipação do território brasileiro do poderio europeu, nota-se que o pensamento eurocentrado se manteve constante. A colonização foi um sistema econômico e político que deu partida à colonialidade, mais perene que o modelo de exploração implementado nas Américas e África. Discutiremos sobre isso mais adiante.

José Bonifácio de Andrade e Silva foi autor do projeto político *Apontamentos para a*

civilização dos índios bravos do Império do Brasil (1823) e do *Representação à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura* (1825). Em ambos os documentos apresentados à Assembleia Constituinte, no ano de 1823, o estadista rechaça o tratamento violento dado a esses grupos – defende, inclusive, o fim do tráfico de pessoas escravizadas – e traça ideias de incorporações dessas pessoas ao projeto de nação. O ponto central dos projetos é que a solidificação de uma nação homogênea só seria possível com a incorporação desses grupos. O autor apresenta a defesa de que é possível civilizar negros e indígenas, tendo a moral cristã um papel importante sobre isso. Um outro elemento apresentado pela pesquisadora Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack (2011) diz respeito sobre a preocupação com a segurança nacional: o não pertencimento desses sujeitos arriscaria a integridade, até mesmo, física dos brancos. Esse temor se mostra maior em relação à comunidade negra devido a sua proporção. “Desligados de qualquer tipo de vínculo que une uma comunidade nacional, os escravos seriam inimigos públicos, que não hesitariam em sublevar-se contra a minoria branca, levando o Império do Brasil à desagregação” (SEIXLACK, 2011, p. 6).

Na imagem apresentada acima (**Figura 05**), podemos ver a pintura, de 1822, representando o brasileiro com pessoas negras, indígenas e brancas. No entanto, a Constituinte de 1823 não englobaria todos os habitantes do império. Ela definiria papéis hierárquicos dentro da sociedade dividindo a população entre *brasileiros*, *cidadãos* e *membros da sociedade imperial*. Escravizados e indígenas não seriam considerados cidadãos por não integrarem o pacto social da nação brasileira, ou seja, não teriam direitos políticos e civis. Diferente dos libertos que seriam considerados cidadãos (SEIXLACK, 2011). O caminho para essas resoluções foi movido por intensas discussões, mas fica claro que

predominava na Assembleia Constituinte a noção de que a melhor forma de manutenção da ordem social seria a incorporação do liberto na condição de cidadão. Ao integrarem o universo dos homens livres, os libertos se distanciariam civilmente tanto de seus companheiros de cor escravizados como dos indígenas. Enquanto aqueles poderiam almejar no seu horizonte de expectativas o exercício dos direitos de cidadania, estes últimos teriam que se contentar com o título de “simplesmente Brasileiros”, permanecendo excluídos dos laços que compunham o corpo político e sendo reconhecidos apenas como habitantes do território imperial. (SEIXLACK, 2011, p. 15)

No entanto, a discussão sobre aqueles que compõem essa nacionalidade não se deu por vencida. A busca por um típico brasileiro foi uma preocupação, também, da intelectualidade do regime republicano. Na primeira fase da República havia uma busca pelos elementos nacionais como contraponto ao período monárquico. Nísia Trindade Lima (1998) destaca as viagens ao interior do Brasil como um momento importante de busca sobre a identidade no novo período

republicano. Com o recente sistema instaurado, existia uma necessidade de afirmar o modelo político. Euclides da Cunha é reconhecido como um dos pioneiros daquilo que seria o começo das Ciências Sociais no país. A obra *Os Sertões* o consagra nesse lugar. É possível verificar em seu trabalho o retrato do litoral brasileiro como uma mimese imperfeita da Europa, uma cópia mal-feita (LIMA, 1998).

Se de um lado a crítica à inautenticidade da cópia de um modo de vida exportado estava concentrado no território litorâneo e na capital – à época o Rio de Janeiro –, o interior do país era visto como possibilidade do encontro da autenticidade brasileira. O sertão, mesmo representado como um lugar averso ao civilizatório e ao moderno, ganha o interesse de intelectuais da época:

Este giro sobre os pés, que leva o intelectual a dirigir o olhar para o interior do país, permite que se superponha ao dualismo mais comumente associado à visão negativa sobre o Brasil “civilização x barbárie” uma oposição que de certa forma se aproxima à apontada por Norbert Elias (1990) em sua discussão sobre a gênese dos conceitos de cultura e civilização na Europa do século XVIII. Trata-se, em nosso caso, de uma oposição entre civilização de copistas e cultura autêntica, cultura que, em todo caso, ainda estava por ser “descoberta”. Nessa perspectiva, sertão assume o sentido de núcleo da construção da nacionalidade brasileira; ideia magistralmente apresentada na obra de Euclides da Cunha. (LIMA, 1998, s/p)

O que Euclides da Cunha defendia não era o desprezo pelo litoral, mas a conciliação desses opostos por meio de um projeto de nação que fosse capaz de incorporar toda a extensão territorial da república. Uma ideia compartilhada por outros cientistas – que por vezes se colocavam mais no papel de exploradores – como Cândido Mariano da Silva Rondon. O sertanista defendia a incorporação do sertanejo e do indígena no projeto nacional (LIMA, 1998). Mais uma vez vemos a ideia de incorporação de uma cultura a outra, e não a coabitação das diferenças étnico-culturais.

Esse olhar para o interior, no entanto, proporcionou algumas descobertas científicas importantes para a história da ciência no país. Durante o ano de 1912, o Instituto Oswaldo Cruz promoveu três viagens científicas patrocinadas pela Inspetoria de Obras contra as Secas com o intuito de realizar pesquisas que subsidiassem as ações do órgão fomentador (MELLO & PIRES-ALVES, 2009, p. 149). Queremos destacar duas delas e algumas de suas conclusões. Uma delas é a primeira expedição, capitaneada por Adolpho Lutz e Astrogildo Machado, que percorreu do vale do São Francisco de Pirapora, em Minas Gerais, a Juazeiro, na Bahia (MELLO & PIRES-ALVES, 2009; LIMA 1998). Os cientistas apontam a baixa presença de indígenas na região, porém uma predominância de mestiços filhos de brancos com negros. Também observam o atraso da região e atribuem essa situação à “questão racial, ao clima e à distância de muitos povoados em relação ao litoral” (LIMA, 1998, s/p).

No entanto, a terceira expedição do Instituto Oswaldo Cruz traz um significado diferente para a noção de atraso sobre as regiões estudadas. Os médicos Belisário Penna e Arthur Neiva comandaram a viagem por localidades do Nordeste e parte do estado de Goiás e elaboram conclusões diferentes da anteriormente mencionada:

O retrato do Brasil, então esboçado, aponta a doença, e não o clima ou a raça, como principal problema para o progresso das regiões. O atraso estava intimamente associado ao isolamento ou, para utilizar os termos do relatório, ao abandono a que eram relegadas as populações do interior do Brasil. (LIMA, 1998, s/p)

Segundo Ortiz (1986, p. 16), meio e raça serão os elementos argumentativos que irão sondar as interpretações da realidade brasileira entre os períodos dos séculos XIX e XX, como é possível observar nos resultados das expedições científicas ressaltados acima. O autor recorre ao historiador brasilianista Thomas Skidmore para pontuar que é justamente no período pós abolição que há a predominância de ideias racistas nos estudos da intelectualidade brasileira. Essa hegemonia é identificada entre os anos de 1888 a 1914 (ORTIZ, 1986, p. 22), o que não significa dizer que elas deixaram de existir após isso. A mestiçagem torna-se, assim, um problema para qualquer ideia de progresso para o país. No entanto, como fuga dessa predestinação ao fracasso decorrente da mistura racial, foi elaborada uma teoria do branqueamento:

Projetava-se para o início do século XXI a transformação do Brasil em uma nação quase totalmente branca por efeito de dois fatores: a imigração intensiva de europeus e o incremento da mistura entre brancos, negros, índios, redundando na extinção gradual dos dois últimos grupos, por sua suposta inferioridade. Nesse sentido, contornavam-se os rígidos princípios do racismo científico para adaptá-lo às contingências de um país acenuadamente mestiço. (DULCI, 2000, p. 233)

Um desses importantes pensadores brasileiros para o determinismo racial é Nina Rodrigues. Suas teorias qualificam as pessoas negras como subcategoria, sendo impossível que elas algum dia chegassem ao nível civilizatório dos brancos. Para ele,

A concepção espiritualista de uma alma da mesma natureza em todos os povos, tendo como consequência uma inteligência da mesma capacidade em todas as raças, apenas variável no grau de cultura e passível, portanto, de atingir mesmo num representante das raças inferiores, o elevado grau a que chegaram as raças superiores, é uma concepção irremissivelmente condenada em face dos conhecimentos científicos modernos (RODRIGUES, 2011, p. 1)

Esse pensamento embebido de teorias europeias era um pensamento comum na elite brasileira naquele momento. No entanto, é necessário distanciar-se da ideia de que essa era a única corrente intelectual da época. Ortiz (1989, p. 29) afirma que as teorias raciológicas viram hegemônicas no Brasil justamente no declínio dessas ideias na Europa. Sendo assim, houve uma escolha política em abraçar esses ideais. Bento (2002), ao refletir sobre branquitude, nos

convida a questionar: “quem quer ser brasileiro? Como o negro brasileiro se representa e é representado? Como o branco brasileiro se representa e é representado?” (2002, p. 25). Esse é um importante ponto de reflexão para até mesmo se lançar às vozes dissidentes que estiveram presentes contrastando com esses pensamentos, que é o caso do, também citado por Ortiz, Manoel Bonfim.

Em sua obra *A América Latina: males de origem (2008 [1ª ed. 1903])*, Bonfim apresenta uma perspectiva diferente do pensamento hegemônico de sua época. Ele propõe um olhar sobre o Brasil que tenha a América Latina como ponto de partida. A sua leitura é crítica à opressão dos países colonizadores, embora ainda compartilhe a visão de projeto de evolução que mira o ocidente europeu como meta. Outro ponto de divergência é a forma como compreende os negros e indígenas dentro da constituição da nação:

Estes povos primitivos se distinguem, justamente, por um conjunto de qualidades negativas – inconsistência de caráter, leviandade, imprevidência, indiferença pelo passado etc., à proporção que progridam, a civilização irá enchendo estes quadros vazios. Vem daí a sua grande adaptabilidade a qualquer condição de vida (de vida, e não de morte – como essas que se ofereciam aos negros e índios escravizados). Por isso, misturadas a outros povos, a influência que exercem estas raças é uma influência antes renovadora que diretriz. (BONFIM, 2008, p. 184)

Obviamente, essas palavras não são mais brandas que as de Nina Rodrigues ou até mesmo de Euclides da Cunha, mas, diferente destes, ele acredita na potencialidade da mistura racial como um elemento de equilíbrio das características negativas do colonizador.

Podemos acionar a ideia de colonialidade para refletir o local pensado por esses intelectuais para as pessoas negras e indígenas. É possível ver a Europa como um correlativo daquilo que é o anseio do povo branco brasileiro ser. Dessa forma, suas subjetividades são construídas a partir desse local. E a Europa não se coloca apenas no centro do poder político e econômico, ela se autodetermina como exemplo de racionalidade. Sendo assim, dentro da concepção dicotômica, aos habitantes dos territórios colonizados não são reconhecidos seus modos de ciência do mundo. Dessa forma, se “estabeleceu, não só, ao eurocentrismo como perspectiva única de conhecimento, mas também, ao mesmo tempo, descartou por completo a produção intelectual indígena e afro como “conhecimento” e, conseqüentemente, sua capacidade intelectual⁶” (WALSH, 2007, p. 104).

Esse processo, além de aniquilar as outras formas de inteligência e visão de mundo, é derivado da colonialidade do poder e serve de ferramenta para ela. Pois ao desacreditar que

⁶ Tradução nossa do original: “No sólo estableció el eurocentrismo como perspectiva única de conocimiento, sino que al mismo tiempo, descartó por completo la producción intelectual indígena y afro como “conocimiento” y, conseqüentemente, su capacidad intelectual” (WALSH, 2007, p. 104)

outras culturas possuem a mesma potência intelectual que a sua, mesmo que demonstrada de outras formas, inferioriza-se o outro, os sujeitos são impedidos de tomarem decisões, já que não são capazes de raciocinarem da forma como os colonizadores fazem. Sendo assim, a Europa Ocidental se autoproclama detentora da racionalidade, atribuindo essa característica como um ato de humanidade, considerando, então, todo o restante de saberes que não se aproximam de sua forma de cognição como animais (QUIJANO, 2005b; MALDONARO-TORRES, 2007).

A força da colonialidade do saber reside no fato de, mesmo após anos do fim do regime colonial, o eurocentrismo cognitivo ainda resiste em nossas instituições e nas nossas vidas privadas. Isso ocorre porque ela não é uma característica europeia, ela perpassa a barreira do tempo e passa a constituir aqueles que foram e são educados por sua hegemonia (QUIJANO, 2010). E ao considerarmos que outras formas de conhecimento foram desconsideradas e anuladas ao longo do tempo, historicamente naturalizadas, quebrar com o racionalismo eurocêntrico não se apresenta de uma forma simples. Um ponto interessante de se observar é que esse tipo de colonialidade diz respeito a uma dualidade entre corpo e mente. Cria-se a divisão entre os aptos para operarem com a razão e, por isso mesmo, humanizados, e aqueles que devem focar suas energias nos trabalhos corporais, os que são animalizados. Podemos notar mecanismos de identificação que ajudam na perpetuação do poder. Isso afeta toda uma forma de ser no mundo, o jeito como podemos nos imaginar ocupando o mundo, projetar futuros. O jeito que nossos corpos interagem com o ambiente é perpassado por essa visão distorcida que elimina as possibilidades de pluralidade dos modos de viver.

Os anos 1930 são um marco na forma como a miscigenação e as diversidades dos povos no Brasil é enxergada no país, mesmo que não seja um rompimento com o que foi dito acima sobre a colonialidade. Gilberto Freyre, a partir da sua obra *Casa Grande e Senzala*, de 1933, funda o mito da democracia racial brasileira. Bem como os outros pensamentos expostos aqui, esse também é um projeto político nacional, sendo assim, é importante destacar o quão recente é essa tentativa de dar conta das diferenças raciais do país (ORTIZ, 1986, p. 36). O antropólogo Kabengele Munanga (1999) reconhece avanços em Freyre sobre o debate da mestiçagem. O autor de *Casa Grande e Senzala* dá um salto interpretativo importante ao olhar para as questões raciais com a lente cultural, não biologicamente como outros autores faziam, aproximando essa visão da interpretação que se tem hoje em dia para etnia. Porém, sua análise era permeada por um olhar romanceado sobre os conflitos raciais que englobam o período (MUNANGA, 1999).

Por isso, essa nova perspectiva teórica não é suficiente para dar conta das incoerências nacionais sobre a raça, até mesmo porque ela é fabricada como um mito de um Estado moderno

(ORTIZ, 1986, p. 38) e encobre os conflitos sociais/raciais para forjar um falso senso coletivo de pertencimento à identidade brasileira (MUNANGA, 1999, p. 80). Para Ortiz (1986), não há ruptura entre Freyre e os intelectuais do final do século, pois ele apenas reinterpreta aquelas ideias racistas dando um salto interpretativo que realoca a cultura no local da raça. O autor modifica também o papel do mestiço na sociedade, tirando o peso negativo dessa figura, trazendo, então, os elementos culturais celebrativos como o futebol e o carnaval. Sendo assim, “o que era mestiço torna-se nacional” (ORTIZ, 1986, p. 41). Isso não significa a absorção do mestiço, negro ou indígena pela sociedade, tendo em vista que esse pensamento é uma mitologia nacional. Um exemplo é a política do trabalho imposta pelo Estado Novo, nos anos 1930, que desconsiderava práticas culturais negras e indígenas (ORTIZ, 1986, p. 42). Dessa forma, o que foi proposto é a adoção de símbolos culturais antes ligados aos negros e “mestiços” como nacionais, elevando essas características culturais há uma alta estima, mas, mesmo assim, promovendo o apagamento da população negra e indígena. As culturas negra e indígena são exaltadas, mas não os seus povos.

O pensamento de Freyre será uma marca importante para o imaginário sobre o Brasil tanto internamente quanto externamente:

Freyre argumentava que o Brasil era único dentre as sociedades ocidentais por sua fusão serena dos povos e culturas européias, indígenas e africanas. Assim, ele sustentava que a sociedade brasileira estava livre do racismo que afligia o resto do mundo. A noção de que o sistema escravagista e as relações raciais tinham sido mais benignos no Brasil do que nos Estados Unidos já era aceita; entretanto, Freyre transformou tal contraste num aspecto central do nacionalismo brasileiro, conferindo-lhe um status científico, literário e cultural que duraria pelo menos até a década de 80 (TELLES, 2003, p. 50).

Embora a teoria da democracia racial seja um mito, é importante conceituar o que seria isso. Enxergamos o mito como “um discurso sobre a origem das coisas, um discurso sobre o dia-a-dia, que não precisa ser real, ao contrário, é efetivo apenas na medida em que orienta a ação das pessoas, em que dá sentido às relações sociais do dia-a-dia” (GUIMARÃES, 2003, p. 104). Dessa forma, mesmo que ele não represente a realidade, ele é acionado em nosso cotidiano até mesmo para dar sentido a nossa experiência enquanto brasileiros. No entanto, a prática vivenciada é outra. Florestan Fernandes (1978), ao estudar a sociedade paulista, atestou que

Desde o início (e ainda hoje) o trabalhador negro precisa de compreensão atilada e de amparo constante, seja para encetar uma carreira, seja para persistir nela, seja para tirar o máximo proveito de sua capacidade de trabalho, para si, para os patrões e para a coletividade. A estereotipação negativa não só impediu que o “branco” descobrisse esse aspecto da realidade, mas produziu algo pior: suscitou uma barreira invisível universal, que tolhia qualquer redefinição rápida da imagem do “negro”, que facilitasse a transição do trabalho escravo para o trabalho livre e acelerasse pelo menos a proletarianização do “homem de cor” (FERNANDES, 1978, p. 141).

O racismo é uma marca colonial (FANON, 2008), podendo-se partir dele para pensar o conceito da colonialidade do ser. Ele surge da necessidade de trazer respostas para os questionamentos sobre os efeitos que a colonialidade acarreta na vida prática dos sujeitos, para além da forma como a mentalidade dessas pessoas são afetadas (MALDONARO-TORRES, 2007, p. 131). Ela é conceituada como sendo o “processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades” (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 96). É nessa classificação de colonialidade que os corpos colonizados sentem os efeitos desse regime de poder.

Podemos entender, então, que a colonialidade do ser é a materialização dos outros tipos de colonialidade. Ao tomar para si o centro político e econômico mundial, provocar o epistemicídios dos outros povos, o que sobra para aqueles que são os Outros? “Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia de desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro em meio a outros objetos” (FANON, 2008, p. 103). Fanon (2008) não está pensando a América Latina, no entanto, reflete os efeitos da colonização dos territórios africanos pelos Europeus, os traumas causados por esse sistema. Dessa forma, ele se aproxima dos pensadores decoloniais e nos ajuda a compreender que os colonizados foram coisificados. Na imanência de humanos não poderem ser coisas, somos rebaixados a uma categoria menor de humanos.

Estudos que questionam o pensamento de Freyre e pensam o papel dos sujeitos negros no Brasil começam a ser feitos a partir na própria guinada culturalista do entendimento do Brasil, visão com a qual o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), nos anos 1950, comungava. Os intelectuais *isebianos* rompem com a forma que Gilberto Freyre compreende a cultura, sendo ela um meio de transformação socioeconômica. A perspectiva teórica do ISEB está fundada na ideia de alienação e situação colonial, o que, para Ortiz (1986, p. 50), os aproxima dos pensamentos de Franz Fanon. É uma aproximação que não é dada por si só, mas que está inserida dentro do contexto da busca de identidade, sendo a cultura um importante ator na tomada de consciência dos indivíduos e local de embate político.

Os *isebianos* e Fanon se aproximam a partir de um ponto de vista hegeliano sobre as dicotomias produzidas no mundo colonizado. De um lado o colonizador que se entende e se faz ser entendido como sujeito, enquanto do outro lado está o colonizado, apenas objeto. Dessa forma, arranjos sociais são construídos em volta dessa dinâmica. A partir dessa corrente teórica, o sistema colonial é visto como alienação, os lugares de colonizador/senhor e

colonizado/escravo são vistos como posições políticas. Como tal, é possível, a partir desses lugares, fazer agência de transformação desses aspectos político-sociais (ORTIZ, 1986, p. 59).

No entanto, há algo que diverge entre o pensamento de Fanon e dos *isebianos*. Fanon possui uma leitura crítica de mundo revolucionária, pensando a violência do colonizado como potencial libertador das opressões (FANON, 1961; ORTIZ, 1986). Ortiz (1986) apresenta os *isebianos* como pertencentes a uma ideologia mais conservadora. O autor Afonso Carlos Marques dos Santos (1985) corrobora com esse ponto de vista ao trazer em seu trabalho o intelectual do ISEB Roland Corbisier. O *isebiano* defendeu em discurso no Instituto que o país passou a tomar consciência de si apenas a partir da Semana de Arte Moderna. Dessa forma, o Brasil caminhava então para um entendimento de si, a "inteligentzia" é colocada como tendo papel preponderante em guiar o futuro da nação (SANTOS, 1985). Nota-se que é repetida nessa perspectiva uma visão similar à de Bonifácio: é possível ao país prosperar se somente um grupo de notáveis puder conduzi-lo. Não há rupturas revolucionárias na construção teórica dos *isebianos* (ORTIZ, 1986).

Outro ponto que se repete nessas concepções é a preocupação de dar conta da complexidade da extensão de terra do Brasil. Durante a Ditadura Civil Militar, a integração dessa grande massa territorial era uma questão importante para o regime. A estruturação de meios de difusão cultural foi, portanto, uma medida necessária na tentativa de dar solução a essa demanda que se apresentava. Juntando esse anseio, o crescimento da classe média e o aumento da população nos centros urbanos, o resultado é um cenário fértil para a estruturação do mercado de bens simbólicos. Uma boa ilustração disso é que, em 1976, o Brasil ocupava a sexta posição no mercado mundial de publicidade (ORTIZ, 1986, p. 84).

Embora o governo militar tenha sido repressor a algumas manifestações culturais, ele também usou da cultura como ferramenta de legitimação de sua noção de identidade brasileira:

Durante o período 64-80 a censura não se define tanto pelo veto a todo e qualquer produto cultural, mas age primeiro como repressão seletiva que impossibilita a emergência de determinados tipos de pensamento ou de obras artísticas. São censuradas as peças teatrais, os filmes, os livros, mas não o teatro, o cinema, ou a indústria editorial. O ato repressor atinge a especificidade da obra mas não a generalidade da sua produção. O movimento cultural pós-64 se caracteriza por dois momentos que não são na verdade contraditórios; por um lado ele é um período da história onde mais são produzidos e difundidos os bens culturais, por outro ele se define por repressão ideológica e política intensa (ORTIZ, 1986, p. 89)

Esses bem culturais reforçavam a ideia do governo militar, à sua maneira, sobre uma "nação plural". Não apenas diversa, mas que convive em harmonia com as diferenças. Dessa forma, Gilberto Freyre é, então, revisitado e atualizado no período ditatorial (ORTIZ, 1986). A

democracia racial foi pregada em um governo antidemocrático que perseguiu indígenas (TRINIDAD, 2018; BRIGHENTI, 2020; CABRAL & MORAIS, 2020) e negros (JÚNIOR, 2012; LEÃO et al., 2019), dentre outras minorias. Os meios de comunicação foram, então, usados na tentativa de dar coesão à integração desse grande território. Nesse período, os estudos sobre relações raciais também sofreram perseguições:

De 1964 ao final dos anos 70, à medida que o governo militar consolidava seu poder autoritário, os estudos sobre raça feitos por brasileiros foram aniquilados, pois muitos dos mais influentes estudiosos de raça no Brasil haviam sido exilados. Os estudos sobre essa questão haviam se tornado um perigo à segurança pessoal. (...) As rebeliões urbanas e o vigoroso movimento pelos direitos civis ameaçavam desestabilizar a sociedade norte-americana, e diante disso o governo brasileiro iria reprimir qualquer evento que se assemelhasse a uma contestação da situação racial vigente (TELLES, 2003, p. 60-61).

Alexandre Barbalho (2000), ao refletir sobre as marcas dos regimes autoritários na cultura nacional, pensa, a partir de Contardo Calligaris, as distinções entre os continentes do Norte e do Sul. Segundo o autor, para os colonizadores do Norte, o futuro é uma realidade dada, um caminho a ser seguido. Algo diferente é encontrado nas terras do Sul, as terras colonizadas vivem no limbo existente entre a tradição e a modernidade, o passado padeceria de ser continuado e constantemente acionado para justificar o presente (BARBALHO, 2020, p. 72). Percebemos isso em Gilberto Freyre sendo revisitado constantemente nas percepções sobre a construção nacional, mas também no trabalho de Ernesta Zamboni (2003). A pesquisadora estuda a identidade nacional a partir dos projetos pedagógicos dos parâmetros curriculares nacionais (PCN).

Zamboni (2003) afirma que, no processo de redemocratização, após a abertura política na década de 1980, identidade e cidadania passaram a fazer parte de forma mais dinâmica e abrangente nos PCNs da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1998 (p. 372). Percebe-se nesse momento que a nação é tida como em construção; é entendida e reforçada as diferenças entre os grupos que compõe o país, mas, mesmo assim, é esperado que essas diferenças sejam superadas sob os símbolos nacionais que os unificam:

Nesse momento as discussões sobre identidade nacional passam pelo diferente, e pelos antagonismos existentes entre os grupos sociais e a nação é concebida como algo em construção. Nas paradas militares e/ou escolares, nas comemorações cívicas são colocadas em destaque as identidades dos diversos grupos existentes. Os grupos são organizados em batalhões que desfilam pelas ruas dando visibilidade às suas características, às suas tradições e cada um deles representa no corpo e nas vestes determinados momentos da história nacional. Nesse momento, há um ritual em ação: os que desfilam e os que assistem estão nas calçadas parados, aplaudindo a nação e os seus símbolos que passam, sacralizando a memória nacional (ZAMBONI, 2003, p. 373)

Olhando para o processo pedagógico na construção do ideário nacional, percebemos que o corpo também é chamado para esse aprendizado. Na abertura política são os desfiles escolares; nos tempos ditatoriais, temos a disposição ordenada das salas de aulas (ZAMBONI, 2003). No entanto, a unidade da nação continua sendo reforçada em todos esses momentos.

Ao colocarmos em perspectiva as formas pelas quais a identidade nacional foi tratada ao longo da história, incorremos no risco de apagar os movimentos e grupos que em seu tempo resistiram às ideias hegemônicas. Porém, nosso intuito é demarcar as perspectivas que tiveram atreladas aos interesses políticos de suas épocas. Ademais, expressar de forma cronológica os entendimentos sobre o país não é propor que esses ideais ecoaram apenas dentro de um marco temporal. Determinadas características são revisitadas em outros momentos ou até mesmo acompanham toda história. Algo que destacamos disso é como a questão étnico-racial é uma constante no decorrer de como nos enxergamos nacionalmente. Esse não é só um aspecto teórico, mas é refletido em práticas que farão distinção entre corpos que pertencem a determinados grupos raciais.

Retomando nossa problematização e tendo em vista esse panorama, pode-se dizer que a revista *Trip* não fugiu em determinados momentos de recorrer a ideias do nacional recortada por aspectos raciais. Em 1986, temos a primeira edição da revista trazendo uma matéria sobre música africana. A linha fina do texto diz o seguinte:

Muitos europeus continuam achando, até hoje, que a capital do Brasil é Buenos Aires, mais que isso, acreditam que aqui é terra das araras (coitadas das araras...) e muito índio. A África, outro prato cheio para as suposições rústicas do primeiro mundo, vem derrubando tudo isso com uma ferramenta muito antiga: música (RODRIGUES, 1986, p. 37-8).

Ela traz algumas chaves de leitura que ajudam a perceber como essa forma de olhar o mundo atravessou épocas. O primeiro ponto é que o continente europeu é colocado como régua de análise daquilo que é moderno ou ultrapassado. O texto tenta fazer aproximações entre o continente africano e o Brasil, mas reforça a ideia de que os indígenas seriam sinônimo de atraso. As araras parecem receber mais complacência do que os povos originários. Fazendo um salto de um pouco mais de dez anos, temos, em abril de 1997, na edição de número 57, um exemplo no qual o símbolo nacional é abordado, mas o corpo negro é utilizado para adjetivar negativamente esse aspecto (**Figura 06**). A temática da revista era o lado obscuro do carnaval carioca, a manchete dizia “sexo e pecado” e a foto da capa composta por dois sujeitos negros, em primeiro plano uma rainha de bateria negra e seminua. Em uma única capa, Gilberto Freyre é revisitado e atualizado. Dessa forma, podemos perceber os atravessamentos das concepções sobre o nacional na mídia e em diversas épocas.

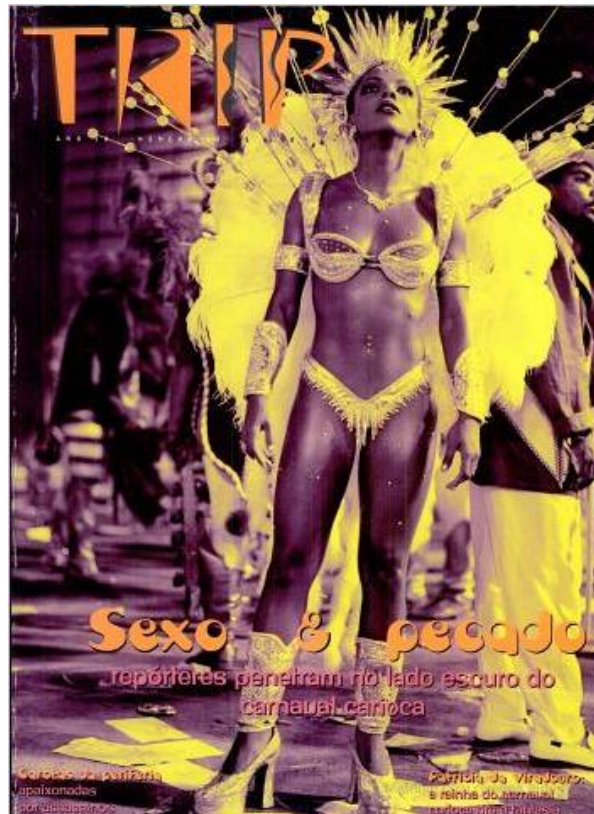


Figura 06: Capa da *Trip* aciona ideias de Gilberto Freyre.
Fonte: *Trip*, Ed. 054, abril de 1997.

Vimos até aqui que a resposta para a pergunta “Que país é este?” não é monolítica. Ao longo do tempo, várias respostas podem ser dadas para esse questionamento; sendo assim, podemos dizer que a nossa identidade nacional está sempre dentro do campo das disputas políticas. No entanto, se concordarmos com Ortiz (1986), é o Estado, a partir de mecanismos políticos e sociais, que organiza a realidade concreta dessa identidade que é uma construção simbólica e que dissolve as manifestações culturais heterogêneas – o que não significa ignorar os tensionamentos feitos por grupos sociais. Pensar a constituição nacional é refletir quais corpos cabem dentro dessas concepções, o que inclui pensar as formas de opressão (BERSANI, 2018) que habitam as realidades históricas que nos constituem.

1.2. Raça e gênero na constituição nacional

A primeira edição publicada por *Trip* traz uma matéria sobre música africana. No último parágrafo, algo nos chama atenção, parece haver um posicionamento político muito claro:

Num país como o Brasil, onde 60% da população é negra e os outros 40 % estão diretamente influenciados pela cultura africana, a música de toda essa turma já deveria ter aportado há muito tempo. Seria o lógico, não? E quando as coisas não cumprem um processo lógico, é bom desconfiar. Lutar contra, despir-se dos padrões

europizados e americanizados que andam aí à solta, é mais que bom. É esperteza. Consciência pura. (RODRIGUES, 1986, p. 39)

Não é a intenção dizer agora se esse é realmente um posicionamento que a revista abraça como político e editorial ao longo do tempo, mas é importante perceber que a publicação assume entender que há uma epistemologia dominante que interfere na forma pela qual o mundo é sentido e interpretado. Outro ponto reforçado nesse trecho é a violência do apagamento de um conhecimento. Queremos discutir essas disputas simbólicas que moldam a nossa forma de se ver e se colocar no mundo.

Foi possível observar anteriormente que a partir do século XIX a mestiçagem passou a ser uma articuladora da forma de pensar brasileira. Segundo Munanga (1999), isso ocorre tanto em aspectos biológicos quanto culturais, o que nos direciona a pensar uma nação constituída de forma “unirracial” e “unicultural”:

Uma tal sociedade seria constituída segundo o modelo hegemônico racial e cultural branco ao qual deveriam ser assimiladas todas as outras raças e suas respectivas produções culturais. O que subentende o genocídio e o etnocídio de todas as diferenças para criar uma nova raça e uma nova civilização, ou melhor, uma verdadeira raça e uma verdadeira civilização brasileiras, resultantes da mescla e da síntese das contribuições dos *stocks* raciais originais. Em nenhum momento se discutiu a possibilidade de consolidação de uma sociedade plural em termos de futuro, já que o Brasil nasceu historicamente plural. (MUNANGA, 1999, p. 90)

A questão proposta por Munanga possui raízes alicerçadas numa constituição mais ampla daquilo que foi implementado nos países latinos. A perspectiva única e branca de mundo foi constituída politicamente nos territórios dos continentes americanos invadidos por portugueses e espanhóis. Sendo assim, para entender a nossa própria constituição enquanto país é preciso compreender a própria concepção da América Latina como um todo.

Naquilo que foi constituído neste capítulo até aqui, é gritante a violência – seja da exclusão, da inferiorização ou do apagamento. Podemos dizer que ela é o alicerce que sustenta a constituição daquilo que hoje chamamos de Brasil, bem como daquilo que pode ser nomeado como América Latina ou Nossa América. Esta denominação surge em detrimento daquela, a partir do posicionamento crítico de poder nomear aquilo que somos e não aceitar as definições e nomenclaturas impostas por aqueles que nos colonizaram (VIGOYA, 2018). Isso, que pode parecer apenas uma mera questão de nome, revela as disputas de poder, bem como a resistência dentro de um sistema de dominação que nos é imposto desde o colonialismo.

A destruição sociocultural e demográfica dos povos que estavam neste território é o que marca o começo da produção histórica da América Latina (QUIJANO, 2005b, p. 16). Podemos assim, então, dizer que fomos forjados no esquecimento forçado, nesse processo histórico que

definiu à América Latina um papel de subordinação, enquanto a Europa Ocidental foi percebida como centro mundial daquilo que chamamos de modernidade. Isso se deu em decorrência do processo político, econômico e intelectual da colonialidade. Nas palavras de Anthony Giddens (1991), podemos dizer que modernidade “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, p. 11). O que está colocado em disputa, então, é a noção de poder, que é classificada por Aníbal Quijano (2000) como

o espaço e uma malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas, basicamente, em função e em torno da disputa pelo controle dos seguintes meios de existência social: 1) o trabalho e os seus produtos; 2) dependente do anterior, a ‘natureza’ e os seus recursos de produção; 3) o sexo, os seus produtos e a reprodução da espécie; 4) a subjectividade e os seus produtos, materiais e intersubjectivos, incluindo o conhecimento; 5) a autoridade e os seus instrumentos, de coerção em particular, para assegurar a reprodução desse padrão de relações sociais e regular as suas mudanças (QUIJANO, 2010, p. 76).

No entanto, Quijano (2005b) propõe lançarmos um outro olhar para a centralidade da Europa Ocidental na modernidade. Ao nos desprendermos dessa visão, conseguimos compreender melhor a nossa constituição e os fantasmas gerados, que nos assombram continuamente desde as invasões destas terras. Nelson Maldonado-Torres (2007) afirma que a colonialidade é um padrão de poder instaurado que media nossa forma de encarar o conhecimento, a política e as nossas subjetividades. Mesmo que tenha surgido com as relações políticas e econômicas do colonialismo, é um poder ainda operante já que “embora o colonialismo preceda a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

Em uma simplificação dicotômica, pode-se pensar que um antídoto para a colonialidade está na esfera do recusar ou não aquilo que nos é colocado. No entanto, esse regime de poder age em diferentes frentes, conformando nossas mentes a enxergar apenas uma possibilidade de se portar perante a história. “A heterogeneidade histórico-estrutural, a co-presença de tempos históricos e de fragmentos estruturais de formas de existência social, de vária procedência histórica e geocultural, são o principal modo de existência e de movimento de toda sociedade, de toda história” (QUIJANO, 2005b, p. 14). Isso, que deveria ser visto como um caminho comum, é distorcido pela colonialidade em um processo homogeneizante do modo de existir social.

José de Souza Martins (2012), ao pensar a modernidade no Brasil, observa o consumo e algumas ações, como a forma em que os carros são dirigidos, como distinções sociais atreladas ao efeito de progresso. Raça e gênero são mobilizados nessas definições, e a hegemonia

mediática e social operam essas relações. No entanto, a questão principal não é ser um sujeito de uma sociedade na modernidade, mas parecer ser um sujeito da modernidade, ou seja, pertencer a uma “modernidade postiça” (MARTINS, 2012, p. 37). Esse “parecer ser” evoca uma ideia de fantasia, ou, até mesmo, fantasmagoria; ela vai calcar as nossas relações sociais e de poder. O conceito de fantasmagoria será tratado no capítulo seguinte, mas, de antemão, nos referirmos aqui às imagens produzidas na modernidade que não nascem calcadas na realidade, e sim em um parecer ser, que, no entanto, se solidifica como sendo mais real. A ideia de Martins parece se aproximar desse conceito, embora em sua crítica à modernidade brasileira parece não haver um elemento importante na fantasmagoria pensada por Walter Benjamin (2009): a diluição das bordas da imagem produzida ao ponto do real e da imagem produzida chegarem a um ponto de não distinção. Em Martins (2012), aquilo que é evocado é postiço, já possui um ar de imitação de uma realidade outra.

Martins lança olhares críticos sobre essa sensação de poder que a “modernidade postiça” (MARTINS, 2012, p. 13), algo que vai ao encontro da definição de poder de Quijano (2010), que, de certa forma, possui um olhar mais pessimista sobre isso. Essas duas formas de encarar a noção de poder vai de encontro com o que é proposto por Michel Foucault (2010). Para o filósofo, o poder não é necessariamente algo negativo, preso a uma lógica contratual. Para ele, o poder possui uma potência de produção: “o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (FOUCAULT, 2010, p. 16-18). Embora ela seja uma definição mais aberta a possibilidades positivas, ela não é contrária àquilo posto por Quijano e nos ajuda a pensar a relação de poder menos abstrata, já que, para Foucault, essa relação se dá também entre os pares. Sendo assim, podemos a partir dela pensar nas reverberações que essas colonialidades impõem. O filósofo Rafael Haddock-Lobo (2020) nos traz uma reflexão interessante para colocarmos em perspectiva essa questão. Partindo do princípio de que a experiência colonial é algo invisível, que é sentida, mas não vista, o autor lança a hipótese que toda cultura possui fantasmas que dizem sobre esse grupo (HADDOCK-LOBO, 2020, p. 20). Nossos corpos são afetados por essas formas de enxergar o mundo. Os fantasmas coloniais nos sondam; feridas físicas, mentais e emocionais são abertas.

O Brasil é um país miscigenado. Esta informação é inegável. A forma como esse processo histórico aconteceu é disputado por meio de diversas narrativas, como demonstrado anteriormente. Kabengele Munanga, em *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (1999), destrincha as diversas formas pelas quais a mestiçagem foi vista no país, concluindo que em todas elas a violência, seja de forma sutil ou não, está presente. Isso cria na nação marcas

profundas. Marcas estas que podem ser percebidas tanto como nos portamos socialmente quanto em nossos genes. A pesquisa *DNA Brasileiro* busca analisar o genoma da população do Brasil e é desenvolvido pela Universidade de São Paulo (USP). Os resultados parciais demonstram uma diferença na origem dos genes maternos e paternos da população. Os genes da população provenientes dos pais são, em maioria, herdados dos colonizadores, homens brancos. Enquanto os genes da população herdados das mães são de mulheres negras e indígenas, em sua maioria (ROSSINI, 2020, site).

A mestiçagem foi constituída como a identidade brasileira (MUNANGA, 1999), trazendo em si o apagamento da cultura e da identidade negra. No entanto, podemos ir além e perceber que a nossa constituição física também reflete esse apagamento. Nossos corpos contam a história do extermínio que os homens negros e indígenas sofreram e, não só, também nos dizem sobre as mulheres indígenas e negras e as violências sexuais que vivenciaram (SIQUEIRA, OLIVEIRA & SILVA, 2021). Esse dado biológico é um demonstrativo das relações de poder existentes entre raça e gênero desde o processo de colonização dessa faixa territorial que veio a se chamar Brasil. O intelectual Abdias do Nascimento, em *O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado* (2016), diz que o Brasil herdou de Portugal uma estrutura patriarcal de família, sendo as mulheres negras as que pagaram um valor mais elevado por essa herança. A proporção entre mulheres e homens dentro do regime escravocrata, uma relação próxima de uma para cinco, revela o lugar de animalização que os escravizados eram colocados: a eles não era dada a possibilidade de formar família. Dentro da norma regente, a escravizada deveria servir ao senhor de escravos, o que, segundo Nascimento (2016), reverberava na exploração sexual das mulheres negras escravizadas que por vezes eram prostituídas como fonte de renda para os escravocratas (NASCIMENTO, 2016, p. 73).

Ao pensar a sociedade brasileira é necessário entender que raça e gênero estão intrinsecamente ligados nas distinções sociais dos sujeitos no país (CARNEIRO, 2011; GONZALES, 2020; NASCIMENTO, 2021). A já citada edição 231, de abril de 2014, trouxe para a capa da revista o tema “Ser negro no Brasil é f*da”⁷. Na época, a revista *Tpm*, da mesma editora, refletiu sobre o mesmo tema. No entanto, isso foi feito pelo viés feminino. A chamada da edição 141, de abril de 2014, dizia: “Ser negra no Brasil é (muito) f*da”⁸ (**Figura 07**). Editorialmente, as revistas e a própria editora reconhecem os atravessamentos de raça e gênero na forma pela qual os sujeitos ocupam o mundo. Essas distinções, porém, estão calcadas na

⁷ Reproduzimos a forma original do texto escrito na revista.

⁸ Reproduzimos a forma original do texto escrito na revista.

nossa constituição social de forma específica, sendo preciso problematizá-las em relação à maneira como se dá o reconhecimento de suas existências em *Trip*.



Figura 07: Capa da revista feminina *Tpm* aborda o racismo a partir do gênero.

Fonte: *Tpm*, Ed.141, abril de 2014.

Como abordado anteriormente, a dicotomia é uma das características principais da colonialidade (LUGONES, 2014, p. 936). Toda uma noção de mundo é criada sobre a divisão de opostos; os caminhos entre os pólos são apagados ou, pelo menos, diluídos; o binarismo se torna a chave de leitura do universo que nos cerca. Essa forma de encarar a realidade não se apresenta tão somente como uma forma simplista de vivenciar as interações humanas. Ela cria hierarquias rígidas de dominação. É como se dominados e dominadores estivessem fadados a ocupar suas posições perpetuamente, já que a colonialidade naturaliza essas posições.

O erigir das nações que foram colonizadas pela Europa Ocidental está fundamentado nessas ideias dicotômicas. Quijano (2005a) e Lugones (2014), respectivamente, demonstram a importância da noção de raça e gênero para a colonialidade. Elas são essenciais na criação dos países. Paul Gilroy (2001) também aborda os imbricamentos entre gênero, raça e nação. Para o autor, “a integridade da raça ou da nação portanto emerge como a integridade da masculinidade. Na verdade, ela só pode ser uma nação coesa se a versão correta de hierarquia de gênero foi instituída e reproduzida” (GILROY, 2001, p. 19).

Sobre o arranjo daquilo que se constitui uma nação, Mara Viveros Vigoya (2018, p. 138) alega, a partir dos seus estudos sobre masculinidades e homens negros na América Latina, que os vínculos entre os homens foram tidos como garantidores da unidade nacional. Segundo a autora, na concepção dos países que foram colonizados, a moral teve papel importante. Dessa forma, a moral sexual foi legitimadora da hierarquia da classe social, sendo os homens os responsáveis por garantir a segurança própria e das suas mulheres. Essa cultura da moral recebeu apelo dos grupos militarizados que deveriam proteger os países:

Este código de honra sexual familiar se enraizou fortemente na cultura militar e adquiriu uma significação coletiva, de tal modo que a sociedade confiou a honra da nação, assimilada a uma mulher virtuosa, a seus soldados encarregados de defender a honra nacional contra os agressores estrangeiros e as insurgências internas (VIGOYA, 2018, p. 137).

Percebemos, então, a construção de valores atrelados ao gênero feminino dentro dessa lógica. O processo de dicotomização continua operante, estabelecendo as mulheres como oposição aos homens e esvaziadas de agência sobre as próprias vidas ao ponto de carecerem de proteção. Vigoya (2018), com base na pesquisa de James Green realizada no Brasil, nos diz que várias estratégias foram criadas para manter a ordem e a unidade nacional. No entanto, as mulheres eram vistas como um perigo a isso, já que a honra era vista como um pilar da ligação entre ordem e unidade. As mulheres eram vistas como um risco, pois elas poderiam debilitar as fronteiras de raça e classe social (VIGOYA, 2018). Com isso, os homens tornam-se responsáveis pela garantia da defesa nacional e do controle dos corpos das mulheres. Porém, dentro de uma sociedade hierarquizada em classe e raça, todos os homens estão gabaritados para exercer essa função, mas nem todos têm a mesma liberdade dentro do papel:

Os homens mais próximos à negridade ou indigênidade tiveram sua sexualidade entendida e foram percebidos de forma dual: como ameaças às mulheres brancas e à pureza do corpo social nacional, por sua sexualidade supostamente incontrolável, e como os representantes de uma masculinidade viril e poderosa necessária para garantir a solidez do projeto nacional (VIGOYA, 2018, p. 138).

Algo que não podemos perder de vista é que esse pensamento é abraçado coletivamente, quase como uma promessa de se aproximar dos ideais da modernidade. Homens e mulheres, independentemente de suas raças, firmam um pacto que, no entanto, só homens brancos que sejam heterossexuais e pertencentes a uma classe dominante podem chegar perto de se entenderem como sujeitos da modernidade. Porém, alguns lugares de inferiorização passam a ser vistos como pontos positivos, como é o caso do talento artístico de sujeitos e grupos negros, no qual o que pode ser visto como elogio ou reconhecimento de uma inteligência artística é, na verdade, uma classificação. “Na escala hierárquica da criatividade, a razão é branca, enquanto

o ritmo, a música e a dança são negros” (Ibid., p. 115).

A partir do contexto brasileiro, pensamos nas nossas tensões raciais e o mito da democracia racial também como uma tentativa de ordenamento nacional. Esse mito tem Gilberto Freyre como uma grande vertente a partir de sua obra *Casa Grande e Senzala* (MUNANGA, 1999, p. 79). Nessa versão da realidade, negros, indígenas, mestiços e brancos gozavam de uma troca cultural que constituía positivamente o Brasil. Embora esse discurso pudesse ser bem aceito internacionalmente,

encobre os conflitos sociais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que tenham contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são “expropriadas”, “dominadas” e “convertidas” em símbolos nacionais pelas elites dirigentes (MUNANGA, 1999, p. 80).

Uma outra questão importante no cenário brasileiro é que a tentativa de minimizar as tensões raciais a raça é percebida pelo outro dentro de um contexto de elementos “não-raciais (sociais, culturais, psicológicas, econômicas) e que estejam associados – maneiras, educação sistemática, formação profissional, estilo e padrão de vida – tudo isso obviamente ligado à posição de classe, ao poder econômico e à socialização daí decorrente” (Ibid., p. 88), o que se apresenta como um problema.

Munanga retrata a ambiguidade do reconhecimento racial brasileiro, já que ele “expressa pouco a importância da identidade racial em contraste com a importância assumida pela classe” (Ibid, p.88). Deste lugar surgem entendimentos de que seja possível a mudança de identificação ao longo do tempo. Isso se associa, então, na ascensão social como forma de “branqueamento”. Existe no imaginário brasileiro uma série de ditados populares que reforçam essa ideia do dinheiro como forma de ser tornar branco ou, o contrário, como a falta do dinheiro aproxima a pessoa de uma posição de se tornar negro. A partir de Oracy Nogueira, Munanga afirma que, mesmo que essas falas estejam ligadas ao lúdico e irônico, elas mascaram problemas raciais e que o sentido mais exato para essas frases seria: ““o dinheiro compra tudo, até o status para o negro”, o que, segundo ele, está longe de ser uma negação do preconceito ou da discriminação” (Ibid. pág. 88).

Nesse apaziguamento de conflitos, são historicamente naturalizadas situações socialmente impostas. D. Faustino Nkosi, ao refletir sobre o trabalho de Edricle Cleaver, diz que a divisão de trabalho ocidental dicotomizada entre mente e corpo permitiu que o homem branco mobilizasse sua masculinidade como a dominante, “ultrafeminizando” as mulheres brancas e bestializando os homens negros (FAUSTINO NKOSI, 2014, p.79). Embora Connell

e Messerschmidt (2013) afirmem que a masculinidade hegemônica não se impõe de forma violenta, devemos nos questionar se no contexto latino-americano isso pode ser afirmado, já que aqui a violência se manifesta de várias formas e algumas de modo a extinguir tensões, como é o caso do mito da democracia racial brasileira.

No entanto, não podemos cair no erro de pensar que o sistema racial é natural. Pelo contrário, a raça também é uma construção que “remete, em primeira instância, aos simulacros de superfície” (MBEMBE, 2018, p. 27). Foi essa criação ideológica situada geograficamente na Europa, nos séculos XV e XVI, que sustentou a política e a economia moderna, o colonialismo. Na definição de Achille Mbembe:

O substantivo “negro” é, além disso, o nome que se dá ao produto resultante do processo pelo qual as pessoas de origem africana são transformadas em mineral vivo de onde se extrai o metal. Essa é sua dupla relação metafórica e econômica. Se sob a escravidão, a África era o lugar de privilégio de extração do mineral, a plantação no Novo Mundo, pelo contrário, é o lugar de sua fundição e a Europa o lugar da sua conversão fiduciária. Essa passagem do *homem-mineral* ao *homem-metal* e do *homem-metal* ao *homem-moeda* foi uma dimensão estruturante do primeiro capitalismo (MBEMBE, 2018, p. 82).

É válido abrir parênteses para explicar que compactuamos com a definição do autor para além da compatibilidade teórica, mas, também, pelo lugar no qual esta pesquisa é produzida: Universidade Federal de Ouro Preto, campus Mariana. Cidades nas quais os corpos negros foram transformados em mineral e, em sua continuidade temporal, as marcas sociais e arquitetônicas repetem cotidianamente, de forma atualizada ou não, essa forja.

Voltando a refletir sobre as revistas atreladas aos temas abordados nesta seção, podemos nos perguntar como essas questões se conectam aos periódicos. As revistas são instituições editoriais que se organizam dentro de um escopo de produção de sentido sobre e para a construção de seu mundo editorial (VOGEL, 2013, p. 17). O jornalismo de revista possui uma característica de organização interna que faz com que as edições isoladamente sejam coerentes, mas quando vistas encadeadas temporalmente constroem novos sentidos (SCHWAAB, 2011, p. 58). Essa teia de sentido que recorta um longo período de tempo ajuda a construir a memória coletiva, que nunca é totalizante: sempre diz sobre as memórias partilhadas por determinados grupos. Sendo assim, impressões, preconceitos, concepções sobre determinados grupos podem ser cristalizados por esse espaço editorial.

Não devemos nos esquecer que essas editoras são empresas com valores definidos e que transparecem nas páginas das publicações. As próprias revistas são instituições definidoras sobre o que interessa a cada grupo de leitores. O próprio caso da Editora *Trip* revela isso. Mesmo ao assumir o seu papel com a diversidade e proclamar um fazer jornalístico diferente,

ela ainda toma para si a responsabilidade de dizer o que é interessante para as mulheres e os homens lerem, não no mesmo veículo, mas em publicações distintas para cada um. “São releituras dos antigos leitores e dos antigos modos de ser homem e mulher, ele culto e ela fútil; porém, para não parecer que nada se alterou, as edições de ambas as revistas são maquiadas” (BURBULHAN, GUIMARÃES, 2011, p. 75). Dessa forma, a própria revista ocupa um papel político que legisla sobre os corpos.

1.3. A Revista *Trip* e uma ideia de nação

No mar de cores e informações visuais das bancas de jornais, não é difícil reconhecer qual é o público-alvo das revistas expostas. Desde o agrupamento das publicações à identidade visual de cada uma, elementos indicam qual a linha editorial dos produtos midiáticos dispostos nas prateleiras. A capa do primeiro número da revista *Trip* dava a tônica da publicação que nascia em novembro de 1986: o surfista Fernando Firpo, conhecido como Tarzanzinho, surfa, à noite, nas ondas de uma praia no litoral de São Paulo (**Figura 08**).

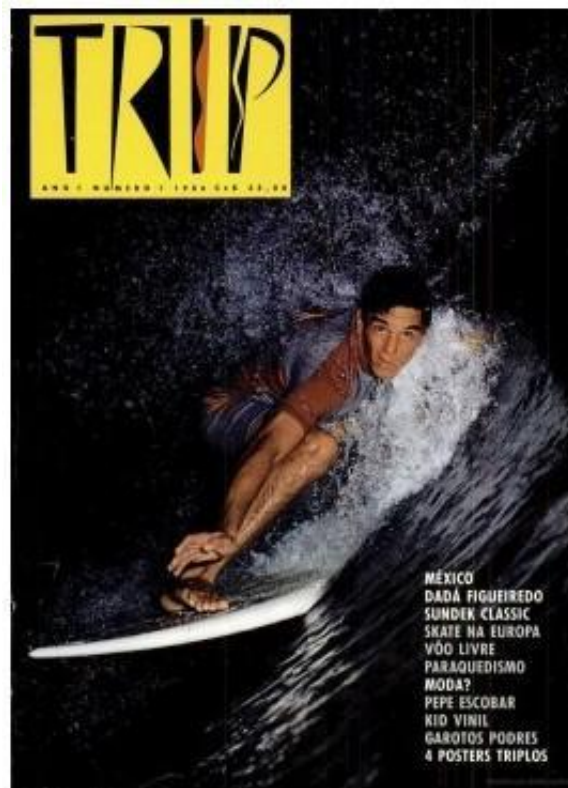


Figura 8: Capa da primeira edição da *Trip*.
Fonte: *Trip*, Ed. 054, abril de 1994.

No entanto, a revista não se limitava a pautar os esportes radicais aquáticos. O editorial da edição complementa a identidade da *Trip*:

Vamos ainda um pouco adiante, buscando aprovação desta proposta junto a uma parte da humanidade eternamente menosprezada. Queremos mostrar que o jovem não é o imbecil bronzeado que a TV insiste em mostrar, que nem todo surfista tem o cérebro de fibra de vidro, ou ainda que não é necessário ser dark ou apresentar um look de falso tédio, para gostar de boa música ou se vestir com roupas que dão prazer.

Se nossa pauta se delineou inspirado no pensamento de Brecht, nosso marketing editorial teve como musa inspiradora a cervejaria Antarctica. É muito simples: na época do Carnaval, quando a procura de cerveja é muito grande, o consumidor é obrigado na compra de cada garrafa da bebida adquirir três guaranás. Nosso público, sedento de fotos e reportagens de esportes, receberá loiras estupidamente geladas, mas levará no 'pacote' uma boa dose de cultura, arte e informação cultural, certamente menos enjoativos que o açucarado refrigerante (LIMA, 1986, p. 13).

Os editoriais são um estilo textual que diz sobre o funcionamento e a lógica de produção das revistas (TAVARES, 2013, p. 86). Em um primeiro número, funciona como uma carta de apresentação, importante para dizer ao leitor qual a experiência se pode esperar ao folhear as páginas daquela e das próximas edições. Percebemos no fragmento acima o desenho daquilo que seria o leitor alvo da publicação: jovem, inteligente, amante de esportes, interessado em música e atento à moda – nota-se que não foi essa a palavra usada, mas sim a expressão “se vestir com roupas que dão prazer”. Essa escolha de palavras demonstra qual será a abordagem deste assunto pelos profissionais daquela mídia.

Outros elementos também são colocados para entendermos a linha editorial da revista, dentre eles “cerveja” e “loiras”. Mesmo que o primeiro item seja mais contextual do que uma promessa de conteúdo, somos apresentados a um imaginário comum sobre o que é uma revista masculina. Jair de Souza Ramos (2011) oferece reflexões pertinentes a esta pesquisa em seu estudo sobre as representações de masculinidade em comunidades de leitores da revista *Men's Health*, da Editora Abril, a partir de análise de postagens em comunidades online. Em “Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da revista *Men's Health*”, Ramos traz um trecho de um artigo que apresentava a publicação com um caso de sucesso por ter conseguido romper a ideia preconcebida do que seria uma revista masculina. O articulista pontua: “No Brasil, quando se ouve falar em revista masculina, forma-se na cabeça a imagem de uma mulher seminua na capa, marcas de cerveja, futebol, anúncios de carros, entre outras particularidades deste consumidor” (RAMOS, 2011, p. 34).

A *Men's Health* ficou reconhecida por desvirtuar essa lógica, estampando em suas capas homens sem camisa exibindo o resultado de exercícios físicos e dietas. Ela é um outro título que a Mídia Dados 2021 não classifica na segmentação “masculina”. A equipe da Editora Abril

precisou organizar palestras com donos de bancas de jornal e agências de publicidade para ensinar a essas pessoas que o público-alvo da publicação não era homens gays, mas sim “homens modernos” (Ibid., p. 35). Há muito a se questionar desse cenário, porém a falta de corpos femininos nus também era razão de estranheza de alguns leitores. Ramos apresenta em seu artigo o comentário de um leitor da revista em um fórum virtual. O homem defende a publicação como “nossa revista”, dando a entender a sua afeição ao material, e propõe uma campanha para que haja mais mulheres “enfeitando a capa”, pois, segundo ele, “Brasil é lugar de bunda, peito, mulher gostosa” (Ibid., p. 36).

Tanto o articulista quanto o leitor evocam a palavra “Brasil” como um lugar em que imagens de mulheres nuas remetem a um espaço masculino. Essa ideia não é estranha à natureza da própria noção do que seria uma revista masculina. Embora ao longo do tempo tenha ocorrido uma suavização do erotismo nesse tipo de publicação e a inclusão de assuntos mais comportamentais, o sexo e seu entorno são ainda características fortes (SCALZO, 2011), o que não necessariamente precisaria significar a exploração do corpo feminino como souvenir.

Temos como hipótese que a resposta para isso não está na conceituação de revistas masculinas por si só, mas num entendimento anterior daquilo que nos caracteriza enquanto nação, que versa de forma profunda o nosso entendimento no mundo, perpassando pelos nossos corpos, sendo assim, atrelado ao gênero, sexualidade, raça. Isso posto, procuramos a explicação no fato da bunda ser um símbolo do nacional, nossa identidade corporificada. Para a pesquisadora Ana Paula Garcia Boscatti (2017) destaca que

a construção da bunda como uma mitologia nacional se produz a partir do próprio lugar que o Brasil ocupa no mundo. Enquanto o norte e suas teorias representam o avanço intelectual e científico, a “geografia anatomizada do mundo” (PELUCIO, 2012) permite entender o sul como o “cu do mundo”, como arquitetura do fracasso racional, da debilidade ética e moral, e claro, animalização dos corpos (BOSCATTI, 2017, p. 2).

Para a autora, essa definição pode ser transformada em arma de subversão do local de subjugação que somos colocados. No entanto, é necessário entender qual é o processo que nos leva a chegar até aqui. Gilberto Freyre é o ponto de partida para a compreensão desse local. Freyre apresenta em sua obra a cultura brasileira como dionisíaca, os excessos e a intimidade com o prazer nos constituem em um sincretismo sexual (Ibid., p. 5). As violências sexuais cometidas desde o processo de colonização contra as mulheres negras e indígenas são amenizadas pelo autor e convertidas em liberação corporal. “A partir das sujeições em termos de gênero, sexualidade, subjetividade, autoridade e trabalho que permearam o mundo colonial, foram produzidas hierarquias que animalizaram o corpo da mulher negra” (Ibid, p. 8).

Dessa forma, podemos pensar a imagem da mulata, aquela que se tornaria um símbolo nacional, como uma contraposição à mulher negra. Boscatti (2017), a partir da autora Sonia Giacomini, vai afirmar que a mulata seria o elo que estreitaria o distanciamento dos opostos, as mulheres negras das mulheres brancas. Sendo assim, ela seria mais um tensionamento dentro do mito da democracia racial do que uma afirmação nacionalista.

Mesmo com esses elementos acionados, não nos parece ser uma realidade da revista *Trip* a exaltação das curvas das mulheres negras. Pelo contrário, a maioria das mulheres que participam dos ensaios sensuais, conhecidas como “Trip Girls”, são brancas (TAVARES, SANTOS & OLIVEIRA, 2019). Isso não significa que elas não apareçam, às vezes evocando, inclusive, estereótipos racistas, como é o caso da edição 246, de agosto de 2015, em que o tema abordado pelo número era “prisões”. Em uma questão delicada para a população negra, a atriz Taís Araújo estampava as páginas sensuais da edição (**Figura 09**). Outro caso emblemático é quando Gilberto Freyre e sua teoria sexual da vida privada brasileira são convocados para a capa da edição 86, de fevereiro de 2001. A atriz Juliana Paes, em sua identificação racial dúbia, interpreta uma noção de mulata e a chamada diz “Juliana Paes: empregada que desarrumou o Brasil” (**Figura 10**).



Figura 09: A atriz Taís Araújo foi capa da revista quando o tema foi prisões.

Fonte: *Trip*, Ed. 054, abril de 1994.



Figura 10: Juliana estampa a capa da edição representando uma de suas personagens.
Fonte: *Trip*, Ed. 086, fevereiro de 2001.

A exaltação das mulheres brancas nas páginas da *Trip* se faz entender em campos econômicos e culturais. Com o avanço do neoliberalismo, nos anos 1970, durante os regimes autoritários na América Latina, o Brasil se portou como “um laboratório sexo-racial do neoliberalismo”.

Essa dinâmica do poder procurava casar neoliberalismo e autoritarismo e esse conflito tinha como objeto de mediação o corpo nacional, que buscava alinhar uma série de valores conservadores sobre identidades sexuais, brasilidade e raça e ao mesmo tempo procurava agregar linguagens, mercados em ascensão como a pornografia e a reconstrução corporal. Nacionalizar “o corpo” brasileiro através princípios normativos para comercializá-lo significou uma forma desterritorializada para capitanear a brasilidade em mercados globais, criando novas mercadorias, signos, serviços e artefatos correlacionados (BOSCATTI, 2021, p. 40).

A Garota de Ipanema surge nesse contexto como uma categoria mercadológica e turística, fazendo sucesso pelo seu apelo comercial, ligado a um lugar privilegiado da branquitude que consegue com o avanço da tecnologia modificar os seus corpos, sendo com bronzeadores ou intervenções nos glúteos. Essas intervenções poderiam, então, aproximar em termos estéticos as mulheres brancas das negras. Porém, há um operador importante para o privilégio da branquitude: a espacialidade. Os locais frequentados pela mulher branca, como Ipanema, não seriam pela negra – embora a branca pudesse furar algumas barreiras e frequentar espaços como escolas de samba (BOSCATTI, 2021).

Dessa forma, percebemos a identidade brasileira corporificada de forma gendrada e racializada. Por isso, não é de se estranhar a ligação das revistas masculinas com as imagens de mulheres nuas. Existe uma identidade nacional construída e solidificada que essas publicações nos permitem observar. Queremos dizer com isso que, por mais descolada de um posicionamento político-crítico, as revistas masculinas carregam noções políticas sobre o Brasil, sobre as identidades e sobre os corpos. É sobre este último que iremos discutir no próximo capítulo.

CAPÍTULO 02 – Corpos *Trip*: corporalidades em revistas

Corpos sarados queimados de sol, a sensação de liberdade propiciada pelo vento da maré, cabelos ressecados pelo sal, a parafina alisando pranchas, uma juventude entregue ao prazer. Esse era um cenário cultural crescente nos anos 1980. A cultura *surf* estava em voga na época (FETTER, 2011). O mercado editorial vivia uma ascensão desde os anos 1970, sendo a segmentação uma estratégia usada para a ampliação do mercado (ORTIZ, 1986; MIRA, 2001). É nesse plano de fundo que surge, em novembro de 1986, a revista *Trip*, uma publicação sobre *surf* voltada aos jovens.

Trip não era a única com essa abordagem. Luiz Carlos Fetter (2011), em sua pesquisa sobre o design da publicação, faz um apanhado de outros títulos que tratavam sobre o esporte aquático. Em 1975, surge a pioneira *Brasil Surf*. Mais tarde, a *Fluir* (1983) chega ao mercado, seguida pela *Visual Surf* (1984). Dois anos depois a *Trip* (1986) seria lançada. Após ela, ainda houve a *Surfer* (1987), a *Hardcore* (1989) e a *Off Shore* (1992).

O que nos chama atenção na *Trip* não é apenas a sua longevidade – há exemplos de outros títulos que estiveram por muito tempo nas bancas também; a *Fluir* esteve no mercado editorial até 2016 (RIBEIRO, 2016) e a *Hardcore* imprimiu números até 2019 (HARDCORE, site) – mas, sobretudo, a sua adaptação às transformações ao longo do tempo, com mudanças editoriais que, além de mercadológicas, indicam complexificações editoriais. Nota-se que, já em 1990, os surfistas nas capas diminuem, apesar de constantemente ainda aparecerem, e as mulheres seminuas começam a aparecer mais. Nesse ano, pela primeira vez desde o lançamento, não houve nenhuma capa que remetesse ao esporte (**Figura 11**), o que mais tarde iria se transformar em uma mudança de foco. De uma revista de jovens surfistas, a publicação passa a ser uma revista masculina de comportamento e antenada nas transformações sociais e culturais.

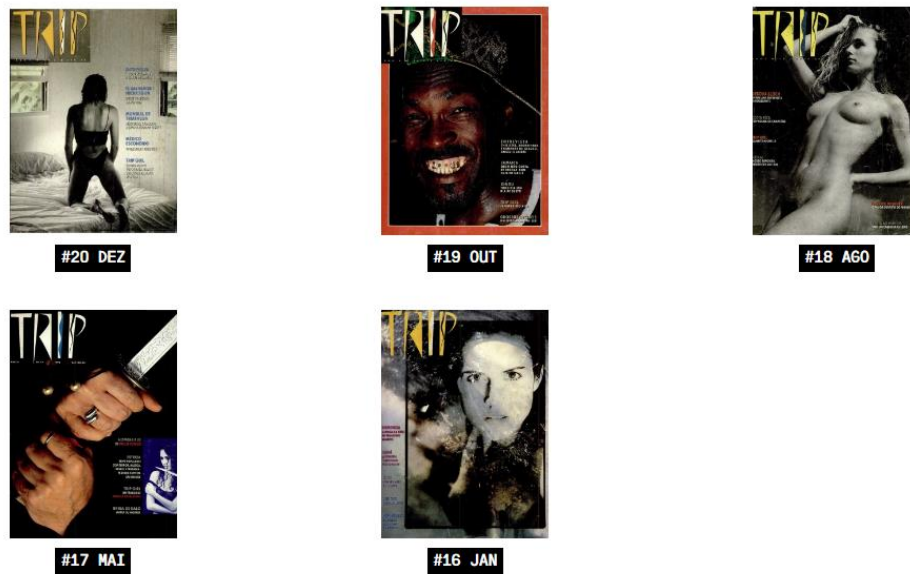


Figura 11: Imagens do acervo do site da *Trip*, não houve capas sobre o surf em 1990.

Fonte: Site *Trip*.

A publicação, em um retrospecto da sua história, se define como local de “reflexão, inovação, diversidade: poucas publicações têm em seu DNA a busca incessante pelo novo, a grande marca da *Trip* em seus 30 anos de história”⁹. Pelo texto autorreferencial, é possível perceber uma defesa por parte da revista das relações sociais com os corpos e suas mais diversas formas. Em sua mudança de segmentação, há também uma mudança da importância da representação dos corpos em suas páginas. Como dito anteriormente, esse elemento é tão significativo para a identidade da revista que em apenas 22 capas, mais as oito que não tivemos acesso, ele não aparece.

Ao longo da história, o corpo foi visto de diversas formas, em cada época uma concepção sobre ele é considerada balizadora das relações sociais, sendo assim, formas certas e erradas de habitar um corpo são constantemente reformuladas (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 25). Essas mudanças de perspectivas ocorrem em longos períodos, mas também em processos mais curtos. Analisando o periódico podemos perceber como essas transformações estampam as páginas da publicação.

Em 2009, a matéria da edição número 164 da revista *Trip* trazia a concepção do corpo passível de ser fisicamente moldado. Intitulado “Que corpo você quer ter?”, o texto é enfático: “vivemos numa época em que cada um escolhe seu físico como quem vai ao mercado” (SALOMONE, 2009, site). A repórter observou da praia de Ipanema, na cidade do Rio de

⁹ Disponível em: <<http://www.tripeditora.com.br/marcas-trip/>>. Acesso em: 15/01/20

Janeiro, a diversidade de corpos – uma diversidade dentro de um padrão magro e sarado -, pela seleção dos especialistas (sociólogo, filósofo e profissionais da saúde). Esse fenômeno é encarado como algo cultural de impacto na vida prática dos sujeitos (**Figura 12**).



Figura 12: Montagem com todas as fotos que ilustram a matéria.

Fonte: Revista *Trip*, 15 de outubro de 2009, site.

Podemos notar que a reportagem exclui os corpos gordos como uma possibilidade de corpo desejado ao mesmo tempo em que constrói críticas por meio das falas das fontes aos exageros na manutenção da forma física. Dessa forma, observamos o caráter discursivo da construção dos corpos nas revistas. Nas páginas dos periódicos, o corpo não se aproxima daquilo que ele é, mas se revela naquilo que editorialmente é pensado sobre ele, tornando-se, assim, também objeto de consumo (BRAGA, 2016). Se as revistas não dão conta de refletir um corpo para além de suas interpretações sobre ele, podemos dizer que esses *corpos-impressos* são fantasmagorias de corpos.

Anteriormente vimos como a colonialidade se constituiu. Já neste capítulo, vamos discutir o que é um corpo dentro da sua dimensão social, já que os sentidos que são construídos

sobre ele estão envoltos também sobre as reverberações da colonialidade. Em diálogo com aquilo que abordamos sobre raça e gênero, aqui apreenderemos como as distinções físicas podem impactar a maneira pela qual a materialidade do corpo será percebida pelos sujeitos. Por último, buscaremos ampliar a ideia de *corpo-impresso* aqui apresentada, uma ideia essencial para que, na análise, possamos perceber as fantasmagorias que ecoam desse tipo de corpo. É com essa perspectiva de copo que trabalharemos e não com a performática.

2.1. Corpo de carne e cultura

Na edição 263 da revista *Trip*, de março de 2017, um corpo heroico estampa a capa: na época, o quase octogenário ator Antônio Pitanga posa sem camisa, exibindo o corpo em forma (**Figura 13**). A edição fala sobre a velhice, a possibilidade de alcançar uma idade elevada e, mesmo assim, continuar jovial soa quase como algo mágico. É como se ao corpo fosse possível só uma possibilidade: perecer. Embora a revista diga que esteja tratando sobre a velhice, ela está enaltecendo a juventude (SANTOS e TAVARES, 2017), por isso exaltam Pitanga e as outras fontes que aparecem no número por terem superado o caminho considerado natural. Porém, vamos ao encontro das perspectivas teóricas de que não há um estado natural para o corpo, ele é constituído culturalmente.



Figura 13: Antônio Pitanga estampa a capa de *Trip* sobre velhice.
Fonte: *Trip*, Ed. 263, março de 2017.

O estranhamento de alguém de idade avançada, porém jovem acontece devido ao entendimento social dos papéis que cada idade deve exercer, pois o corpo é produzido por discursos concebidos em determinados momentos históricos. Como essa concepção de sentidos é contínua, o corpo também é uma produção constante. Ele é “provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoantes o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz” (GOELLNER, 2013, p. 30). Sendo assim, o corpo, bem como as concepções sobre ele, existe no tempo. Não no sentido naturalista daquilo que está fadado ao apodrecimento, mas na percepção da sua inscrição ao seu redor não estático.

Como já dito anteriormente, percebemos nas páginas das revistas que os corpos são aparições constantes, seja nos elementos textuais ou visuais. Os corpos impressos e os dos leitores são produtos sociais e culturais (LE BRETON, 2012) de grande importância nas interações humanas,

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência torna forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2012, p. 7).

No entanto, os humanos não experienciam os seus corpos sem a agência de terceiros. Sendo assim, sistemas de poder também moldam e geram interferências nos corpos. Segundo Foucault (1987), o poder perpassa toda a sociedade, constituindo-se como rede de relações. Ele está para além do Estado e outras instituições geralmente relacionadas à hierarquia – como igreja, escola e família –, ampliando, assim, sua capilaridade (FOUCAULT, 1987). Dispositivos normativos são, então, os meios pelos quais práticas de poder modelam os corpos.

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 1987, p. 164).

É preciso frisar que a colonialidade é um sistema de poder que também se reflete na corporalidade (QUIJANO, 2005a; LUGONES, 2014). Ao longo da história, os países latinos colonizados por Portugal e pela Espanha tiveram seus povos violentados em processos de domesticação dos corpos a partir de modelos eurocêntricos (SIMÃO & SAMPAIO, 2018, p. 670). Dessa forma, podemos pensar que os sistemas simbólicos e significações que permitem a

existência individual e coletiva no Brasil, nas palavras de Le Breton (2012), estão calcadas no processo da colonialidade.

Essas significações não estão escritas naturalmente nos homens e mulheres. Apesar dos processos de naturalização dos comportamentos, são ecos de instituições que ressoam em ambos. São várias as entidades que promovem essas marcas. Para Guacira Lopes Louro (2016, p. 25), a mídia, entre outras instituições, promove uma “pedagogia” dos corpos. Enquanto algumas identidades e práticas são asseguradas, outras são postas à margem, “gravando” formas comportamentais dos corpos. Porém, é necessário que os sistemas simbólicos estejam devidamente compartilhados, para que, assim, as diferenciações, acolhimentos e punições sejam devidamente aplicados àqueles que compactuam ou não com esse sistema. Dessa maneira, ações são normalizadas, assim como algumas identidades. Nesse processo, aqueles que mais se encaixam nesse padrão “normal” é tido em uma “posição neutra, a partir da qual todas as demais devem se reportar” (MACHADO, 2017, p. 43).

Rosa Maria Bueno Fischer (2002) vai ao encontro de Louro (2016) ao pensar a mídia como uma instituição pedagogizante. Para ela, os meios de comunicação nos ensinam a portarmo-nos perante o mundo e, sendo assim, também influem nos nossos corpos, oferecendo modelos a serem seguidos (FISCHER, 2002, p. 7). Embora Fischer esteja pensando na televisão, Gisele Dotto Reginato (2011) percebe também esse discurso pedagógico nas revistas. Algumas características do jornalismo de revista ajudam a construir esse tipo de discurso (REGINATO, 2011, p. 38). Uma delas é encontrada nos dois principais produtos da Editora *Trip*. Em *Tpm* e *Trip*: a narrativa mais próxima do público leitor é feita em primeira pessoa, em uma tentativa de estreitar o laço com a pessoa que lê a publicação (ROCHA, 2007; JÚNIOR, 2006).

Nesse processo da mídia e de outras instituições ensinarem sobre tal componente da vida da população, alguns corpos vão sendo construídos ao longo da história como padrões, referenciais para outros. Dentro dessa lógica, Beatriz Nascimento (2006) ressalta que, na cultura Ocidental, o homem foi forjado como ser universal. As mulheres, então, seriam as desviantes da norma. No entanto, outras camadas operam para construir subcategorias de sujeitos. Como intelectuais negras propõem, raça, classe e gênero se atravessam construindo corpos a partir das lutas que envolvem esses elementos (CRENSHAW, 2002; DAVIS, 2016).

Como anteriormente demonstrado, as pesquisas em Comunicação Social que abordam gênero nas publicações da Editora *Trip*, geralmente, estudam a revista feminina *Tpm*. Como a mídia nos educa como sujeitos de gênero (MEYER, 2013, p. 24), a *Tpm* se mostra como um interessante objeto para se analisar essa pedagogia. No entanto, gênero não é sinônimo de

feminino; é uma representação não fixa, constituída socialmente (LAURETIS, 1994, p. 211). O gênero se encontra em uma dimensão cultural que faz com que o masculino esteja em homens e mulheres; e idem para o feminino (MISKOLCI, 2012, p. 31). Sendo assim, é esperado um padrão comportamental em que homens se encaixem ao máximo no masculino e mulheres, no feminino. O desvio das normas de gêneros possui penalidades mais violentas do que os da orientação sexual (Ibid, p.41).

Ligado a isso, é necessário pensar que a masculinidade é múltipla e se manifesta de diversas formas. Classe, raça e geografia perpassam as masculinidades modificando as formas como são expressas e corporificadas (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 248). Há, no entanto, uma hierarquia dentro das masculinidades. Nem todos podem alcançar a masculinidade hegemônica, embora os corpos possam repetir posturas e trejeitos desse lugar. Mesmo assim, ela é a referencial, de modo que todas as outras masculinidades se colocam em relação a ela (Ibid, p. 245). No lado oposto, estaria a masculinidade subalterna. Questões sociais incidem sobre esse tipo impedindo que desfrutem plenamente dos bônus que o patriarcado pode oferecer aos homens, mas, mesmo assim, a masculinidade hegemônica ainda é um balizador, pois os sujeitos podem corporificar os padrões hegemônicos (JANUÁRIO, 2016). Via de regra, os homens negros estão mais próximos desta masculinidade, o que confere aos seus corpos um determinado lugar na sociedade. Rapidamente, tratamos das diferenças de gênero, mas gostaríamos de, agora, nos aprofundar um pouco mais sobre o corpo negro.

2.2. Um corpo diferente, um corpo negro

Pensar que o corpo é uma produção sociocultural reveladora de um determinado tempo-espaco não é negar a materialidade biológica do corpo. É, no entanto, dizer que a biologia não é central na definição de como os corpos podem se portar (GOELLNER, 2013). A materialidade dos corpos ainda é o lugar por onde os desejos, ânsias, prazeres e dores são sentidos. Porém, quais sensações e sentimentos esses corpos podem sentir depende de vários fatores. A questão racial pode ser uma dessas condições que modificam a experimentação corporal.

Na já citada edição de abril de 2014, o número 231, a chamada deixa bem explícito: “Ser negro no Brasil é f*da”. A edição 141 da revista *Tpm*, do mesmo mês e ano, trata do mesmo assunto. As duas capas da publicação feminina são estampadas pela atriz Juliana Alves. Mas, a chamada do periódico traz uma diferença: “Ser negra no Brasil é (muito) f*da”. Não é uma diferença sutil. Os textos distintos dizem sobre como esses corpos, apesar da cor em comum, vivenciam o mundo de formas diferentes. Se pensarmos em uma pirâmide social, as mulheres

negras estariam na posição inferior, enquanto os homens brancos, no topo. Os homens negros não estariam no mesmo patamar nem dos homens brancos nem das mulheres negras, já que a raça não permite que compartilhem dos mesmos privilégios dos homens brancos e, por não serem do gênero feminino, também não são oprimidos da mesma forma que as mulheres negras (VIANA, 2020, p. 91).

De qualquer forma, há um local reservado para o corpo negro. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2019, mostra que 56,2% da população brasileira é negra. Segundo a mesma pesquisa, a taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais é de 8,9% entre pessoas negras, mais do que o dobro entre a população branca. Essa mesma pesquisa também nos diz que o rendimento médio no mercado de trabalho de pessoas pardas e pretas é de, respectivamente, R\$1.719 e R\$1.673, enquanto o de brancos é de R\$2.999. Segundo o estudo *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil (2019)*, a taxa de homicídio na população negra é de 98,5 a cada 100 mil jovens. Quando fazemos o recorte dessa taxa no gênero masculino, o número passa a ser de 185. Esse é um pequeno recorte com dados sociais da população negra no Brasil. Quando nos perguntarmos o que é ser negro, podemos encontrar respostas que nos ajudem entender esse cenário.

“Mamãe, olhe o preto, estou com medo” (FANON, 2008, p. 105) foram as palavras que Frantz Fanon ouviu vindas de uma criança branca. As palavras que paralisaram o autor o definiram como objeto. O discurso já conhecido por aquela criança branca moldou um corpo esvaziado: “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldade na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa” (Ibid, p. 104).

Como visto no capítulo anterior, o trauma da colonialidade perpassa e impulsiona os escritos de Fanon. A passagem acima reflete como o aspecto colonial que se enraíza como colonialidade concede poder de nomeação à branquitude. Para além de uma possibilidade de nomear aqueles que estão à sua volta, é um lugar de conceituação, perpassado de violência. “Ao designar a/o negra/o enquanto tal, também se constituiu todo um movimento marcado pela subalternização, pela inferiorização, pela objetificação e pela coisificação dos modos de vidas e subjetividades negras” (LIMA, 2020, p. 89).

A antropóloga Fátima Lima (2020) defende em “Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada” que o trauma colonial impacta a noção de sujeito e de subjetividade de pessoas negras. Ela chama a atenção para o fato de que a análise sobre negros e negras na sociedade precisa considerar a colonialidade na construção da maquinária da racialidade, “mais do que uma palavra e longe de ser uma metáfora, a

colonialidade atravessa as relações sociais, funda e refunda arquiteturas, atua através da linguagem enquanto violência, classifica, hierarquiza, subjuga, desumaniza e extermina” (Ibid, p. 84). O branco torna-se, então, o norte que rege as possibilidades de experiências a serem vividas, inclusive, pelas pessoas negras. “A brancura detém o olhar do negro antes que ele penetre a falha do branco. A brancura é abstraída, reificada, alçada à condição de realidade autônoma, independente de quem a porta enquanto atributo étnico, ou, mais precisamente, racial” (SOUZA, 1983, p. 4).

O passado tangencia e molda as experiências raciais do presente de modo que a leitura da vida é feita, na maioria das vezes, com as lentes da modernidade, tendo o eurocentrismo como balizador das possibilidades de ocupação do mundo. Em sua reflexão, Lima destaca as implicações do sistema em que estamos inseridos inclusive na concepção teórica daquilo que é considerado sujeito e no apagamento daquilo que não se quer enxergar como sujeito:

a ideia de sujeito emergiu e se consolidou, forjando diferentes domínios do que se convencionou chamar, em um sentido mais amplo, de Ciências Humanas e Sociais que, junto à Filosofia Ocidental, conceberam diferentes formas de explicar os sujeitos e, conseqüentemente os processos subjetivos, ou seja, como esses sujeitos se apresentam frente ao mundo, atravessados pelo social, cultural e pelo político. A maioria desses esquemas teórico-metodológicos não incorpora a percepção de que, no projeto moderno-colonial (Estado-capital), um conjunto de outros se constituíram enquanto outras/os a partir da linguagem opressiva que faz mais do que performar a violência, mas é a própria violência (Morrison, 2020). A partir dessas inquietações investigativas, é possível perceber que, muitas vezes, as tentativas de explicações de grande parte dos eventos contemporâneos não passam de uma repetição do texto moderno (LIMA, 2020, p. 82-83).

O sistema racial transforma as pessoas negras em um *outro*, as esvazia, tornando-as signos vazios. Homens negros e mulheres negras serão vistos assim. O gênero criará algumas distinções dos lugares sociais para o corpo dessas pessoas. Osmundo Pinho (2004) vai nos dizer que há uma forma cristalizada de se ver os sujeitos negros:

O corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco (PINHO, 2004, p. 67).

Este problema não é ocasionado pela não representação dos homens negros, mas, sim pela “hiper-representação” do homem negro (Ibid, p. 66), dissecado pelo olhar branco, considerando-o apenas corpo, corpo esse que não é completo, mas dividido em partes e destituído de subjetividades. Embora Pinho reflita sobre o corpo do homem negro, essa animalização também é válida para mulheres negras. Frantz Fanon propõe olharmos o corpo negro definido em terceira pessoa como um corpo em tripla pessoa: “ocupava determinado lugar. Ia ao

encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil, mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea... Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais” (FANON, 2008, p. 105). O corpo negro não carrega apenas o próprio peso, carrega o passado de suas gerações, ou melhor, carrega o peso depositado pela branquitude, já que é ela quem “molda o que os corpos podem fazer ou não em sociedade” (VIGOYA, 2018, p. 133).

Existe um lugar reservado para os corpos negros na sociedade brasileira, calcado na herança da constituição desse país que dialoga com a colonialidade. E não são só os corpos que são socialmente rebaixados e a completude dessas pessoas que são diminuídas. “Não é possível subjugar homens sem logicamente os inferiorizar de um lado a outro. E o racismo mais não é do que a explicação emocional, afetiva, algumas vezes intelectual, desta inferiorização. Numa cultura com racismo, o racista é, pois, normal” (FANON, 2012, p. 281 *apud* LIMA, 2020, p. 87).

Mesmo que tentem reduzir o homem negro ao seu corpo, o corpo negro ainda é fonte de enfrentamento e resistência. Leda Martins (2003) reflete em seu trabalho sobre como as populações negra e indígena utilizam seus corpos como ferramenta de conhecimento. Para a autora, o corpo é local de inscrição de memórias. As repetições de movimentos e gestos produzidas por ele não são meros hábitos, são técnicas de “revisão da memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico, etc” (MARTINS, 2003, p. 66). Podemos perceber, então, que Martins e Pinho estão pensando o corpo de formas distintas. Enquanto para Martins o corpo já é um espaço de resistência, para Pinho, o corpo precisa tomar consciência do seu lugar para fugir dos lugares estáticos que o colocam.

De qualquer modo, ambos pensam os corpos como possibilidades de resistência ao mundo que os cercam. É importante ressaltar que os sujeitos também reagem e transformam a realidade, tensionam os ordenamentos e propõem a extinção do mundo social da forma como ele é. Ao longo da história, pessoas vêm encarando o fim do mundo. Isso “em contextos brasileiros é nos desfazermos de uma herança identitária que, em nome de uma igualdade e de uma democracia, reiterou/a diferentes processos de opressão” (LIMA, 2020, p. 82). Os movimentos de resistências ocorrem desde o processo colonial nos continentes americano e africano. Essa pesquisa, entre tantas outras, é uma tentativa disso, mas não está sozinha nesse caminho:

Em resposta a essa violência, negras/os têm, ao longo, de suas histórias, tentado responder de outras formas à violência da colonialidade a partir do encontro com a dimensão de negritude que essas experiências possibilitam, erigindo coletivamente o

reconhecimento de uma comunidade e a construção de pertencimentos. Esse movimento pode ser percebido hoje, através de diferentes expressões, nos brasis onde negras/os assumem as suas próprias histórias, tensionando os lugares de enunciações, portanto, de poder. Isso possibilita que as histórias que marcam o processo escravocrata, sua brutalidade e violência, como uma flecha que atravessa o tempo, possam ser desviadas e/ou devidamente enterradas. Um dos elementos fundamentais nesse processo é a tomada de consciência da negritude, em que “[...] uma vez descoberto o branco dentro de si, ele o mata [...]. Após ter sido levado aos limites da autodestruição, o preto, meticulosa ou tempestuosamente, vai saltar no buraco negro de onde partirá com tal vigor o grande grito negro que estremecerá os assentamentos do mundo” (Fanon, 2008, p. 167). Aí podemos pensar em um novo homem, um novo humanismo (LIMA, 2020, p. 90).

No entanto, o intuito da pesquisa é pensar os corpos negros para além da resistência, incluindo os atravessamentos sociais e editoriais sobre eles. Não é nosso objetivo analisar o corpo a partir do viés da estética ou performance.

Nos interessa pensar o corpo por uma outra perspectiva. Para isso nos perguntamos o que a revista faz quando imprime suas páginas? O que significa ser um corpo-impresso em uma revista? Como esses corpos-impessos são transpassados por fantasmagorias relacionadas a nossa construção nacional? A primeira capa estampada por uma pessoa negra foi na edição 8, de abril de 1988, um mês antes da comemoração do centenário da abolição do sistema escravocrata. Embora essa data pudesse servir de gancho para uma capa ligada ao tema, não foi isso que aconteceu. A modelo e *Miss Brasil* Deise Nunes aparece seminua na primeira página do periódico (**Figura 14**). Já o primeiro homem negro a estampar uma capa da publicação foi em outubro de 1990, na edição 19, com o modelo Anthony Brown, músico de rua jamaicano (**Figura 15**). Interessante notar que o primeiro homem negro a aparecer na capa da revista não é um brasileiro. O que essas primeiras aparições nos dizem? Queremos analisar esses corpos a partir do entrecruzamento da produção editorial com os corpos que aparecem/são escritos na revista, o que estamos chamando de corpo-impresso.

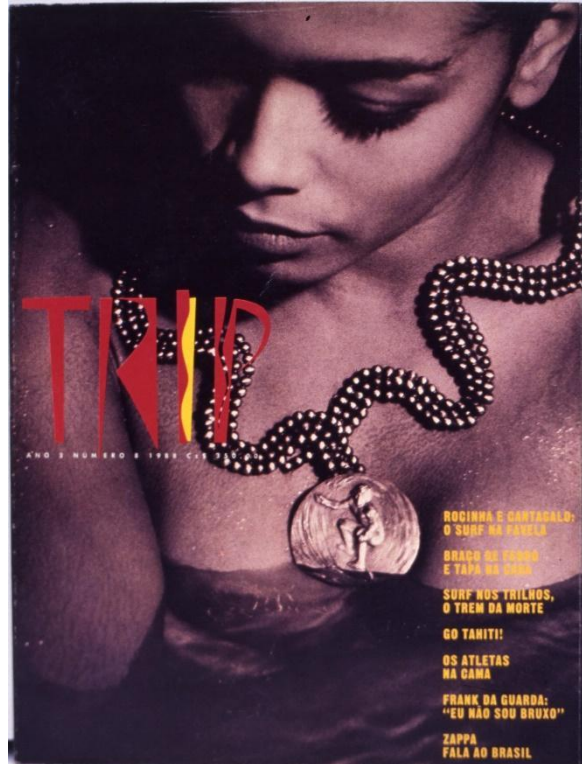


Figura 14: Deise Nunes foi a primeira pessoa negra a estampar a capa da *Trip*.
Fonte: *Trip*, Ed. 008, abril de 1988.

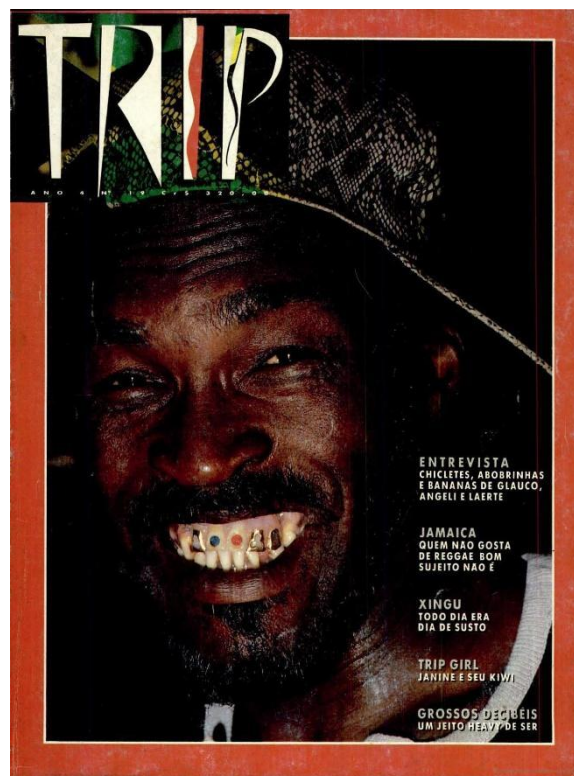


Figura 15: O jamaicano Anthony Brown foi o primeiro homem negro na capa da *Trip*.
Fonte: *Trip*, Ed. 019, outubro de 1990.

2.3. Corpo-impresso, Brasil, colonialidade e raça

Em uma das capas da já citada edição 214, de agosto de 2012, da revista *Trip*, uma régua branca de 20 centímetros tampa a letra “i” minúscula da palavra “PÊNiS”. Não é a foto de um homem estampada, mas nos é apresentado um corpo ou, pelo menos, uma forma de representação dele. Como a própria chamada demonstra, “O tamanho do tabu”, várias concepções sociais sobre esse órgão estão postas ali (**Figura 16**). Para além do biológico, é um corpo fabricado editorialmente, com ideias respaldadas em concepções partilhadas socialmente (TAVARES, SILVA, 2019).

Podemos nos questionar o quanto dessa capa diz da visão da publicação e de seus funcionários. No entanto, o corpo não está passivo no mundo, ele reage, pois “nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam” (GOELLNER, 2013, p. 41). Quais seriam os limites de reação do corpo se o que os periódicos fazem é colocar o complexo mundo em uma página plana, tangível aos seus leitores? Propomos que, no processo de feitura de uma edição, as revistas não apenas retratam um corpo, mas que uma série de atravessamentos editoriais e dos próprios sujeitos entrevistados/fotografados resultam em um corpo-impresso.



Figura 16: Um dos tabus masculinos, o tamanho do pênis, foi capa da revista em 2012.

Fonte: *Trip*, Ed. 214, agosto de 2012.

Nos diversos mecanismos de “gravar” os modos de ser, as revistas enquadram um mundo em suas páginas a partir de seus processos de produção ao tentar ordenar o contemporâneo dentro do seu espaço físico (VOGEL, 2013, p. 17). Por ser um recorte do todo, elas não conseguem dar cabo de toda a complexidade e dimensão *do* mundo, por isso, reproduzem *um* mundo que é visto a partir da ótica dos seus projetos editoriais (FRANÇA, 2013). Ao selecionar aquilo que deve ser lido/visto por seus leitores, faz, também, o trabalho inverso de dizer o que não deve ser lido/visto, o que é passível de esquecimento. Dessa forma, as minorias ou quaisquer outros assuntos não interessantes para a linha editorial das publicações podem ultrapassar o esquecimento e atingir a não existência (FRANÇA, 2013).

O jornalismo tem papel normatizador na sociedade, reflete na cultura ao mesmo tempo em que reflete o cenário cultural.

Desse modo, não há como pensar a cultura (aqui entendida como conjunto de regras, hábitos e valores historicamente construídos numa sociedade) em que estamos inseridos sem refletir sobre o papel do jornalismo. A participação do jornalismo na normatização da sociedade fica evidente por este prisma, bem como nos processos pelos quais são valoradas as relações sociais. É em meio a isso que se situam as representações de gênero. Esses mesmos valores e formas de construção da realidade através da notícia incidem sobre a construção de determinadas concepções de gênero, definindo masculinidades e feminilidades, bem como sexualidades legítimas e ilegítimas (SILVA, 2010, p. 36).

É por isso que sustentamos o argumento de que os ideais da colonialidade incidem na forma que as revistas imprimem os corpos em suas páginas. Não só incidem, mas também reforçam esse ideário. Além dessa questão social, não podemos nos esquecer que as revistas são produtos de consumo, atuando dentro de uma lógica capitalista também excludente. Isso é demonstrado com os avanços econômicos do início dos anos 2010, que moldaram uma nova classe média. Com ela houve a necessidade de o Governo Federal educar os empresários da comunicação a se relacionarem de forma adequada com essa nova classe. Isso foi feito, por exemplo, por meio da revista *Vozes da Classe Média* (CAMPOS, 2014, p. 49). Entre outras coisas, o material demonstrava que havia pessoas negras compondo essa nova camada social e que era importante que elas fossem retratadas e inseridas também dentro do grupo de consumidores.

A representação das pessoas negras na mídia de uma forma mais ampla e plural passa a acontecer por diversos fatores econômicos e sociais. No entanto, nos apropriamos da pesquisa de Adriana Braga (2016) para dizer que esses corpos negros que aparecem nas revistas são corpos discursivos construídos a partir de amontoados de discursos diversos. Em sua pesquisa, Braga estuda revistas femininas e constrói a ideia do corpo-verão. Para a autora,

O corpo feminino está presente nas experiências dos diferentes campos por meio de suas respectivas mediações, mas o que o torna corpo-verão é a especificidade da experiência midiaticizada, uma experiência movida a técnica, linguagem, operações discursivas, marketing, lógicas que se sobrepõem, cruzamentos estratégicos (BRAGA, 2016, p. 146).

O corpo-verão não é um corpo real. Ele é construído discursivamente. No entanto, ele se torna modelo a ser seguido, algo desejado e digno de ser conquistado de qualquer forma. Embora nem todos os corpos que estampam as páginas das revistas sejam almejados, há algo no conceito de Braga que acreditamos que se repita em todos eles: esse corpo é discursivo, ele não é real ou uma cópia do real, é uma projeção de diversos atores. Esses corpos, vendendo ou não a ideia de verão, são produzidos pelos entrecruzamentos editoriais, sociais, econômicos, morais e pessoais. Eles são reflexos de uma realidade, mas também construtores dela. No entanto, há algo importante a ser demarcado: isso que as páginas das revistas carregam é tudo isso apresentado neste parágrafo, mas não são corpos; são ideias, projeções, são corpos-impresos. Como corpos-impresos, são produções editoriais que carregam princípios editoriais. Destacamos novamente o fato de que essas representações não estão na dimensão do real: “a mídia não se define como mero instrumento de registro de uma realidade, e sim como dispositivo de produção de um certo tipo de realidade, *espetacularizada*, isto é, primordialmente produzida para a excitação gozo dos sentidos” (SODRÉ, 2006, p. 79). Sendo

assim, esses corpos-impressos são fabricados em papel, mas possuem a força de despertar sensações que são corpóreas, simulando, até mesmo, uma ideia do real palpável.

Nesta pesquisa, fazemos a opção de investigarmos as fantasmagorias destes corpos-impressos. A escolha de olhar para os corpos desta perspectiva e não de outras (como a da performance, por exemplo) nos traz impasses. Talvez o principal dele esteja na resistência dos corpos em se transformarem em corpos-impressos, especialmente quando estamos observando os corpos negros, que podem ser considerados locais de resistência de memória, conforme a concepção de Martins (2003). No entanto, a partir da sugestão de Braga (2016) de pensar esses corpos-impressos como discursivos, entendemos que os processos editoriais também perpassam o corpo retratado. O corpo-impresso justamente “achata” esses diferentes discursos na página da revista. Em pesquisa anterior, constatamos que era comum divergências entre a forma que entrevistados gostariam de ser retratados e como a revista de fato os retratava (SILVA, 2018), gerando assim mais de um corpo-impresso sobre o mesmo corpo. Cada publicação, porém, terá formas diferentes de realizar esse movimento, já que cada periódico é uma instituição diferente que sofre influência de uma outra instituição, a editora na qual ela é produzida (SCHWAAB, 2013). Esses atravessamentos nos ajudam a refletir o quão complexo é esse depósito de camadas sobre os corpos-impressos.

Também nos ajuda a entender que as revistas são ideológicas por natureza e dizem sempre sobre um tempo presente (TAVARES, 2013, p. 80). Dessa forma, analisar a forma como a revista *Trip* representa as masculinidades negras, assim como o corpo negro, nos diz como a mídia enxerga a população negra na contemporaneidade e como as ideologias institucionais refletem nesse olhar. Também é possível compreender qual é a participação da mídia nos processos de subordinação dos sujeitos negros no Brasil ao mobilizar os discursos da construção nacional.

CAPÍTULO 03 – Corpos-impressos negros nas fantasmagorias do Brasil de *Trip*

A revista *Trip* nasce como uma publicação bimestral e segue assim até novembro de 1996. Após essa data, ela passa a ter sua tiragem rodando mensalmente, com algumas exceções nos meses de janeiro. Em dezembro de 2017, quando a sua “irmã” editorial *Tpm* já possuía uma periodicidade trimestral, as edições 271 de *Trip* e 173 da *Tpm* foram lançadas de uma forma inédita pela editora. Ambas ocupavam o mesmo espaço físico, uma única publicação possuía os dois títulos. Esse tipo de experimento é uma característica da *Trip*.

O surf é uma das temáticas da revista. Ainda que tenha ocorrido uma virada editorial ao longo do tempo, o ambiente ensolarado é a tônica da publicação. Os ensaios fotográficos com surfistas e matérias sobre o esporte continuaram constantes. Desde o início, as páginas do periódico aglutinavam uma miscelânea da cultura jovem: das entrevistas com diversas personalidades, nas “Páginas Negras” (entrevista) já a partir do primeiro número, aos movimentos musicais em voga.

Ao olharmos as edições mais recentes, percebemos que boa parte delas possuem temáticas muito bem definidas, transformando alguns números em uma espécie de dossiê sobre o assunto tratado. Algumas das questões tratadas no decorrer do tempo foram a cocaína (edição 37, abril de 1994), o respeito (edição 139, novembro de 2005), o medo (edição 168, julho de 2008), as prisões (edição 246, agosto de 2015) e a ilusão do controle (edição 254, maio de 2016). Mas no início da publicação isso não era uma realidade. Manchetes na capa davam pistas ao leitor do que ele encontraria naquelas páginas, mas não existia um assunto específico que transpassasse toda a edição. É em abril de 1991, no número 21, que um tema é evidenciado na capa: sexo explícito (**Figura 17**).



Figura 17: Primeira revista temática da *Trip*.

Fonte: *Trip*, Ed. 021, abril de 1991.

Mas é apenas em 2005 que as edições temáticas passam a ser uma constante, consolidando-se, em 2006, mais como uma regra do que edições especiais isoladas. Essa transformação abre campos de análise, pois deixa mais claro alguns posicionamentos editoriais, já que

esse circuito pode ser observado (e pensado) na escolha de pautas, na repetição de assuntos e no retorno cíclico de certas temáticas ao longo do tempo. Todas elas, conteúdos importantes do temário mais amplo que indica a composição de um conceito editorial e, ao mesmo tempo, a possibilidade de abordagem de um mesmo assunto de maneira diferente no interior da própria publicação, como se, de maneira fragmentada (por conteúdos e formas), a revista desse conta de vários aspectos que compõem um todo de um tema. Característica essa muito presente em revistas de periodicidade ampliada votadas para uma grande temática (TAVARES, 2013, p. 88).

Desse modo, podemos entender os posicionamentos institucionais da publicação. Tendo em vista que as revistas “significam e provocam significações, em uma mistura de interesses de mercado com a realidade social” (FRANÇA, 2013, p. 98), essa posição nos diz de questões acerca de como o produto editorial afeta e se deixa afetar pelas transformações sociais. A

revista, para além de conversar com um leitor alvo, negocia determinadas noções de mundo. Resistir ao tempo no mercado editorial é sobretudo navegar entre suas diretrizes político-institucionais, anseios de grupos de leitores e reverberações sociais, refletindo, assim, um espírito do tempo no qual habita (SCALZO, 2011, p. 16).

Por isso, entender minimamente quem é o leitor de um determinado título editorial nos ajuda a situar a publicação em determinados parâmetros. Apresentaremos a seguir alguns dados do *Mídia Kit* da *Trip*. É necessário ressaltar, entretanto, que a pesquisa faz o esforço de analisar edições com um intervalo de tempo alongado, o que significa que esses dados não refletem necessariamente o perfil de leitor da publicação ao longo do tempo. Queremos, porém, com essas informações, dizer que em um determinado recorte temporal os leitores de *Trip* apresentavam certas características. Elas podem ser balizadoras daquilo mais próximo do que a revista é hoje e, a partir da análise de publicações passadas, perceber o alinhamento ou a distinção do projeto editorial atual.

Dito isso, o panorama que temos ao olhar para o *Mídia Kit* da publicação de 2016 é que o público da *Trip* é formado por uma maioria masculina (78%), como já era o esperado pela natureza do periódico. Destes, a maioria está na faixa etária dos 26 aos 45 anos (68%). Sobre a escolaridade, quase a totalidade dos leitores possuía o ensino superior completo (96%). Pouco mais da metade do público da revista está inserido na classe B (51%) do grupo social. Apesar de tratarmos a publicação como uma revista masculina, o anuário *Mídia Dados* (2021, p. 228) classifica *Trip* como uma revista na segmentação “Comportamento/Jovem-adulta”. Ela é a única inserida nessa classificação, o que pode indicar a singularidade do título frente ao mercado editorial. Mesmo assim, consideramos que ela tem características suficientes para a denominarmos uma revista masculina.

Outro dado relevante extraído do *Mídia Dados* (2021) é a diferença de números em circulação da *Trip* que aparece quando comparamos o *Mídia Kit* com a pesquisa. Segundo o material de venda de espaço publicitário, a tiragem da revista é de 25 mil exemplares mensais. Já quando olhamos para os dados da pesquisa, ela nos diz que a publicação teve uma circulação média de 6,2 mil exemplares, em 2016, e de 7,3 mil exemplares, em 2017. Nos anos posteriores, não há registro.

Esses dados são passíveis de variação no decorrer dos anos da revista, mas nos direcionam para uma determinada inserção social. Porém, defendemos que há ideias mais enraizadas que definem melhor a natureza dos produtos editoriais. Nesse sentido, este trabalho se questiona de que forma a revista *Trip* se relaciona com os ideais de nação que constroem as questões étnico-raciais ao longo do tempo na impressão do corpo dos sujeitos negros em suas

páginas. A hipótese é que as revistas, por serem produtos culturais ideológicos (TAVARES, 2018), que afetam e são afetadas pela sociedade, também possuem noções sobre a identidade nacional, questões essas que podem ser visíveis em suas linhas editoriais. A identidade nacional é vista neste trabalho como um conjunto de pensamentos mutáveis ao longo do tempo que tentam dar sentido e unidade ao território brasileiro. Algumas ideias ganham mais força em determinados momentos históricos ancoradas por posicionamentos políticos, sociais e culturais, alcançando o patamar de hegemônicas, por isso mesmo não únicas, mas dominantes.

Sendo as revistas objetos pedagogizantes dos corpos (LOURO, 2016), buscamos entender as relações entre a identidade nacional e o lugar que as pessoas negras ocupam nas páginas da *Trip*. Segundo os autores e autoras decoloniais do referencial teórico deste trabalho, não podemos pensar em identidade nacional na América Latina – e no Brasil – sem pensar em gênero e raça. Dessa forma, ambas as noções balizam as revistas, mesmo que não seja de forma explícita, indicando formas de construir e refletir ideais de nação.

3.1. Recorte do olhar

Ao longo dos seus 36 anos, foram publicadas 286 edições do periódico. Não é possível analisar esse número no tempo disponível para fazer esta pesquisa, como já dissemos. Por isso, foi necessário fazer um recorte que desse conta do objetivo deste trabalho. O primeiro passo foi a opção de olhar para o ideal de Brasil que a publicação carrega. Esse caminho foi assim escolhido, pois os ideais de nação surgem em torno de grupos sociais, incluindo aí correlações de gênero e raça.

Depositar esforços em observar como a revista pensa o país e não partir diretamente para a análise do corpo negro brasileiro na publicação se justifica porque várias vezes o grupo editorial de *Trip* mostrou preocupação com os rumos do país, seja em edições temáticas, em matérias ou em editoriais. Isso nos revela que há um posicionamento consciente e assumido da revista sobre a questão nacional: ela não é uma publicação que se pensa isolada da estrutura sociopolítica na qual é imersa. Mesmo assim, esse recorte não soluciona o problema do grande volume de edições, já que o discurso sobre a nação nem sempre se vincula ao que é assumidamente uma pauta do país. Ele pode aparecer em pautas sobre comida, vestimenta, *surf* ou qualquer outra coisa.

Para solucionar a problemática, o recorte do *corpus* da pesquisa foi feito a partir das vezes em que o Brasil foi tema de matérias ou, até mesmo, edições inteiras. Esse recorte se fez

válido por ser o momento em que a publicação assume a sua visão sobre o país, mostrando ou deixando de mostrar os sujeitos que compõem este lugar.

Para chegar ao recorte da pesquisa, buscamos todas as edições que trouxessem na capa a palavra “Brasil”, “país”, “brasileiro” ou similares. Apenas a edição 38, de julho de 1994, possuiu um sistema de classificação imagético: embora o texto da capa dissesse “São Paulo”, a foto remetia à bandeira nacional. Chegamos, então, ao total de 69 revistas, sendo que três delas (nº146, jul. 2006; nº 188, nov. 2009; nº 195, dez. 2010) não conseguimos ter acesso. Das 66 que temos disponíveis para consulta, foi necessário separar as vezes em que essas palavras carregavam o significado de nação, pois algumas vezes a palavra significa apenas um espaço físico, sem os atravessamentos culturais ou apenas o gentílico de alguém. Um exemplo disso é a edição 18, de agosto de 1990, que trazia na capa a chamada “Voltam ao mundo com um carro brasileiro”. A nacionalidade do carro é o valor-notícia que justifica a matéria; não são apresentados elementos suficientes e/ou relevantes para analisar a identidade nacional. Algo diferente ocorre com a edição 86, de fevereiro de 2001, que tem a chamada “Juliana Paes, a empregada que desarrumou o Brasil”. Este enunciado carrega questões importantes para entender o país, entre elas o trabalho doméstico e a herança colonial de opressão sexual às mulheres que ocupam essa posição.

No refinamento do recorte, chegamos a 26 edições que tinham nas chamadas das capas a palavra “Brasil” com o sentido de identidade. Embora o nosso interesse de pesquisa seja o binômio identidade nacional/corpo, o recorte inicia-se pela ideia de nação por entendermos, como tratado anteriormente, que o corpo é uma constante na revista – ele costuma aparecer mesmo em pautas que não estejam ligadas diretamente a ele. Também por termos a concepção que os ideais de país são instrumentalizados na possibilidade de alguns corpos poderem ou não existirem de forma completa.

A partir dessas colocações, procuramos as reportagens de capas e outras matérias que tivessem como tema o Brasil – não foram consideradas as notas e os textos de seções fixas. Procuramos reportagens em que pudéssemos perceber “fantasmagorias da colonialidade”, que entendemos aqui como características da colonialidade que são naturalizadas pela abordagem das matérias, mas que dizem sobre um ideário colonial. Dessa forma, chegamos ao número de 15 edições. Serão, então, analisadas as matérias com a temática nacional nas seguintes edições, observando também textos que tangenciam essas mesmas reportagens: 24 (nov. 1991), 25 (jan. 1992), 28 (ago. 1992), 33 (jul. 1993), 38 (jul. 1994), 86 (fev. 2001), 110 (abr. 2003), 135 (jul. 2005), 136 (ago. 2005), 137 (set. 2005), 189 (jun. 2010), 230 (mar. 2014), 231 (abr. 2014), 234 (jul. 2014), 259 (out. 2016). Foram selecionadas 21 matérias que constam na tabela abaixo.

Edição	Mês	Ano	Chamada capa	Título
24	Novembro	1991	O verdadeiro Jornal do Brasil	Impacto de Sangue
25	Janeiro	1992	Documento Especial: o Brasil passa na Manchete	A Hora do Brasil
28	Agosto	1992	Os verdadeiros personagens da crise brasileira	Trindade o Brasil proibido
28	Agosto	1992	Os verdadeiros personagens da crise brasileira	Sexo e poder. Os verdadeiros personagens da crise brasileira.
33	Julho	1993	Pomba-gira, a primeira-dama do Brasil	Por baixo da saia a pomba gira
38	Julho	1994	Apartheid em São Paulo	Guerra Fria
86	Fevereiro	2001	Juliana Paes, a empregada que desarrumou o Brasil	Tudo no lugar
110	Abril	2003	Partida de futebol põe em xeque o preconceito racial no Brasil	Preto contra branco
135	Julho	2005	Olhar <i>Trip</i> sobre a semana mais quente da história do Brasil // Roqueiro mais polêmico e talentoso do Brasil // Brasil inteiro fala “pedala, Robinho”	Pedala, Tutinha
135	Julho	2005	Olhar <i>Trip</i> sobre a semana mais quente da história do Brasil // Roqueiro mais polêmico e talentoso do Brasil // Brasil inteiro fala “pedala, Robinho”	Jornal Nacional
136	Agosto	2005	O Brasil e o mundo têm saída?	Especial: Você é feliz?
137	Setembro	2005	Por que você deveria optar pelo desarmamento. 16 páginas desatam um nó que pode mudar este país	Especial: Desarmamento
189	Junho	2010	Futebol e copa: geral na obsessão de dá a cara do Brasil	Mini craques
189	Junho	2010	Futebol e copa: geral na obsessão de dá a cara do Brasil	Homem a homem
189	Junho	2010	Futebol e copa: geral na obsessão de dá a cara do Brasil	Penalidade máxima

230	Março	2014	Brasil: vai ficar ou tá a fim de ir embora?	Você já teve vontade de ir embora?
231	Abril	2014	Ser negro no Brasil é f*da	Ser negro no Brasil é foda
231	Abril	2014	Ser negro no Brasil é f*da	Não existe nada mais perigoso no Brasil do que ser um jovem negro
231	Abril	2014	Ser negro no Brasil é f*da	Existe racismo de côr* no Brasil ainda? *Grafado conforme a matéria da revista Realidade
234	Julho	2014	Que país é este?	A mesma data, um mesmo ano. Que país é este?
259	Outubro	2016	O ar anda pesado no Brasil, né?	Deu ruim

Tabela 01: *Corpus* da pesquisa

Fonte: elaboração própria

3.2. Corpos-impressos em *Trip* ao longo do tempo

Antes de iniciarmos a análise das matérias, apresentamos as capas das edições que compõem nosso recorte (**Figura 18**). Elas ajudam a perceber as transformações editoriais no periódico ao longo dos anos, além de ajudar a entender a hierarquia das temáticas abordadas em cada número. Cada revista analisada possui duas capas, por isso o número duplicado do total de edições estudadas.

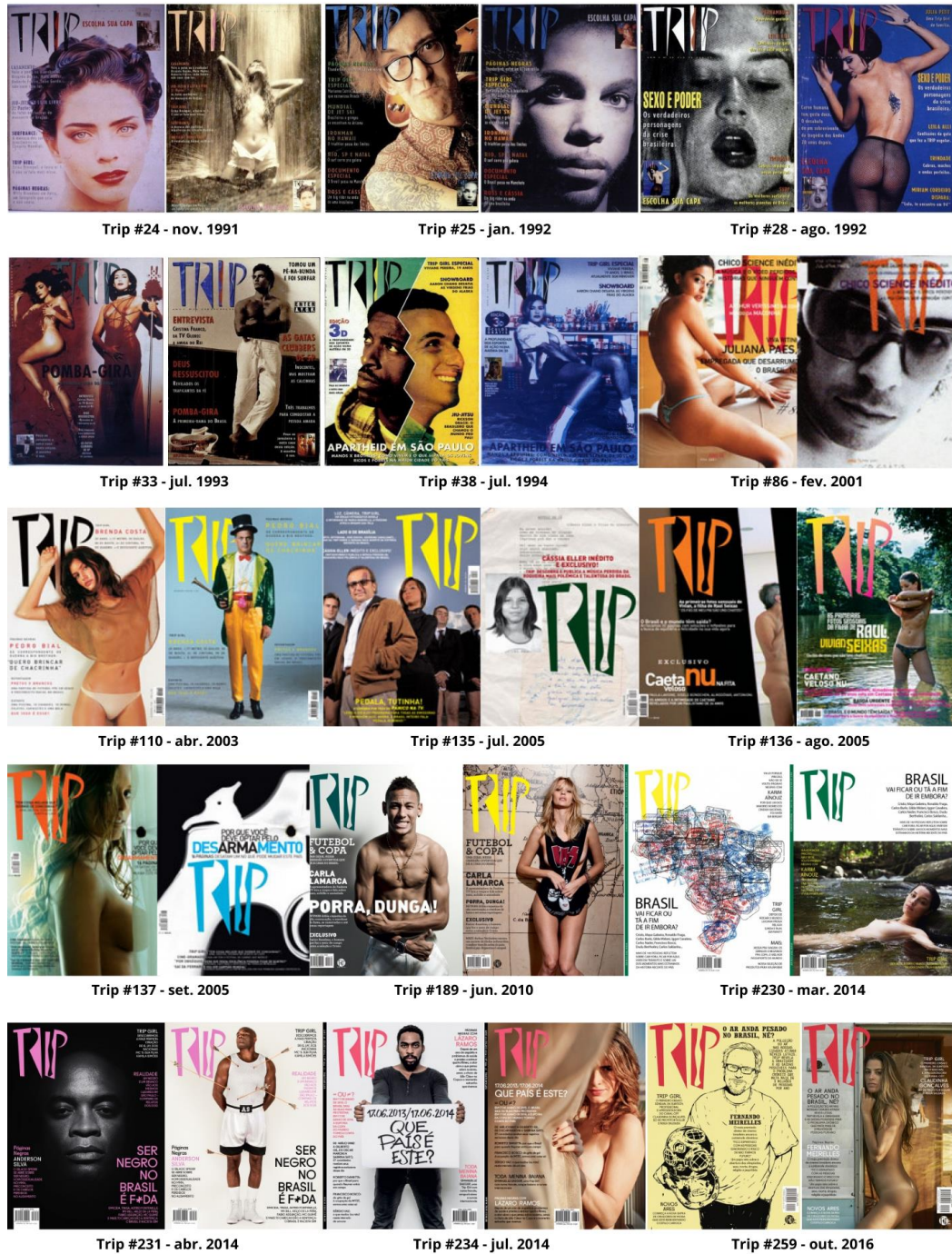


Figura 18: Capas das 15 edições analisadas.
Fonte: elaboração própria.

A edição 24 da *Trip*, de novembro de 1991, não possui um tema específico. O número traz a *Trip Girl* Érika (**Figura 19**), escolhida por votação pelo público, em uma das capas, enquanto a outra traz uma foto da modelo Adriana de Oliveira, fotografada por Willy Biondani (**Figura 20**).



Figura 19: A modelo Érika foi escolhida por votação para ser a *Trip Girl* do mês.
Fonte: *Trip*, Ed. 24, novembro de 1991.



Figura 20: Segunda capa da edição também é estampada por uma modelo feminina.
Fonte: *Trip*, Ed. 24, novembro de 1991.

Já a matéria da chamada da capa, “O verdadeiro Jornal do Brasil”, está localizada da página 74 a 83. Abrindo a reportagem, uma foto ocupa a página dupla, 74 e 75. Nela, vemos um homem assassinado – aparentemente negro, pois a condição de luz e distância não permitem afirmar com certeza. O cenário é uma casa sem terminar, uma residência de uma pessoa pobre. A posição do corpo e a vestimenta remetem à imagem religiosa de Jesus crucificado. Garrafas de bebidas alcoólicas estão próximas ao corpo. Uma aura entre o sagrado e o profano perpassa a imagem. A legenda tenta dar sentido à foto: “Três pessoas bateram na portinhola e chamaram o comerciante Francisco pelo nome. Ele já estava deitado, mas levantou para atender. Ao abrir a porta levou três azeitonas no peito. Segundo vizinhos, ‘Ele atendeu ao chamado da morte’” (TRIP, 1991, p. 74-75).

O título da matéria, assim como a foto, sangra as duas páginas. Com letras em caixa alta, lemos: IMPACTO DE SANGUE (Figura 21). O “IM” está escrito na cor preta enquanto o restante da palavra é escrito em branco, criando-se um trocadilho com “pacto de sangue”. A chamada da capa diverge do nome que a matéria recebeu. O texto é sobre o crescimento do jornal Notícias Populares que acontece, segundo o abre da matéria, pela forma de retratar a “violência, sexo e submundo do showbusiness e a sensualidade das mulheres da noite” (TRIP, 1991, p. 74).

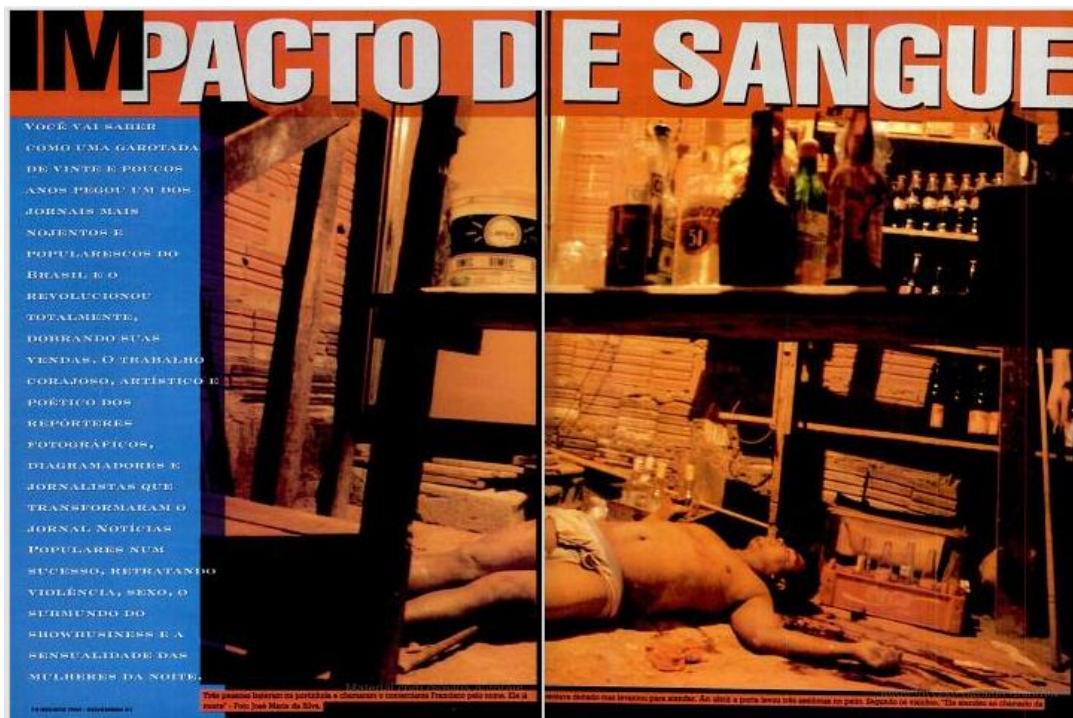


Figura 21: Um corpo morto estampa as páginas que abrem a matéria Impacto de Sangue.

Fonte: Trip, Ed. 24, novembro de 1991.

Contando com aquela que abre a matéria, 28 fotos compõem a reportagem. Dessas, 03 são reproduções das capas do jornal; outras 03 são auto retratos de José Luís da Conceição, João Kurtis e Marlene Bergamo, fotógrafos e fotógrafa do jornal; 06 imagens são de mulheres cisgênero e transgênero nuas ou seminuas, sendo que, em uma delas, um homem negro aparece na composição da foto simulando um beijo na bunda da modelo e, em outra, a retratada é uma criança vestida de miss, a única mulher negra nesse grupo de imagens; 03 fotos de cultura e esportes, três homens negros dançam em uma delas, em outra, dois homens brancos se alongam antes da partida de futebol e, na outra, um homem branco faz um chute de judô; 02 fotos de mãos, uma do cineasta José Mojica Marins, branco, e a outra de presos da Casa de Detenção de São Paulo, não é possível identificar a cor; 06 imagens de pessoas mortas/ gravemente feridas, em 03 delas é possível afirmar que a pessoa morta é negra, em uma a pessoa é branca, em outra é possível supor que a pessoa seja negra e em mais outra não é possível identificar a raça da pessoa e difícil supor; 02 fotos de artistas, um homem branco e uma mulher branca; 02 retratos de criminosos, ambos homens brancos; 01 foto de um menino branco que teve a orelha cortada pela professora; 01 foto de uma pessoa branca que a revista identifica como hermafrodita.

Das dez páginas da matéria “Impacto *de sangue*”, seis são dedicadas às fotos e legendas. As outras quatro possuem textos e fotos, sendo uma a que traz o abre do texto; outra, uma página com o perfil de José Luís da Conceição, João Kurtis e Marlene Bergamo, fotógrafos e fotógrafa do jornal; e as outras duas a matéria em si. Este texto foi escrito por Leão Serva, na época secretário de redação da *Folha de S. Paulo* e que tinha sido editor-responsável do jornal *Notícias Populares* de março a julho de 1990. Em seu texto descontraído e em tom de rebeldia, Leão Serva deixa claro que o jornal é incômodo para uma determinada classe econômica, acostumada a ler a mídia burguesa. Isso porque o periódico não fala a linguagem dessas pessoas, mas, sim, a do público-alvo: os populares, as classes mais pobres. Embora não seja algo dito explicitamente, nem seja o principal argumento do jornalista, há uma ideia que parece estar implícita na crítica à mídia burguesa feita pelo autor: o ideário de José Bonifácio da necessidade de uma elite ditando o que deve ser seguido, já que o povo seria ingênuo (MACIEL, 2020).

É possível dizer que o texto é dividido em dois momentos, um diz sobre as questões editoriais e reformulação do *Notícias Populares*, enquanto o outro traz uma discussão sobre moral e puritanismo. Neste, o autor reverbera questões de gênero, mesmo que a intenção fosse criticar as pessoas que acusavam o jornal de sensacionalismo:

Mas é achar que pobre tem que querer ser que nem o rico, em tudo. E isso não vi ser nunca, poque quem sabe, sabe que o pobre acha o rico viado, do mesmo jeito que o rico acha que o pobre é bruto, grosseiro etc. Tudo que o rico acha de grosseiro no pobre é exatamente o que o pobre acha de bicha no rico.

A bicharada (ou quer dizer, os ricos e os que querem fingir que são ricos) começou a se sentir incomodada com o novo “NP”. E bicharada, você sabe, tem em todo canto: é jornalista (é, jornalista viado é fácil de reconhecer: eles falam de “ética” para encher o saco dos outros, mas sua ética é só uma forma de atacar o que não gostam), é promotor, é apresentador de programa de rádio, é dono de banca de jornal, é colunista social, é todo mundo... (SERVA, 1991, p. 76)

Na tentativa de diferenciar ricos e pobres, o autor dicotomiza esses dois grupos como “bichas” e “grosseiros”, embora essa pareça ser uma definição que o jornalista não concorda tanto. Há uma clara inferiorização do primeiro adjetivo, o autor chega até mesmo apontar a ética jornalística como sendo um sinal de “bicha”. Sobre isso, vale ressaltar que o texto não é escrito por um jornalista da *Trip*, e, na mesma edição, a revista usa a justificativa da “ética profissional” para negar passar o contato telefônico de uma das modelos da *Trip Girl* nas cartas dos leitores (TRIP, 1991, p. 98). Dessa forma, a revista assume esse lugar que o autor da revista rejeita. Mesmo assim, ela publica o texto em lugar de destaque. Dentro das contradições também está o fato de que Leão Serva também falava de dentro de um veículo burguês, a *Folha de S. Paulo*.

Para além das contradições trazidas, a escolha do adjetivo “bicha” é muito elucidativa. Daniel Welzer-Lang (2001) afirma que a relação dos homens acontece a partir de dois paradigmas: a suposta natureza superior dos homens frente às mulheres e a visão de mundo heterossexualizada (WELZER-LANG, 2001, p. 460). Podemos perceber nessa matéria, então, a conservação desses valores tanto no uso do termo quanto nas fotos das mulheres que ilustram a matéria, apenas o retrato da atriz Denise Fraga não é hipersexualizado, a fantasmagoria se faz presente na normalização da forma heteronormativa de ver o mundo.

A mídia também é tema da matéria analisada na edição 25, de janeiro de 1992. A manchete do número diz “Documento Especial: o Brasil passa na Manchete”. A capa dessa edição também é dupla: em uma delas o fotografado é o apresentador de televisão Thunderbird (**Figura 22**), já na outra, o modelo é o cantor Prince (**Figura 23**). Essa foi a quinta capa com uma pessoa negra nas 25 edições da *Trip* até aquele momento.

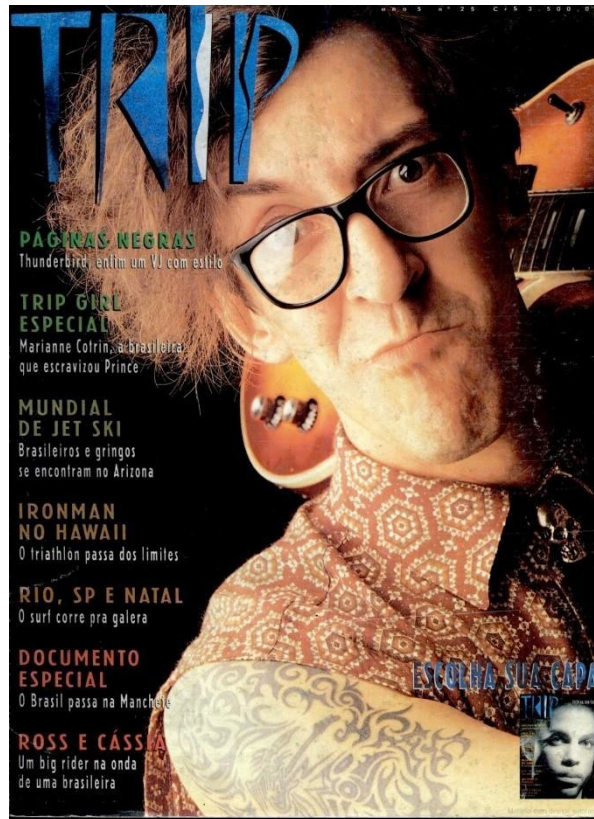


Figura 22: Uma das capas da edição 25.
Fonte: *Trip*, Ed. 25, janeiro de 1992.

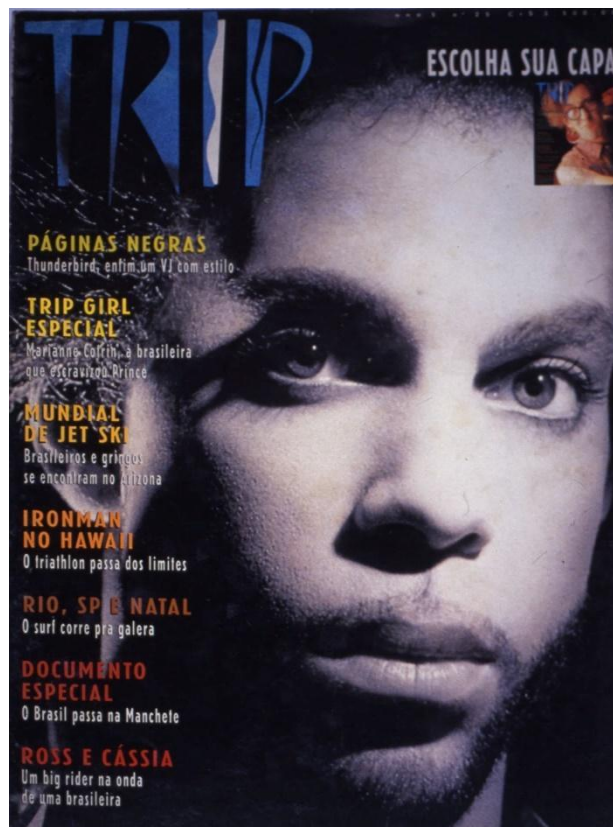


Figura 23: Quinta capa da história da *Trip* a ser estampada por uma pessoa negra.
Fonte: *Trip*, Ed. 25, janeiro de 1992.

O título da reportagem que corresponde à manchete é “A Hora do Brasil”. A frase recorta as páginas 72 e 73. Uma foto de uma máquina de escrever com filtro, que remete a estática de televisores de tubo, também recorta as duas páginas. O abre, na página 73, diz sobre o que trata o texto: “Sexta-feira à noite. Na TV falam putas, travestis, punks, gordos, políticos, loucos, peões e patrões entre outros ilustres desconhecidos. Aquela gente estranha que você vê todo dia na rua. Jornalismo? Documentário? Em um minuto, no DOCUMENTO ESPECIAL” (LOBO, 1992, p. 73). Mais uma vez, *Trip* traz uma reportagem sobre grupos sociais marginalizados pela mídia, também escrita por um dos envolvidos com o trabalho, neste caso, o produtor do *Documento Especial*, Celso Lobo.

A matéria fala tanto dos bastidores e processos de criação do programa, como possui retrancas com as pautas mais famosas e com a opinião de celebridades sobre o programa jornalístico. A reportagem possui 09 fotos, contando com a que abre o texto. Duas fotos retratam objetos inanimados, 01 é a imagem de uma mulher branca apertando a bunda de um *stripper* aparentemente branco, todas as outras 06 fotos são de homens. Dessas 06, 02 são de homens brancos, 01 de um indígena e as outras 03 de homens negros, mas, diferente dos outros, em apenas uma não há mais de uma pessoa na foto.

Em “*A hora do Brasil*”, o tom do autor não é agressivo como o da matéria “*Impacto de sangue*”, mesmo trazendo algumas reflexões que flertam com o texto da edição anterior. O sensacionalismo também aparece como acusação feita ao telejornal, porém, o noticiário se blindava nos índices de audiência que a fórmula da programação alcança. “Crítico e polêmico, o programa fala do dia-a-dia de um Brasil de grande divisão social e vasta formação cultural” (LOBO, 1992, p. 77). A definição do *Documento Especial* parece ser reveladora sobre a linha editorial desse programa e a do jornal que foi pauta na edição anterior de *Trip*. Em ambos, existe uma busca proposital de personagens que não protagonizam as principais manchetes do país. Há uma procura pelos sujeitos à margem da mídia.

A matéria narra a experiência das equipes de profissionais do programa ao se doarem na apuração das reportagens, o que exige que não haja preconceitos, pois “fazer o programa é um desafio profissional e uma aventura” (Ibid, p. 77). O tom impresso no discurso do jornalista é que a produção do programa é uma viagem exploratória a personagens e camadas sociais não abordadas por um padrão midiático hegemônico. Trechos como “apresentador Roberto Maia, interpretando o guia desse Brasil de milhões de desconhecidos” (Ibid, p. 78) demonstram o objetivo do *Documento Especial*: revelar um Brasil que ainda precisa ser explorado. As fotos da matéria dão a dimensão de que país à margem é esse. elas nos mostram sujeitos negros,

indígenas, mulheres lidando com suas sexualidades, sujeitos que desafiam as leis, religiosos, disco voador, cornos com orgulho (**Figura 24**).

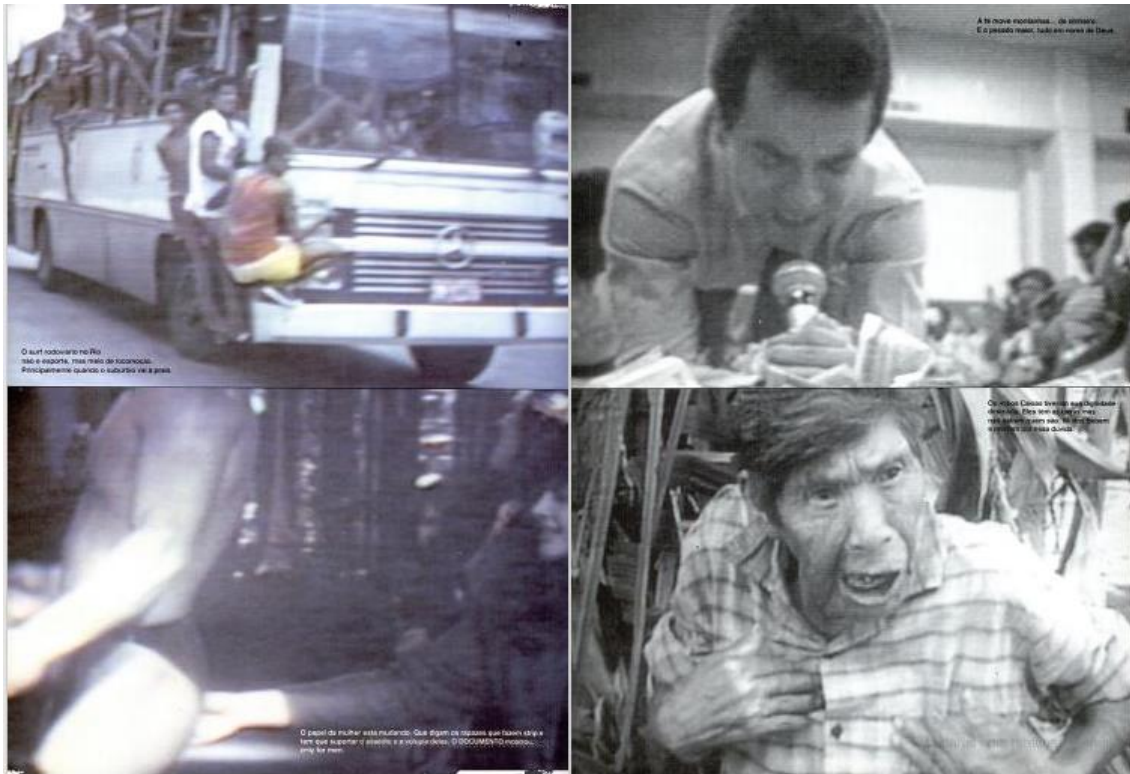


Figura 24: Algumas imagens que estampam a matéria.

Fonte: *Trip*, Ed. 25, janeiro de 1992.

O caricato e aquilo que deveria (ou poderia) ser visto como normal ganham o mesmo espaço na edição. Há dois tons distintos nos textos dessa e da edição anterior. A matéria sobre o jornal popular é mais agressiva, é quase uma defesa a esse grupo “popular” de consumir notícias sobre ele. Enquanto o que fala sobre o programa televisivo propõe-se a ser quase um diário de produção, sem muitas necessidades de rebater as críticas que também recebia. Vendo ambos os materiais em perspectiva, a sensação é que o público do *Documento Especial*, diferente do *Notícias Populares*, é um perfil mais próximo dos leitores *Trip*.

Notamos que os corpos que ilustram as páginas da matéria analisada da edição 25, operam em um registro daquilo que é digno de curiosidade, algo a ser explorado para o conhecimento. Essas pessoas retratadas não são o leitor-modelo da revista *Trip*, elas são o “outro” em relação a aqueles que compram a publicação (BORGES, 2012). Isso poderia explicar o motivo dos autores dos textos dessa matéria e da anterior analisadas não serem jornalistas do próprio periódico. Ambas as matérias poderiam ser críticas midiáticas ou até mesmo um olhar de *Trip* sobre os bastidores dos produtos jornalísticos, mas são pessoas

envolvidas na produção desses dois informativos que falam sobre seus lugares de trabalho. Os jornalistas convidados estão ali cumprindo o papel de autoridade do assunto, dizendo “estou autorizado a falar porque eu estava lá” (BENETTI, STORCH e FINATTO, 2011, p. 71-72). A revista *Trip* não assina a autoria das matérias, mas disponibiliza suas páginas para que as temáticas sejam tratadas, o que indica pelo menos algum alinhamento de perspectivas sobre esse país composto por “outros” a serem vistos de forma curiosa.

Essa noção de um país a ser explorado aparece de uma outra forma na edição 28, de agosto de 1992. A noção daquilo a ser desbravado não é nesse caso um povo, mas as terras de um canto remoto do país. Uma das capas da edição é estampada pela *Trip Girl* do mês, a Julia Petit (**Figura 25**). A modelo está de costas nua da cintura para cima. A outra é também uma mulher branca, uma foto bem fechada no rosto da modelo (**Figura 26**). A imagem é um trabalho do artista plástico Fábio Maranhão de macro ampliação de detalhes dos rostos de modelos suecas de sexo. Uma das matérias destacadas na capa da edição é “Trindade: o Brasil proibido”, que na primeira página da revista aparece como “Trindade: cabras, machos e ondas perfeitas”. Essa reportagem possui 07 páginas, de 46 a 52, e fala sobre a ilha em que é proibido o turismo e é vigiada por marinheiros. A equipe de reportagem passou oito dias com os militares. A reportagem traz dados sobre a ilha e o trabalho da tripulação de voluntários é ilustrada por 18 imagens e 03 ilustrações/gráficos. Dasquelas, 07 são de natureza e/ou navios, 01 de animais, 10 são de pessoas. Destas, é possível identificar pessoas negras em 04 fotos, em 01 não é possível identificar e nas outras 05 todas as pessoas na imagem são brancas. Dessas 10 fotos, em apenas uma há presença clara de mulheres.



Figura 25: Capa da edição 28.
Fonte: *Trip*, Ed. 28, agosto de 1992.



Figura 26: Segunda capa da edição.
Fonte: *Trip*, Ed. 28, agosto de 1992.

A matéria aborda o dia a dia dos marinheiros na ilha, bem como a produção científica no local, além de trazer um glossário sobre as expressões daqueles que vivem no mar. O título da matéria trabalha uma dimensão misteriosa da ilha, remete a um imaginário das missões de explorações do interior do país. De certa forma, é isso que a equipe da revista faz: ela traz ao leitor informações de um lugar que não é aberto ao público. Há algo que conecta as imagens e história que a matéria carrega com um dos ideais de nacionalidade desenvolvido durante o período ditatorial comandado por militares, personagens da reportagem: a ideia de que o Brasil é uma potência ambiental para a exploração e desenvolvimento (BOSCATTI, 2017).

Essa ideia, de forma sutil, aparece no texto ao explorar o laboratório a céu aberto que é a região. Há, também, todo o encantamento da ilha ser um lugar em que apenas poucas pessoas podem entrar. Ela é dominada e controlada por um grupo de homens. Mara Viveros Vigoya (2018) afirma que essa é uma metáfora para a masculinidade na América Latina. Os homens estariam para os soldados, assim como as mulheres estariam para a terra. Estas seriam passíveis, a partir do imaginário, de serem exploradas e dominadas por aqueles que possuem o dever cívico de cuidar da “terra”.

O texto reforça que as mulheres não entram naquele território, o que pode colaborar com o entendimento das estratégias criadas para manter a ordem e unidade nacional que Vigoya (2018) descreve, a partir da pesquisa realizada no Brasil por James Green, na qual as mulheres eram associadas ao perigo. As mulheres só aparecem nas matérias sendo citadas pelas suas genitálias no trecho de uma fala que não é creditada que diz “aqui só falta xoxota” (TRIP, 1992, p. 51), pela foto que abre a matéria das famílias se reencontrando com os marinheiros (**Figura 27**) e há também uma foto em que a legenda indica que um marinheiro olha para uma parede cheia de fotos de mulheres nuas (**Figura 28**).



Figura 27: Marinheiros reencontram família.
Fonte: *Trip*, Ed. 28, agosto de 1992.



Figura 28: Homem olha para fotos de mulheres peladas.
Fonte: *Trip*, Ed. 28, agosto de 1992.

Natureza é uma metáfora sobre o lugar social da divisão binária dos gêneros que parece ser reforçada na reportagem. Como já citado anteriormente, Mara Viveros Vigoya (2018, p. 138) afirma que o código de honra sexual familiar é uma característica militar enraizada e de significação coletiva, no qual a terra é entendida como mulher indefesa que precisa ser protegida pelos homens militares. A matéria sobre os marinheiros que protegem Trindade vai

além, então, do que uma simples reportagem sobre uma curiosa ilha. Ela reforça uma ideia atrelada a nossa construção dentro da colonialidade.

A política da sexualidade é tratada em outro texto da edição. “SEXO E PODER: os verdadeiros personagens da crise brasileira”, da página 56 a 59, tenta traçar um paralelo entre o sexo e a crise política do país naquele momento, que mais tarde resultaria na renúncia de Fernando Collor de Mello do cargo de presidente da República, em 1992. O texto é composto por entrevistas de Miriam Cordeiro e Wanya Guerreiro, mulheres que de certa forma estavam envolvidas nos escândalos. Embora a crise envolvesse o chefe do executivo, o político Luiz Inácio Lula da Silva é, de certa forma, o protagonista do texto. Há, inclusive, um box dizendo que a reportagem não conseguiu ouvi-lo. Fotos dessas pessoas compõem a matéria. Um outro box, “Trip na rua”, é uma pesquisa sobre o que as pessoas acham da situação do país e quais personagens da crise são mais “sexys” (Figura 29).

CHUMBO GROSSO
O Suplex é um ritualístico de direita. Dêmos para o outro chaco

CURTA E GROSSA COM WANYA GUERREIRO
Wanya Guerreiro, parlamentar do PC Farias, está nos apelos dos piores de todo o país após o impeachment de Collor

LULA, O "INALCANÇÁVEL"
A reportagem da TRIP tentou de todas as maneiras falar com Lula. Sem sucesso.

TRIP NA RUA
100% ACHA QUE A ATUAL SITUAÇÃO POLÍTICA DO PAÍS É PÉSSIMA.
A reportagem da TRIP foi para as ruas, tentando descobrir até onde a busca pelo poder se confunde com os interesses sexuais dos habitantes do Planalto. Foram entrevistadas 133 pessoas, 65 mulheres e 68 homens, com idades entre 17 e 35 anos.

ENTRE OS HOMENS:
Acham Maria Tereza mais sexy - 37%
Preferem Collor - 11%
Nenhuma das duas - 37%

ENTRE AS MULHERES:
Acham Collor mais sexy - 81%
Preferem Lula - 19%
Nenhuma das duas - 24%

EM RELAÇÃO AO IMPEACHMENT:
Sabem a quem é - 20%
Pensam que sabem a quem é - 16%
Não sabem a quem é - 64%

O POVO FALA:
"Enquanto política for sinônimo de empurramento e assédio social, nós estamos farrados".
"Quando acabarem com os afetos políticos e os mandatos dos cargos políticos, talvez os políticos comecem a fazer política por convicção e não por dinheiro".
"Impeachment? Não é aquele cartório, o Elvino 'Impeachment' Grande cartório".
"É tudo sexual. O presidente, o irmão dele, o Zélio, o Cabral... é tudo sexo".
"Impeachment não é aquele bichinho verde que sai correndo por aí".
"A crise é totalmente sexual".

Figura 29: Páginas da matéria sobre sexo e poder.
Fonte: Trip, Ed. 28, agosto de 1992.

Nas fotos do box “Trip na rua” vemos um número equilibrado entre mulheres e homens, enquanto há apenas duas pessoas negras em toda a matéria. Algo que podemos aferir dessa edição, e outras matérias também fazem o mesmo movimento, é que a política é masculina, e

as mulheres são perigosas ao jogo de poder. Elas ou podem saber demais ou são o pivô de escândalos políticos.

A noção que a mulher possui papel secundário na política também é ventilada na edição 33, de julho de 1993 (**Figuras 30 e 31**). Ela não é um dossiê sobre religião, porém, o tema divindade perpassa várias matérias. Nas capas, uma das manchetes diz: “Pomba-gira: a primeira dama do Brasil”. Luciano Szafir estampa uma delas, enquanto a outra traz a foto da *Trip Girl* do mês. Ela é a protagonista na seção *Trip Girl*, entre as páginas 38 e 45. Sobre o título “Por baixo da saia a pomba gira”, o ensaio traz fotos da modelo Maria Helena Nunes, a Mel, um perfil sobre ela e um texto de Jacob Pinheiro Goldeber, analista de comportamento, sobre a psicologia da Pomba-Gira. O abre da matéria nos proporciona alguns pontos de reflexão:

Não há nada mais exato entre os ícones e códigos da combinação genética que forma o Brasil. A entidade da Pomba-Gira é a mais perfeita tradução da convivência entre o sagrado e o profano. É o resumo de um país sem primeira-dama, sem mãe nem pai. É Xuxa e Dercy Gonçalves num corpo só. Segure! (TRIP, 1993, p. 99)

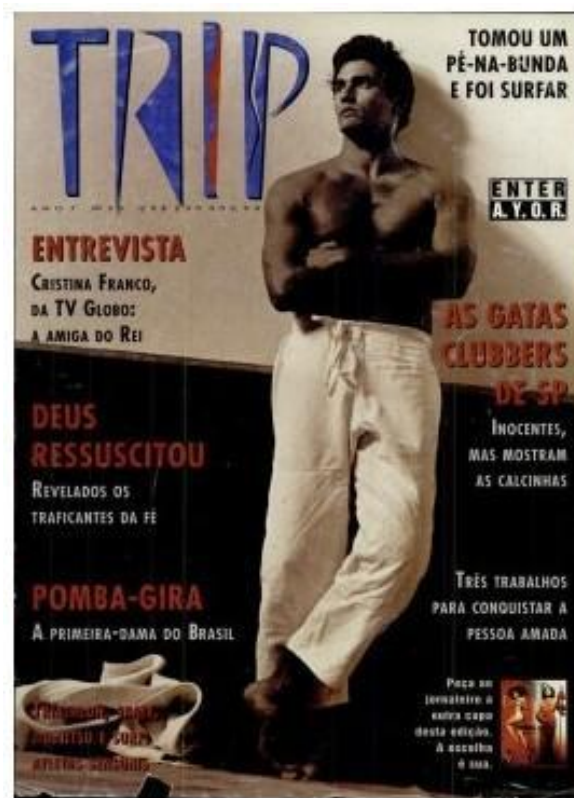


Figura 30: O modelo Luciano Zafir estampa uma das capas.

Fonte: *Trip*, Ed. 33, julho de 1993.



Figura 31: A modelo que "interpreta" a Pomba-Gira estampa a outra capa da edição.
Fonte: *Trip*, Ed. 33, julho de 1993.

O trecho da seção destacado acima assume uma “combinação genética” do país, essa é uma naturalização de um processo histórico de violência (ROSSINI, 2020, *site*). A Pomba-Gira é usada enquanto símbolo positivo dessa união, pois ela reuniria o sagrado e o profano. Há aí então um juízo de valor entre as diversas raças que se misturam. O texto dá a entender que há uma espécie de mestiçagem de comportamento do brasileiro, classificando o país longe de um molde daqui que é considerado um padrão funcional. A Pomba-Gira é eleita como uma entidade que consegue compreender o DNA brasileiro. No entanto, os dois textos mencionados desconsideram algo importante: a Pomba-Gira é uma entidade de uma religião afro-brasileira, por isso possui fortes vínculos com a cultura negra. A entidade é, inclusive, interpretada por uma modelo branca. Como mencionado anteriormente, a partir de Freyre (1933), o que era “mestiço” foi considerado nacional (ORTIZ, 1986, p. 41), mas isso não significa o reconhecimento e respeito à cultura negra.

A entidade espiritual de religiões de matriz africana Pomba-Gira é descontextualizada, embranquecida, sexualizada e, além disso, a edição conclama a entidade Pomba-Gira como a primeira-dama que o país merece, mas não tem. Ela é vista como auxiliar do mais alto cargo do país, não no papel de maior importância. Dentro da lógica da colonialidade, são os vínculos entre os homens aquilo que garante a unidade nacional (VIGOYA, 2018, p. 138). Isso é reflexo

da hierarquia de poder imposta no campo do gênero que subjuga mulheres a homens (WELZER-LANG, 2001, p. 460).

A edição 38 (**Figura 32 e 33**), de julho de 1994, tem a capa estampada pelo rapper Ice Blue e o apresentador Luciano Huck. A manchete, "Apartheid em São Paulo - manos x brothers: como vivem e o que separa os jovens ricos e pobres na maior cidade do país", não traz a palavra "Brasil", pelo contrário, fala de São Paulo, mas as cores da capa fazem referência clara à bandeira do Brasil. Isso pode ser entendido como uma forma de dizer que o processo de "apartheid" não é um problema apenas na cidade paulista ou pode indicar uma forma de pensar São Paulo como centro do Brasil.



Figura 32: As cores da capa fazem referência ao Brasil.
Fonte: *Trip*, Ed. 38, julho de 1994.



Figura 33: Segunda capa da edição.
Fonte: *Trip*, Ed. 38, julho de 1994.

Já entre as páginas 28 e 37, está a matéria da capa, que no miolo da revista recebe o título “Guerra fria”. A foto que abre a matéria recorta duas páginas. Nela, vemos um homem negro encostado na parede com braços abertos em forma de cruz. Dois policiais olham para ele, um é negro e o outro é branco. A matéria é dividida em duas partes. Na primeira, temos as entrevistas de Luciano Huck e Ice Blue. Ambos respondem perguntas bem parecidas. Na segunda, temos textos de quatro convidados, o do arquiteto Rafic Farah, o psicólogo Jacob Pinheiro Goldberg, o jornalista Leão Serva e o rapper Mano Brown (único negro), tratando sobre a pirâmide brasileira de desigualdade. Vinte e três fotos fazem parte da matéria. Dessas, 04 ocupam páginas inteiras: 02 são retratos de rostos de anônimos, um deles branco e outro negro; 01 retrato grande, de corpo inteiro, de um sorridente Luciano Huck, um homem branco; e 01 outro retrato de cintura para cima de um Ice Blue de cara fechada e punho cerrado para a câmera. As outras 19 fotos formam uma pirâmide que remete à pirâmide social (**Figura 34**). Sendo assim, os retratos das pessoas negras estão na base, enquanto das pessoas brancas ocupam mais espaços no topo. Todos os textos concordam que existe uma diferença de tratamento para pessoas negras e brancas, pobres e ricos. No entanto, nenhum caminho para mudar essa realidade é efetivamente proposto. A fantasmagoria que parece surgir nesse caso é que não há soluções para esse problema social.

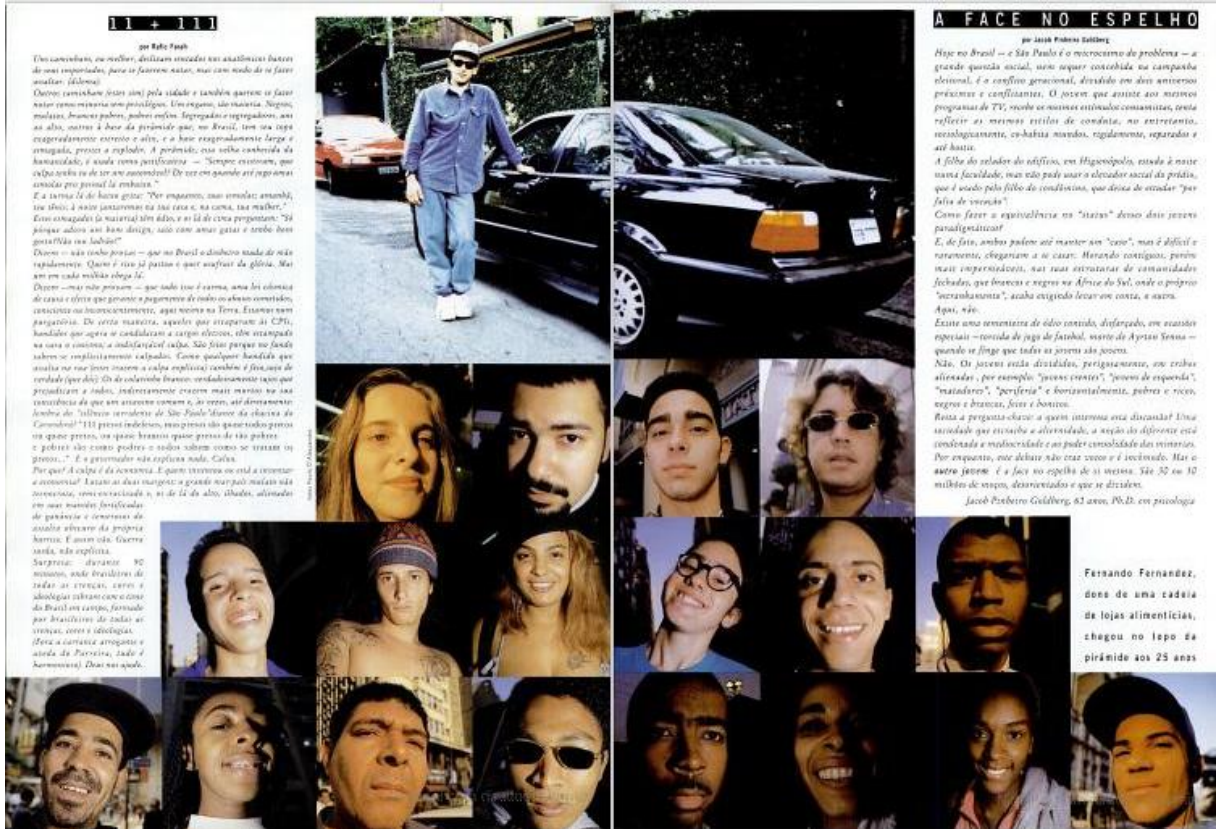


Figura 34: A pirâmide da desigualdade social ilustrada em foto pela *Trip*.
Fonte: *Trip*, Ed. 38, julho de 1994.

Essa pirâmide social e racial é posta de lado na próxima edição estudada. Na edição 86, de fevereiro de 2001, uma das capas é estampada pela atriz Juliana Paes (**Figura 35**) e a outra pelo cantor Chico Science (**Figura 36**). A atriz Juliana Paes é destaque na chamada de capa “Juliana Paes, a empregada que desarrumou o Brasil” e é a *Trip Girl* da edição. O ensaio possui o título carregado de duplo sentido “Tudo no lugar”.



Figura 35: A atriz Juliana Paes é capa da edição.
Fonte: *Trip*, Ed. 86, fevereiro de 2001.



Figura 36: O músico Chico Science aparece na outra capa da edição.
Fonte: *Trip*, Ed. 86, fevereiro de 2001.

Gilberto Freyre pode ser pensado novamente como uma citação indireta da matéria e capa com a atriz. Juliana Paes talvez seja um exemplo daquilo que deveria ser a ideia do culto à miscigenação, que vê a mistura de raças como o apagamento dessa cultura, a partir do seu papel de sucesso na novela em *Laços de Família*. Esse é o espaço que ela ocupa na revista. Boscatti (2017) reflete como em Gilberto Freyre é possível perceber que a vida pública entra na vida privada do lar. As experiências de bordéis podem ser vividas a partir das trocas sexuais dos senhores de engenho com as mulheres negras escravizadas. “Se entendermos que a vida doméstica se definiu historicamente a partir da interiorização burguesa no século XIX em contraposição ao espaço público, Gilberto Freyre vai recriar uma masculinidade branca doméstica colonial brasileira” (BOSCATTI, 2017, p. 6), sendo que o principal personagem disso é o jovem senhor de engenho, não o senhor responsável pela Casa Grande. O “abre” do ensaio fotográfico corrobora para pensarmos que a ideia possui reflexos até hoje: “Manoel Carlos conhece a libido masculina. Senão, no mínimo teve, como toda a classe média brasileira que cresceu antes do final do século XX, uma empregadinha sensual e meio sapeca que, entre uma faxina e uma arrumação, ensinava as delícias da fantasia para os moleques babões e desengonçados” (BRESSANE, 2001, p. 36).

As concepções de raça nesse Brasil retratado pela revista *Trip* aparecem de forma mais direta na edição 86, da categoria Mulher e nas categorias Futebol e Mídia. Como dito anteriormente, a edição 86, em que fantasia sexual com empregadas domésticas é pautada a partir da figura da atriz Juliana Paes, é um manifesto, talvez não intencional, das políticas sexuais do projeto de poder da colonialidade. A revista reescreve o papel da masculinidade branca na interação com mulheres negras no imaginário brasileiro (BOSCATTI, 2017), sendo Juliana Paes um exemplo da miscigenação que se aproxima dos traços brancos.

O futebol é tido como uma paixão nacional, algo capaz de trazer comoção e unir brasileiros. Mesmo sendo uma revista voltada para o *surf*, *Trip* aborda recorrentemente a temática. O esporte foi destaque na capa da edição 110, de maio de 2003 (**Figura 37 e 38**). “Partida de futebol põe em xeque o preconceito racial no Brasil” estampa a primeira página da revista. A matéria correspondente à manchete é “Preto contra branco”. A matéria de 07 páginas narra a história de um torneio de futebol clássico da favela de Heliópolis, em que os times são divididos pela cor dos jogadores. O texto traz um debate sobre as questões raciais no Brasil. O texto afirma que a disputa anual poderia ajudar nas discussões sobre cotas no país. Além das fotos do torneio, o texto “Juiz não tem cor” compõe a matéria, ele é escrito pela antropóloga e pesquisadora de questões raciais Lilia Moritz Schwarcz que, três anos mais tarde, assinaria, em

2006, o manifesto “Todos têm direitos iguais na República Democrática” contra as cotas raciais nas universidades públicas.



Figura 37: Capa da edição 110.
Fonte: *Trip*, Ed. 110, maio de 2003.



Figura 38: A *Trip Girl* do mês estampa a outra capa da edição 110.
Fonte: *Trip*, Ed. 86, fevereiro de 2001.

Embora as cotas sejam um plano de fundo da matéria, esse assunto é mencionado algumas vezes, mas em nenhum momento é aprofundado. A reportagem parece tentar responder quem é negro ou branco no Brasil. A partida de futebol funciona como um gancho para defender a ideia de uma quase impossibilidade de definição racial em um país miscigenado (**Figura 39**).



"Dentro de campo a gente xinga, fora também, mas é tudo amigo. Racismo é lá na casa do... Sei eu lá onde. Aqui não tem"

idade da bagulha né? Esse aqui é o 29º ano que está tendo esse jogo, é uma realidade do cotidiano da comunidade no campo. Ai eu vivo lá assim e pergunto: "Tem bastante preto, né?". E ele: "Preta, não é que tem?". Então imagina todo esse negado que mora no campo durante o ano inteiro. Ai ele fala: "Tudo, pode sim, mas eu vou apitar direito". Pronto. Na sequência, enquanto os brancos comemoram o sexto gol com a torcida, o juiz autorizou a saída de bola e os pretos empurraram. Joaquim, juiz de futebol há alguns anos, não tem medo: "De casa, pressur muito a torcida. Os dois lados reclamando, não tem jeito, o sangue tem lá entre amigos". A importância do Quadro Principal é tamanha que dois juizes cuidam do serviço aqui. Curiosamente, um era preto e outro branco – na verdade meio genético – mas isso não importa. Jogo não tem esse medo.

Deu preto
Assim como no Sudoeste, os jogadores do Vitoriano jogam em favelas, mas não por isso menos respeitados. Sílvio Pereira, 43, que defende os pretos desde sempre, acredita "que a realidade é maior devido aos anos de tradição". O tradição ganha paga: "O Vitoriano dos brancos ganhou de 3 a 0 porque eles não tiveram tradição. O Mosaic (preto) ganhou por já jogar no Condômino e no seleção brasileira e que vem todo ano de Curitiba para jogar pelo branco". Foi embora porque os brancos não conquistaram o primeiro título. "Nos jogos as palavras de Mosaic: 'Sílvio, você é um cara de tradição, você é um lá, vitoriano, bandido, mas dá o sangue'. Eu também entendi assim, só que é a seguinte, tem um monte de cara que

vem só para participar e não tem ligação com a tradição". Na mais, é melhor conversar, passar com os amigos e tirar um fôlego. Então, ouvir aquilo que ajudaram a construir.
Pronto antes de começar o jogo de finalizada, senti o vitoriano, Rogério Hostal viu para o jogador e brinca: "E aí, esse ano vai correr pelo lado certo?". O companheiro responde: "Eu já corro pelo lado certo, eu corro pelo branco". Na vez de a malhada defender sua raça em campo, a dificuldade em saber quem é branco e quem é preto no país da miscigenação, que está ficando somente Lúcio de todos os vestimentas do país, também passa sobre o CEM. Lá, esse "problema" do estereótipo mais antigo, porém é vantajoso para todos nas categorias de

base do Preto contra Branco: "Alguns nascem com privilégio de poder escolher de que lado vão jogar", esclarece Zé Lauro. O Luciano "Preguinho", capitão do Quadro Principal dos pretos – pelo menos neste ano – passou um tempo jogando um ano para cada lado. Rogério Hostal conta que "nos debates sempre vinha. Via e mais alguns grita: Olha lá, tem um branco jogando para os pretos". Preguinho é filho de pai alentejo e mãe negra e, mesmo contrariando a vontade do pai, atualmente tem jogado pelo preto. "O pai de Preguinho foi branco quando ele jogava pelo preto", revela Rogério Hostal. Zé Lauro, o diretor da partida, diz que negra é filha. "Tem que ter raiz. No caso do Preguinho, ele pode escolher. Agora, se aparecer um filho de alho aqui pra jogar para os pretos, não pode". Dessa vez, quem escolheu jogar pelo branco se deu melhor, ganhou de 4 a 2. Entre os mais novos, a necessidade de saber quem é melhor é bem presente. "Um negro velho não liga muito para o resultado, porque ele é mais a minha geração que tem o apetite de ganhar", afirma Rogério Hostal. "Não quer deixar boi".

O prazer histórico das partidas, com exaltado, ninguém sabe. "Não tivemos todo registrado, mas quando a gente ficou sem saber, tivemos que sair mais de pressão e perdemos muito coisa", lembra Zé Lauro. O que se sabe é que atualmente os brancos tem o título vitorioso. Zé Lauro conta que "nos últimos 30 anos os pretos só ganharam uma vez o Quadro Principal". Já Preto, que ajuda a organizar a festa há milhares, diz que não é bem por aí. "Está equilibrado. A gente não ganha há uns três anos, mas no passado ganhou mais". O fato é que não tem nada a ver com superioridade racial. A tradição é mais simples, entretanto. O time dos brancos joga o ano inteiro junto porque é formado basicamente pelos filhos do Flor de São João Oliveira. Já os pretos "tentam o ano inteiro, chama um daqui, um de lá pra jogar". Zé Lauro. Para o jogo do Quadro Principal, é permitido convidar jogadores profissionais para reforçar o cor. O Magão do Palmeiras e o Ademar do São Caetano apareceram sempre que podem. Este ano, o Preguinho, que joga no CSA, convenceu jogadores do Palmeiras, Avenida, Guaraní, Gêmeo e Atlético Paranaense para tentar equilibrar a partida.

Figura 39: Fotos mostram pacífico convívio entre negros e brancos, enquanto o olho da matéria relativiza o racismo.
Fonte: Trip, Ed. 86, fevereiro de 2001.

Enquanto para Nina Rodrigues a mestiçagem era um problema (RODRIGUES, 2011), Gilberto Freyre olha para essa questão de forma mais otimista, sendo alçada como um símbolo nacional que, porém, força uma ideia de pertencimento que apaga as tensões raciais (MUNANGA, 1999, p. 80). A edição 110, com a matéria "Preto contra branco", mostra as dificuldades de se definir racialmente em um país miscigenado. No entanto, o campo de futebol é um espaço no qual as tensões sobre raça são amenizadas. É um espaço de acolhimento e de relativizar injúrias raciais, já que com a bola do pé todos seriam iguais.

O Brasil aparece em mais de uma manchete na edição 135, de julho de 2005 (**Figuras 40 e 41**): "Olhar Trip sobre a semana mais quente da história do Brasil", "Roqueiro mais polêmico e talentoso do Brasil", "Brasil inteiro fala 'pedala, Robinho'". Das páginas 24 a 34, a seção Páginas Negras recebe o título de "Pedala, Tutinha!". É uma entrevista com o criador do *Pânico na TV*. A edição possui duas capas. Em uma delas, a cantora branca Cássia Eller aparece em uma foto 3x4 rodeada por textos dela escritos à mão. Na outra, o elenco do programa televisivo de humor *Pânico da TV* posa com o criador da atração Antônio Augusto Amaral de Carvalho, o Tutinha. Quatro homens brancos e uma mulher amarela compõem a foto. Sabrina Sato e Tutinha são os únicos que não estão posando com roupas íntimas.



Figura 40: A mídia volta a ser manchete na *Trip*.

Fonte: *Trip*, Ed. 135, julho de 2005.



Figura 41: Segunda capa da edição.
Fonte: *Trip*, Ed. 135, julho de 2005.

A entrevista de Tutinha revela um homem de negócio da mídia que, apesar de ser o idealizador de um programa tão polêmico quantos os outros aqui mencionados, assume seu papel de herdeiro de grande empresário da comunicação. O texto se aprofunda na vida e carreira do homem que lastreou uma das maiores redes de rádio do país e que, naquele momento, levava ao ar um programa que ganhou a graça do público e virava bordão constantemente. Em uma primeira leitura, pode parecer que o material não é muito condizente ao escopo da análise, porém, as imagens que ilustram as páginas revelam o oposto do olhar pretense antropológico das matérias citadas anteriormente sobre o *Notícias Populares* e o *Documento Especial*. Das 14 fotos, há apenas uma mulher amarela e um homem negro; todos os homens e mulheres fotografados são brancos. Boa parte dessas imagens são de bastidores de veículos de comunicação. Isso nos ajuda a entender o estranhamento com as histórias e corpos que ocupam os noticiários anteriormente citados, além de servir de elucidação para a reflexão dos corpos midiáticos e em quais situações eles aparecem.

Já a mídia volta a ser evocada na matéria *Jornal Nacional*, entre as páginas 61 e 70, um texto do Xico Sá que flerta com o jornalismo gonzo para narrar o cenário de Brasília naquele

momento. A matéria é uma homenagem ao estilo de escrita do jornalista Hunter Thompson e narra o dia da queda do político José Dirceu devido às investigações do Mensalão.

A edição 136, de agosto de 2005 (**Figuras 42 e 43**), questiona: “O Brasil e o mundo têm saída?”. O correspondente da chamada é um especial de 33 páginas intitulado “Você é feliz?”. Diversos textos e imagens tentam responder à pergunta da revista, mas, para a análise, iremos destacar o texto “Bom dia, tristeza”, página 66, uma composição de recortes de manchetes de jornais com notícias tristes sobre o país, nas quais são possíveis ler: "'Radar social' do Ipea diz que Brasil tem 53.9 mi pobres"; "Crise reduz atividade sexual"; "OMS prevê 1 milhão de suicídios"; "Por que nossas crianças estão tristes?"; "Taxa de morte violenta em todo"; "Degradação ambiental prejudica economia". Onze manchetes são de cunho econômico; três sobre segurança e oito são sobre consumo de drogas, suicídio e doenças emocionais.



Figura 42: Capa da edição de agosto de 2005.

Fonte: *Trip*, Ed. 136, agosto de 2005.



Figura 43: Segunda capa do mês.
Fonte: *Trip*, Ed. 136, agosto de 2005.

Com apanhados de manchetes de jornais impressos, a edição 136 também traz elementos que reafirmam os motivos de porquê viver no Brasil não é uma condição confortável. Nota-se que a mídia é novamente apontada pela *Trip* como instituição com o poder de dizer sobre a realidade, pois a construção da matéria acontece com justaposição de recortes de manchetes de jornais. Motivos econômicos possuem destaque nos trechos organizados pela revista para esse texto (**Figura 44**). Pode parecer que essa matéria está descolada de sentido das outras mencionadas nesta seção. Porém, algo que une todas é a sensação do tensionamento do tecido social a uma condição desgastante que pesa a existência no país. Podemos enxergar essa situação como um efeito da colonialidade e elemento de uma “modernidade postiça” (MARTINS, 2012, p. 13).



Figura 44: O texto da matéria foi montado a partir de manchetes de jornais.
Fonte: *Trip*, Ed. 136, agosto de 2005.

O número seguinte, o 137, de setembro de 2005, deixou claro o posicionamento editorial da revista sobre um importante tema discutido pela sociedade brasileira naquela época, o plebiscito sobre o porte de armas. A manchete da edição diz “Por que você deveria optar pelo desarmamento. 16 páginas desatam um nó que pode mudar este país” (**Figura 45 e 46**). A partir da página 53, o especial “Desarmamento” inicia. Ao longo de 16 páginas, especialistas e público são ouvidos sobre o tema e a revista reafirma que é a favor do desarmamento. Ilustrando os textos, 07 fotos com pessoas. Ao todo, 08 pessoas aparecem em primeiro plano, 01 é um homem negro, 03 são fotos de mulheres brancas e 04 de homens brancos. Além de 04 fotos de arma, 06 textos compõem o especial.



Figura 45: A *Trip Girl* que estampa a edição é capa da revista.
Fonte: *Trip*, Ed. 137, setembro de 2005.



Figura 46: O tema principal da edição é o desarmamento.
Fonte: *Trip*, Ed. 137, setembro de 2005.

O especial é aberto por uma frase da edição anterior que afirma que a felicidade só é possível quando há segurança. Em seguida, o texto situa a realidade brasileira. o país tinha acabado "de ser apontado pela Unesco [...] o número um no ranking de homicídios por arma de fogo em números absolutos [mais de 300 mil pessoas em dez anos]" (TRIP, 2005, p.55). Essa realidade e o Estatuto do Desarmamento provocaram uma efervescência política e social em relação ao porte de armas. A matéria abre traçando um paralelo entre um jovem negro periférico a favor do desarmamento e uma jovem branca de classe média contra o desarmamento. Ainda que a revista demonstre a desigualdade social como um fator argumentativo para se defender ou desapoiar o armamento, a revista não racializa o debate.

Embora a agitação que resultou a edição partiu de um projeto de lei, o motivo desse projeto existir e os argumentos usados pela revista estão todos no campo social. A desigualdade social é o principal argumento para o alto índice de homicídios por arma de fogo no país. Ela é colocada pela revista como um dos argumentos mais fortes usados tanto por aqueles que são a favor do desarmamento quanto por aqueles que são contra. *Trip* não se aprofunda nos motivos da desigualdade, nem ao menos parece considerar que a violência é um traço constituinte do Brasil em múltiplos fatores (MUNANGA, 1999; ROSSINI, 2020, site; SIQUEIRA, OLIVEIRA & SILVA, 2021). A desigualdade social aparece apenas como reflexo do desinteresse de governantes.

Em 2010, o futebol voltou a ser tema da edição 189, de junho (**Figuras 47 e 48**). A chamada é festiva: "Futebol e copa: geral na obsessão da cara do Brasil". O número é um especial com fotos e textos sobre momentos marcantes da história do Brasil que se confundem com questões sociológicas e geopolíticas.



Figura 47: O futebol é tratado de forma festiva na edição.
Fonte: Trip, Ed. 189, junho de 2010.



Figura 48: Segunda capa da edição.
Fonte: Trip, Ed. 189, junho de 2010.

A edição é repleta de histórias que fogem da convencional cobertura futebolística. Da página 108 a 112, a matéria “Mini craques” conta a história do time Gigantes do Norte, de

Belém do Pará, primeiro time de futebol formado por pessoas com nanismo. Com um texto e 11 fotos - apenas duas não são em grupo, somente em uma aparece uma mulher (parte inferior do corpo dela), e em todas há uma grande diferença étnica - é contada a história de paixão pelo futebol desses jogadores. Já nas páginas 126 e 127, é contada a história do primeiro time gay do país. “Homem a homem” narra os preconceitos sobre as sexualidades que desviam da heteronormatividade nos campos de futebol. Auxiliando na história, 03 fotos fazem parte da matéria. Todas as fotos possuem várias pessoas no enquadramento, em 01 há apenas homens brancos, e, em todas, só homens aparecem. “Penalidade Máxima”, das páginas 126 a 133, narra como o futebol ajudou na sobrevivência de Monarca e Valdemar na prisão. Depois de anos, a equipe de *Trip* leva os dois homens ao presídio para contarem suas histórias com o esporte na penitenciária. Onze fotos constroem a matéria. Dessas, 01 não há uma pessoa em primeiro plano. Todas as outras são fotos em que vários homens de diversas raças aparecem.

As matérias apresentadas nesta edição não dizem muito sobre questões caras ao país de forma aberta, levando em consideração que a identidade nacional é constituída, também, pelo gênero (LUGONES, 2014). É possível afirmar que esses recortes falam sobre os afastamentos e as aproximações da masculinidade hegemônica. Dizem também a respeito de uma possibilidade de vivência no campo de futebol para além do espaço reservado sobre a ótica da masculinidade hegemônica. É notável que é nessa edição que há uma pluralidade maior das possibilidades de corpos masculinos diversos existirem de forma positiva, mas isso não impede que a fantasmagoria da sexualização do corpo masculino (PINHO, 2004) seja acionada na matéria “Homem a homem” (**Figura 49**).



Figura 49: Na matéria sobre o time de futebol formado por homens gays, a pessoa negra aparece apenas de cueca.

Fonte: *Trip*, Ed. 189, junho de 2010.

Já a próxima edição analisada, aborda um outro tema. Em março de 2014, a edição 230 (**Figuras 50 e 51**) questiona “Brasil: vai ficar ou tá a fim de ir embora?”. O número é um especial que ouve mais de 100 pessoas para refletir sobre o dilema de sair ou não do território nacional em um dos “momentos mais estranhos da história recente do país”, segundo a revista. São 38 páginas destinadas ao tema. Os textos, em sua maioria, são fragmentos de entrevistas. Cento e vinte e oito fotos fazem parte do dossiê. Dessas, 60 estão na matéria “Fotografe a vista da sua janela”, formada por imagens enviadas pelos leitores. Devido à complexidade de se analisar o texto desconstruído e personificado desse especial, propomos fazer um exercício analítico das outras 60 fotos. As fotos do dossiê “Brasil: vai ficar ou tá a fim de ir embora?”, talvez, faça um indicativo das possibilidades de quem pode sonhar em se questionar sobre ficar ou ir embora. Das 68 fotos que estampam as páginas, em apenas 04 aparecem pessoas negras, são todos homens.



Figura 50: Mudar-se do país foi tema da edição.
Fonte: *Trip*, Ed. 230, março de 2014.



Figura 51: Segunda capa da edição.
Fonte: *Trip*, Ed. 230, março de 2014.

No mês seguinte, o número 231 da *Trip*, de abril de 2014 (**Figuras 52 e 53**), também é uma edição monotemática: “Ser negro no Brasil é f*oda”. Nas páginas 54 e 55, encontramos o texto “Ser negro no Brasil é foda”. O título ocupa uma folha inteira. Marrom é a cor predominante. A outra página carrega o texto e uma foto de um garoto negro vestido de indígena. Folheando a revista, chegamos na página 62. Em uma página sem fotos, a matéria “Não existe nada mais perigoso no Brasil do que ser um jovem negro” traz alguns dados que corroboram para a afirmação do título. Em “Existe preconceito de cor no Brasil ainda?”, que se estende da página 90 a 95, a *Trip* volta a falar da mídia. Inspirados em uma reportagem da revista *Realidade*, de 1967, dois jornalistas, um negro e um branco, passam pelas mesmas experiências para saberem como serão tratados. Além dos textos dos dois profissionais relatando suas experiências, a matéria possui 05 fotos do experimento e 03 fotos da revista *Realidade*.



Figura 52: Racismo é tema da edição do mês.
Fonte: *Trip*, Ed. 231, abril de 2014.



Figura 53: O atleta Anderson Silva estampa as duas capas do mês.
Fonte: *Trip*, Ed. 230, março de 2014.

Embora a revista número 230 não faça um recorte racial, das 68 fotos da matéria, apenas 4 eram de pessoas negras. Podemos considerar, então, a partir desse número que, para *Trip*, há um público específico com condições de optar em permanecer ou não no país. Vale lembrar que a edição 231, publicada no mês seguinte, aborda justamente o racismo. O editorial desta última faz autorreferência à edição 230 citando o racismo como uma das questões que contribuem para a sensação de ar pesado em se viver no Brasil. No número especial sobre o racismo, ao contrário da edição 230, a maioria das fontes, personagens e fotografados é de pessoas negras. Embora as pessoas negras não possam imaginar um lugar melhor fora do contexto nacional, ou até mesmo defender sua continuidade aqui, elas são convocadas para falarem de suas dores no país. O trauma colonial (LIMA, 2020) é reafirmado e colocado como norma, mesmo que *Trip* faça uma crítica ao racismo com a edição.

Algo que podemos destacar é a notável diferença que há entre o primeiro homem negro (**Figura 54**) que aparece na primeira edição analisada e a capa da penúltima revista analisada (**Figura 55**). No entanto, a partir das edições 230 e 231, esta sobre racismo e aquela sobre a possibilidade de deixar o país, podemos pensar que essa diferença diz mais respeito à pressão social das pessoas negras sobre a revista do que uma grande mudança de pensamento do periódico. Analisamos dessa forma, pois a edição 230 ignora quase que por completo a possibilidade de pessoas negras imaginarem um presente melhor fora do país e, na edição seguinte, boa parte das páginas serem ocupadas por pessoas negras para falarem de suas dores. Ou seja, mesmo que de forma mais sutil, o lugar de dor para as pessoas negras continua tendo um espaço reservado na revista.



Figura 54: A fantasmagoria da morte para a população negra ronda as primeiras edições analisadas.
Fonte: *Trip*, Ed. 24, novembro de 1991.

Se em 2010 *Trip* exaltava o futebol, na edição 234, de julho de 2014 (**Figuras 55 e 56**), ele é visto como um possível problema. Um ano após as manifestações de julho de 2013, o Brasil recebia a Copa Mundial de Futebol. Por isso, a manchete da revista se questionava “Que país é este?”, questão que tenta ser respondida com um especial sobre futebol e as manifestações. Na matéria “A mesma data, um mesmo ano. Que país é este?”, constituída de quatro páginas com textos e fotos de multidões, são feitos paralelos entre as duas datas tratadas na edição.



Figura 55: Capa da edição do mês.
Fonte: *Trip*, Ed. 234, julho de 2014.



Figura 56: Segunda capa do mês.
Fonte: *Trip*, Ed. 234, julho de 2014.

A natureza também é abordada na edição 259, de outubro de 2016 (**Figuras 57 e 58**). Nela, o país é tematizado de modo negativo. A manchete diz: “O ar anda pesado no Brasil, né?”. Uma ilustração do cineasta branco Fernando Meirelles segurando um escafandro é uma das capas, enquanto a outra é protagonizada pela modelo branca Claudinha Carvalho. Em 08 páginas, a reportagem “Deu ruim” traz dados sobre a poluição nas grandes metrópoles. Quatro infográficos simulam uma propaganda. Dois deles trazem fotos, uma de um homem branco, outra de um menino branco.



Figura 57: Mesmo em desenho, o corpo é presente na capa da edição.
Fonte: *Trip*, Ed. 259, outubro de 2016.



Figura 58: Segunda capa do mês.
Fonte: *Trip*, Ed. 259, outubro de 2016.

A matéria abre com a notícia de empresas que vendem ar puro enlatado como gancho para falar sobre os problemas decorrentes da poluição e apontamentos de possibilidades de

melhorias da situação. Dados são trazidos e especialistas ouvidos para embasar a reportagem que, embora esteja preocupada com a realidade local, faz comparativos com outros países “desenvolvidos” e “em desenvolvimento”. O fator econômico é utilizado para comprovar que a piora da qualidade do ar é ruim: ela não afeta apenas a saúde física, mas, também, o bolso das nações.

O texto diz que é preciso de uma mudança de entendimento para que se compreenda que a exposição crônica ao ar de baixa qualidade gera problemas sérios. Alguns atores são eleitos com grande responsabilidade, como os carros e o seu papel na modernidade: “Como outros problemas da modernidade, soluções simplórias não servem aqui. Há que debater mudanças de comportamentos - deixar o carro na garagem e usar o transporte público ou a bicicleta, por exemplo -, investimento público e uma vontade individual de conscientizar mudanças” (FAGUNDES, 2016, p. 62). Neste trecho, percebemos que, para o jornalista, existe uma divisão na parcela de responsabilização do problema. Há o entendimento de que o âmbito público e privado precisa colaborar com o meio ambiente. Porém, não há uma problematização dessa “modernidade”, ela continua sendo régua de evolução. Não é pensado como solução para a poluição outras possibilidades que já não sejam dadas. O box “Vias livres” fala de formas que podem aliviar a exposição a gases tóxicos enquanto “carros movidos a hidrogênio ainda possam parecer um pouco distantes” (Ibid, p. 62).

Os infográficos da matéria imitam anúncios de produtos e carregam o *slogan* “Air™ - Sinta o sopro da vida” (Figuras 59 e 60). Os dois modelos, um homem adulto e uma criança, aparecem em páginas diferentes. O adulto remete à ideia de vida saudável: parece respirar fundo, os olhos fechados dão a sensação de bem-estar. Já a criança usa uma máscara. O texto da arte traz dados alarmantes da Organização Mundial da Saúde (OMS), de modo que o produto “Air” - Sinta o sopro da vida” parece ser a forma do menino poder tirar a máscara. Propagandas possuem público-alvo. Por ambos os modelos serem brancos, parece ser esse o alvo da campanha fictícia ou um apontamento de quem poderá respirar no futuro.



Figura 59: Infográfico remete a propaganda de produtos.
Fonte: *Trip*, Ed. 259, outubro de 2016.

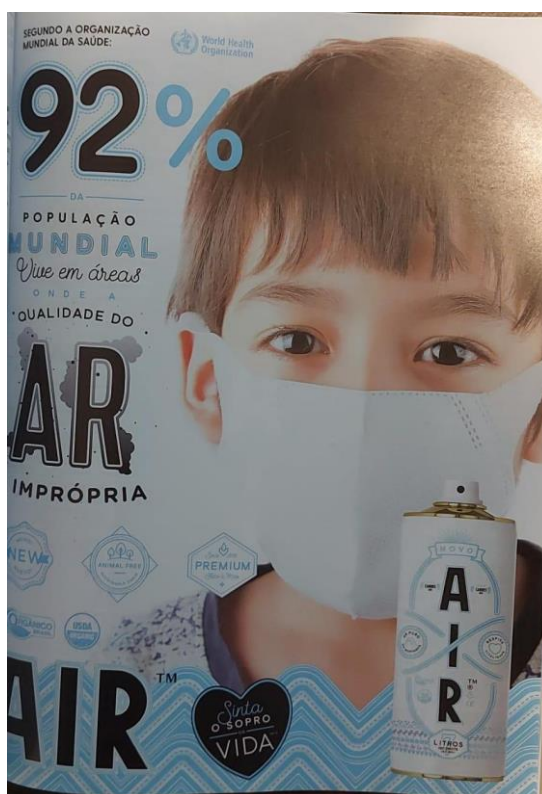


Figura 60: Segunda página da propaganda.
Fonte: *Trip*, Ed. 259, outubro de 2016.

Os infográficos da reportagem são uma representação de um futuro em que ar sem poluição é vendido. Nesse mundo imaginado, não existem pessoas negras, apenas homens

brancos. Ao negar outras experiências que não sejam as da violência, a revista coloca a branquitude como norma de vida, embora subtraia dos sujeitos brancos a raça, em um movimento que normaliza a branquitude (SOUZA, 1983, p. 4).

Dessa forma, podemos perceber que o Brasil constituído nas páginas das edições analisadas de *Trip* está dentro das concepções de colonialidade vista em nosso aporte teórico. Mesmo que em seu discurso a revista problematize determinadas situações sociais e evoque para si o lugar de abertura à diversidade, percebemos a colonialidade a partir de dois elementos importantes para se pensar o Brasil: raça e gênero (CARNEIRO, 2011; GONZALES, 2020; NASCIMENTO, 2021). Existe um padrão que emerge das páginas da revista: que se mostra branco e com lugares muito específicos às mulheres. Ou seja, a revista *Trip* não pensa uma multiplicidade de possibilidades aos sujeitos brasileiros, o que podemos perceber como uma forma de enxergar o mundo pelas limitações da colonialidade (QUIJANO, 2005b; MALDONADO-TORRES, 2007). As edições analisadas compõem um arquivo no qual é possível perceber *um* Brasil revistalizado pela editora *Trip*, um projeto editorial que interfere na percepção de mundo e deixa escapar sua concepção de país (FRANÇA, 2013, p. 105).

Já no que diz respeito aos corpos, sabemos que eles são mutáveis tanto em sua concepção biológica quanto social. Eles não são totalmente passíveis mesmo dentro de estruturas rígidas de poderes, eles resistem, se adaptam, reagem. Esse é um emaranhado de tensionamentos de agências, mas podemos afirmar que essa relação é complexa e cheia de possibilidades de desvios das normas (GOELLNER, 2013, p. 41). Ao olharmos para os corpos que aparecem estampados nas páginas da revista *Trip* é necessário ter em mente que esses corpos passaram por processos editoriais que, a partir do diálogo com essas pessoas ou não, pensaram na forma como eles apareceriam.

Algo que podemos destacar é a notável diferença que há entre o primeiro homem negro que aparece na primeira edição analisada e a capa da penúltima revista analisada. A partir das edições 230 e 231, esta sobre racismo e aquela sobre a possibilidade de deixar o país, podemos pensar que essa diferença diz mais respeito sobre a pressão social das pessoas negras sobre a revista do que uma grande mudança de pensamento da revista. A edição 230 ignora quase que por completo a possibilidade de pessoas negras imaginarem um presente melhor fora do país; e na edição seguinte boa parte das páginas serem ocupadas por pessoas negras para falarem de suas dores. Ou seja, mesmo que de forma mais sutil, o lugar de dor para as pessoas negras continua tendo um espaço reservado na revista. Essa é uma fantasmagoria acionada pela *Trip* na abordagem do corpo negro que dá sentido e justifica a posição social dos sujeitos. Essa fantasmagoria tem ligação direta com a forma que a publicação se comunica com um projeto

nacional que não contempla a totalidade das pessoas. Mesmo que essa fantasmagoria seja menos acentuada ao longo da história da *Trip*, o que pode ser vista como uma melhora na forma de imprimir esses sujeitos, isso planifica esses corpos ou nas palavras de Costa (2012):

Se o mundo pode ser percebido e compreendido como um vasto texto repleto de signos, cujo entrançamento que enforma objetos, concepções e ações, tudo o que nele habita também pode sê-lo. Assim é que o corpo humano, prenhe de signos, é, ao longo da história, material de leitura, de elaboração de conceitos e de construção de significados. Pensando-se sobre as marcas que definem o que é ser branco e o que é ser negro nas sociedades, emerge como critério fundamental para a instituição da diferença, a morfologia corporal. Signos físicos impressos nos corpos vivos dos seres, portanto, insurgem como fundamentos para que se instaurem as concepções de ser branco e ser negro. Mais do que isso, os fenótipos manifestos na plástica dos seres se apresentam como marcas definidoras de espaços, posições e papéis a ocuparem – explicitam-se, pois, como signos simbólicos de separação (COSTA, 2012, p. 54).

É no campo imagético que podemos perceber de forma melhor o espaço ocupado pelos corpos dos homens negros na revista *Trip*, já que nem sempre o recorte racial é feito pela publicação e, dessa forma, a branquitude é tomada como norma. Nas edições analisadas, desconsiderando apenas as edições 33 e 86 porque há apenas fotos de mulheres, vemos 248 fotos. Dessas, apenas 77 trazem pessoas negras, seja em primeiro ou segundo plano, o que por si só não representa a proporcionalidade existente no país.

A diversidade é uma característica na qual a revista *Trip* vende sua linha editorial. Como foi visto até aqui, essa diversidade, no que diz respeito aos homens negros e seus corpos, é limitada. Mesmo que ela seja mais ampla do que em outras mídias, como as apontadas por Ferro (2012), o local do corpo do homem negro continua sendo aqueles permitidos pelos parâmetros racistas do nosso sistema de nação. Isso diz, inclusive, sobre o que a revista entende como Brasil. Como observamos anteriormente, a ideia de país da revista se estrutura dentro de ideais de raça e gênero dentro da lógica da colonialidade. Embora o corpo resista (MARTINS, 2003), não há muitas possibilidades de resistência para o corpo-impresso dos homens negros quando retratados dentro dessas regras. O processo editorial jornalístico é feito por muitos corpos perpassados pelo sistema cultural (SILVA, 2010). Há embates de resistência entre eles, porém, aquele que resiste no objeto de análise é um pensamento hegemônico, como podemos perceber pelos corpos-impressos na *Trip*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O corpo *Trip* – masculino e branco

A conclusão dessa pesquisa acontece no contexto da comemoração dos 200 anos de independência brasileira. Em agosto de 2022, o governo de Jair Bolsonaro trouxe de Portugal para o Brasil o coração de Dom Pedro I no intuito de celebrar a data¹⁰. Enquanto isso, o Grito dos Excluídos, conjunto de manifestações populares que acontece no país desde 1995, foi às ruas questionar para quem é a independência brasileira¹¹. O ato do chefe do poder executivo e o clamor popular demonstram que os discursos sobre o projeto de nação brasileira ainda é uma discussão em disputa. O jornalismo não se aparta nem se pode pensar isento desse campo de tensionamentos.

A pesquisa investigou como a revista *Trip*, voltada para o público masculino, aciona noções de projetos nacionais na sua abordagem sobre o corpo negro. Fazer esse questionamento a uma publicação que se diz aberta às transformações sociais é pensar o papel institucional das revistas. Quisemos, assim, entender o posicionamento político do periódico, aquele muitas vezes escondido nos discursos do fazer jornalístico.

Tratamos dos impactos da colonialidade na forma de nos vermos no mundo. Isso também impacta os produtos editoriais, pois eles são itens culturais. Marília Scalzo (2011, p. 16) classifica as revistas como objetos ligados ao tempo. Para ela, eles são reflexo da cultura na qual estão inseridas, por isso, são frutíferos materiais de pesquisa para entender o espírito social que ronda o momento em que as publicações estão/estiveram em circulação no mercado. Dessa forma, podemos entender que esses objetos não só expressam as constituições culturais ao seu redor, como são passíveis de transformações, o que poderia ser chamado de sua “perenidade mutável” (TAVARES, 2013, p. 77).

Essa última característica e aquilo que foi visto até aqui nos ajudam a refletir que a revista *Trip* não impõem formas de a sociedade olhar o mundo, mas opera dentro de um campo de disputa, tensionamentos, aceitação e rejeição. O periódico estudado é um objeto imerso nessas questões, podendo colaborar na manutenção de sistemas simbólicos que reproduzem e propagam a forma pela qual o corpo, a raça e o gênero são vistos. A revista *Trip*, em seus mais de trinta anos de existência, é permeada por uma complexa teia de temporalidades. Nesse sentido, o nosso olhar lançado sobre ela considerou tanto os atravessamentos temporais do seu tempo de produção quanto seu atrelamento a ideias anteriores a ela, que são ressignificadas em

¹⁰ Disponível em: <shorturl.at/bjU05>. Acesso em: 27/08/2022

¹¹ Disponível em: <<https://www.gritodosexcluidos.com/>>. Acesso em: 27/08/2022

seu presente.

As principais fantasmagorias observadas na análise do recorte da pesquisa dizem respeito ao lugar masculino e heteronormativo do poder. Dessa forma, a política não é vista na publicação como sendo algo relativo às mulheres. Isso não significa que ela seja um direito possível para todo e qualquer homem, já que os sujeitos negros, de forma geral, são vistos na revista como o Outro, sempre em contraponto aos sujeitos brancos e suas múltiplas possibilidades de existência. Uma outra fantasmagoria que se repete na revista é a associação das pessoas negras com a dor ou com lugares estereotipados. Mesmo que haja avanços na forma com a qual a revista retrata os sujeitos negros ao longo de sua história, eles não são o suficiente para fugir das fantasmagorias colonizadoras sobre os corpos negros. Também é visto em algumas matérias o enlace com o mito da democracia racial, embora a revista assuma a existência do racismo. Observamos, então, a partir disso, o movimento da fantasmagoria de negar as atualizações da realidade se ancorando em noções da colonialidade.

Nossa pesquisa entende o corpo como constructo social que ocupa distintas posições sociais a depender de certas características de sua materialidade. Mesmo a mídia não sendo o único componente que modela a subjetividade das pessoas, ela é uma das instituições que gravam as concepções sobre os corpos (LOURO, 2016, p. 25). É preciso ater-se ao fato de que as revistas não só afetam a cultura, mas também são afetadas por ela. A produção das edições que estampam as bancas de jornais é feita por profissionais que são sujeitos inseridos numa sociedade. As páginas dos periódicos são impressas com produções feitas a partir de técnicas jornalísticas e diversos fragmentos das histórias pessoais dos trabalhadores do ramo. Não há jornalismo livre da influência de posicionamentos pessoais, já que “a subjetividade, lugar onde residem as visões de mundo, valores culturais e sociais dos indivíduos, é inconscientemente acionada durante os processos produtivos, tornando-se parte integrante dos valores profissionais da cultura jornalística” (SILVA, 2010, p. 165).

Para além disso, as experiências pessoais muitas vezes são mediadas por repertórios previamente construídos. A mídia é um dessas ferramentas que colaboram com o acúmulo, reprodução e reconhecimento de padrões, em uma espécie de banco de referências sociais. Ela, então, opera como um dos mecanismos que concentram certos códigos de leituras do mundo. Conduz processos de homogeneização de entendimentos sociais em códigos de representação, que se pretendem universais para a fácil leitura e entendimento das mensagens propostas. “O código produz e regula a convenção que tem por finalidade última orientar as escolhas e ‘gostos’ da assistência” (BORGES, 2012, p. 180). Quando, então, olhamos para exemplos midiáticos podemos perceber quais padrões são convencionados em nossa sociedade. Tanto nas

pesquisas étnico-raciais no campo do audiovisual (RIAL, 1996; MOREIRA & MELLO, 2020; ABREU & BORGES, 2022), quanto nas pesquisas sobre impressos (FELIPE & FRANÇA, 2009; SANTIAGO, 2017; SOUSA, 2019), podemos perceber o apagamento de pessoas negras. Quando esse grupo aparece, podemos perceber uma *hiper-representação* negativa, nos termos de Pinho (2012).

A pesquisa atestou que os sujeitos negros sempre estiveram presentes na revista *Trip*. Mesmo assim, pelo *corpus* analisado, ela parece insistir em dizer que o Brasil é um país de maioria branca, embora os dados estatísticos provem o contrário. De forma irônica, nem mesmo o mito da miscigenação é corroborado imagetivamente pela publicação. O local reservado pela revista para os corpos-impressos negros é o de negação, corpos a não serem desejados, pois sobrevivem sempre à margem da não existência, o que reflete nas possibilidades para os corpos negros fora das páginas das revistas. Percebemos, então, fantasmagorias tanto no corpo-impresso negro quanto no corpo negro. Essas fantasmagorias se retroalimentam.

Observamos que há uma mudança da forma do corpo-impresso no início e no fim do nosso recorte temporal. Embora haja essa diferença, de modo geral, podemos chegar ao ponto de refletir que a mídia continua escrevendo as versões do ideal de nacionalidade que exclui pessoas negras e indígenas. A pesquisa apostou em analisar os corpos nas revistas a partir da ideia do corpo-impresso, ou seja, pensar o corpo na mídia a partir dos atravessamentos editoriais. Esse movimento conceitual e analítico foi um dos achados da pesquisa no que diz respeito às possibilidades de complexificar a relação corpo e mídia.

A repetição dessas ideias afeta diretamente parcelas da população, gerando uma internalização das imagens negativas sobre si (SODRÉ, 2006) ou fazendo com que grupos colocados como “minorias” passem a perceber estereótipos como algo positivo (VIGOYA, 2018), como é possível perceber nas edições em que o negro é exaltado no futebol e nas edições em que o corpo negro é sinônimo de sofrimento.

Dessa forma, podemos apreender que a mídia é um dos mecanismos que corporifica entendimentos sociais. As revistas, filmes, novelas e jornais são códigos que se organizam para expressar mensagens. O corpo se comporta da mesma forma: ele é texto verbovisual em constante adequação e reescrita. As revistas buscam fixar essas mudanças, já que o seu espaço físico não permite que ele seja completo em sua constante transformação. No entanto, esse movimento por vezes diminui e planifica esse corpo (COSTA, 2012, p. 54). Por isso, entendemos que o processo feito pelas revistas de retratar os corpos gera um corpo-impresso e não apenas uma representação de um corpo real. O corpo-impresso é o atravessamento de entendimentos socioculturais, posicionamentos editoriais e de corpos.

Na pesquisa, consideramos os limites de possibilidade de resistência dos corpos frente a esse processo. Ainda que o corpo negro seja pilar de resistência (MARTINS, 2003), o quão é possível resistir enquanto corpo-impresso se os padrões de produção que perpassam esses sujeitos estão intimamente ligados à branquitude? Não ignoramos a pressão que os coletivos negros promovem na transformação do modo da representação negra pela mídia. Acreditamos, inclusive, ser isso a causa do abrandamento da violência que esses indivíduos aparecem na revista ao longo do tempo. Porém, se o corpo-impresso negro continuar sendo produzido dentro da ótica da branquitude, os olhares colônias continuarão diminuindo sua possibilidade de existência.

Essas marcas possuem uma forte força de definição e espaços. Por isso, de forma midiática, é necessário quebrar essas questões a partir de uma economia política-racial da comunicação (SANTOS, 2018). Ou seja, é necessário que esse mercado não seja pensado apenas pelo viés financeiro e também é preciso refletir sobre o papel dessa indústria no país. Tiago Vinícius André dos Santos (2018) pesquisou os donos de emissoras de rádio e televisão no Brasil ao longo dos anos. A estreia da TV no país ocorreu em 18 de setembro de 1950. De lá para cá, foram poucos os diretores das emissoras que não eram brancos. Segundo Santos (2018), apenas um negro comandou um canal durante esses mais de 70 anos de televisores no país. Netinho de Paula comandou a concessão da TV da Gente entre 2005 e 2007, um curto período de tempo. Não temos esses dados de outros veículos, mas, a partir do reforço da branquitude pela mídia, acreditamos que o resultado seria semelhante.

Dessa forma, a mídia negra sempre foi um importante mecanismo de furo dessas representações. Ela possui importante relevância na história brasileira. Foi um canal de posicionamentos fortes durante a abolição e, inclusive, colocando-se, mais tarde, como porta-voz contra o mito da democracia racial (ALAKIJA, 2012, p. 147). Aqueles à frente das mídias possuem papel decisório das representações de grupos sociais.

Mesmo que ao longo do tempo aconteceram alguns avanços na representação de pretos e pardos, ainda há um padrão na representação dessas pessoas (BORGES, 2012), que por vezes são historicamente naturalizados. O lugar social ocupado pelas pessoas negras está ligado às marcas da colonialidade, que concebem percepções para o corpo desses sujeitos. Essas noções são compartilhadas e fixadas de diversas formas, sendo a mídia um desses espaços. A partir das discussões aqui levantadas e da análise feita do *corpus* da pesquisa, entendemos que a revista *Trip* embora não se racialize, deixa escapar um claro posicionamento dentro de uma branquitude que se coloca como norma. Também observamos que sua forma de enxergar o Brasil orienta-se por um posicionamento masculino, branco e heterossexual, o que reflete em

fantasmagorias sobre os corpos das pessoas negras na revista, na tentativa de consolidar marcas da colonialidade sobre eles.

Reconhecemos que há outros recortes possíveis a serem feitos para analisar as inquietações geradoras da pesquisa. Essas outras possibilidades podem gerar resultados que ajudem a complexificar o entendimento da revista *Trip*. Acreditamos que há também outras áreas de entradas possíveis que podem dar continuidade a essa pesquisa ou gerar outras novas como, por exemplo, ampliar o recorte de gênero na busca de entender de que forma as masculinidades se relacionam entre si dentro da revista a partir dos projetos de nação abraçados pela revista. Questões para o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Laura Ferreira; CARVALHO, Rosangela Ferreira Borges de. O espaço destinado à mulher negra no telejornalismo: sub-representação nos telejornais brasileiros. **Iniciacom**, v. 11, n. 02, p. 1-15, 2022.

ALAKIJA, A. **Mídia e identidade negra**. In: BORGES, R. C.; BORGES, R. S. *Mídia e Racismo*. Petrópolis-RJ: ABPN, p. 108-153, 2012

ALVES, I. L. A. **Eu Repórter. Narradores em primeira pessoa nas reportagens de Trip, Tpm e Rolling Stone**. Dissertação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

ARAGAO, Rafael Victor De Jesus. **Cartas de príapo: a construção da masculinidade via corpo na revista playboy**. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

AVEIRO, Giovanna Licia Rocha Trinanes. **Mulheres na revista TPM: análise discursiva da construção da singularidade feminina**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2015

BARBALHO, Alexandre. Estado Autoritário Brasileiro: Entre a Tradição e a Modernidade. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. n. 19, p. 71-106, 2000.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicol. Soc., Florianópolis**, v. 23, n. 1, p. 24-34, Apr. 2011 . Available from/ access on 01 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>.

BARROS, Fernando. Revistas em revista: descontinuidades e sumiço. **Observatório da Imprensa**, 30 de junho de 2020. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/mercado-editorial/revistas-em-revista-descontinuidades-e-sumico>>; Acessado em: 11 de outubro de 2021.

BASILIO, Javier Vazquez. **Lenguaje sexista en revista para hombres: un análisis de los estereotipos y arquetipos femeninos en el sitio web español GQ Magazine**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

BATISTA, Juliana Spirlandeli. **GQ E MEN'S HEALTH: os estilos de vida do ator masculino contemporâneo**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013.

BEE, Fernando. Em quatro anos: de 1935 a 1939, crítica da cultura e fantasmagoria. **Revista Limiar**, 3(6), p. 195–233, 2016. <https://doi.org/10.34024/limiar.2016.v3.9229>

BENETTI, Marcia; STORCH, Laura; FINATTO, Paulo. Jornalismo de revista, metaacontecimento e dispositivo de autoridade. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton;

VAZ, Paulo Bernardo (org.). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2011. p. 55-78.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 5-39 Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>

BERDET, Marc. Interpelação Fantasmagórica: compreender e subverter a estética da vida cotidiana com Walter Benjamin e Louis Althusser. **Kriterion: Revista de Filosofia** [online]. v. 59, n. 139, p. 175-194, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-512X2017n13909mb>

BERSSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, 11(2), p.175-196, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/148025> Acesso em: 13 Ago. 2022.

BOMFIM, M. **A América latina: males de origem** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

BORELA, Suzanne da Silva. **Jornalismo, identidade e gênero: desconstruções discursivas na revista Tpm**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2017.

BORGES, Rosane. Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: BORGES, Roberto; BORGES, Rosane. (org.). **Mídia e racismo**. Petrópolis: DP et alii, 2012. p. 178-203.

BOSCATTI, Ana Paula Garcia. A bunda e o discurso nacional: as lutas simbólicas sobre mestiçagem e colonialidades. In: **13 Womens Worlds & Fazendo Gênero** 11, 2017, Florianópolis. **13 Womens Worlds & Fazendo Gênero** 11, 2017. p. 1-12

BOSCATTI; Ana Paula Garcia. Bunda: um signo interpretativo de nova brasilidade nos anos 70 e 80 no Brasil. **Latin American and Latinx Visual Culture** 1 July 2021; 3 (3): p. 38–57. doi: <https://doi.org/10.1525/lavc.2021.3.3.38>

BRAGA, Adriana. **Corpo-Verão: jornalismo e discurso na imprensa feminina**. (e-book). Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2016.

BRAGANSA, Matheus. A ilusão temporal: política e alteridade na revista TRIP. In: PRADO, Denise F. B. ; TAVARES, Frederico de M. B. ; TAVARES, Michele S. **Mídia, tempo e interações sociais: conceitos em circulação**. Belo Horizonte, MG: Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 335-354

BRENATTI, Grahal. **Da TRIP à TPM: um estudo sobre a produção de significados no mercado de revistas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Campinas: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2005.

BRIGHENTI, Clovis Antônio. Agitadores e subversivos: repressão, perseguição e violações dos direitos indígenas pela ditadura militar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 38, n. 1 p. 01-24, jan./mar. 2020

BURBULHAN, Fernanda. GUIMARÃES, Rafael Siqueira. Relações de gênero, mídia escrita e contemporaneidade: análise do discurso nas revistas TRIP e TPM. **Publ. UEPG Ci. Soc.Apl.**, Ponta Grossa, 19 (1): 61-76, jan./jun. 2011.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. p.151-172.

CABRAL, Rafael; MORAIS, Vitória Larissa Dantas de. Os Povos Indígenas Brasileiros Na Ditadura Militar: Tensões Sobre Desenvolvimento E Violação De Direitos Humanos. **Direito E Desenvolvimento** 11, n. 1, 2020, p. 106-122. Disponível em: <https://periodicos.unipe.edu.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/1218>. Acesso em: 10 ago 2021.

CAETANO, Mauren Nene. **O “HOMEM MODERNO”: representações do masculino nos textos das capas da revista GQ Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2018.

CAMARGO, Alice Vasques De. **Representação social da mulher e interdiscurso em editoriais da revista Tpm**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016

CAMPOS. Rubens Aparecido. **A representação da mulher negra na revista Claudia**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). São Paulo: Universidade Paulista, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CONNELL, R. W. Políticas de masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2. p.185-206, jun/dez 1995.

CONNELL, Raewyn W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, p. 241-282, 2013.

CORRÊA, Laura Guimarães. **De corpo presente: o negro na publicidade**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

CORREIA, Maria Joana Casagrande Soares. **Corpos e belezas midiáticas: um estudo sobre imaginário e ideologia no Manifesto TPM**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.

COSTA, Adriana Modesto. **O masculino na publicidade da Playboy: a construção da figura do homem nos anúncios da revista**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

COSTA, Daniela Rocha dos Santos. **Ser negro no Brasil é f*da**. Trabalho de Conclusão de Curso. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2018

COSTA, Kátia Regina Rebello da. De quando a pluralidade revela a invisibilidade. In: BORGES, R. C.; BORGES, R. S. **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ: ABPN, 2012. p. 40-63.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Josimar Faria. **Corpos, Narrativas e Imagens do Gênero Masculino na revista Men's Health**. Dissertação (Mestrado Economia Doméstica). Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2014.

DULCI, Otávio Soares. Generalidade e particularidade na sociologia brasileira. In: **Sociedade e Estado: pensamento social brasileiro**, Brasília, Ed. UnB, v. XV, n.º 2, p. 223-239, jun.-dez. 2000.

FAGUNDES, Renan Dissenha. **Deu ruim no ar**. TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 259, outubro de 2016. p. 58-65.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

FAUSTINO (NKOSI), D. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo in: **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher** / organização Eva Alterman Blay. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104

FELIPE, D. A.; FRANÇA, F. F. Corporeidade negra nas revistas Veja e Época. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 9, n. 17, p. 86-97, 2017.

FERRO, Rogério. O negro sem cor no telejornalismo brasileiro. In: BORGES, Roberto; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e racismo**. Petrópolis: DP et alii, 2012. p. 64-83.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1978.

FETTER, Luiz Carlos. **Revistas, Design Editorial E Retórica Tipográfica: A Experiência Da Revista Trip (1986-2010)**. [s.l.] Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.1, Primeiro Semestre 2009, p. 115-126.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, v.28, n.1, p.151-62, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANÇA, Renné Oliveira. Revista e referentes: a pensata na construção do mundo de cada publicação. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 93-106.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Eds.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: RIOS, Flávia e LIMA, Márcia (orgs.) Lélia Gonzalez: **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 139-150.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100008.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Os Fantasmas da Colônia: notas de desconstrução e filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.

IBGE: **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil 2019**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 27/10/2020

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 27/10/2020

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção: gênero, corpo e publicidade**. Covilhã: LabCom, 2016.

JÚNIOR, Wilson Krette. **Jornalismo Gonzo na Revista Trip: uma análise de gênero**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.

JÚNIOR., Francisco das C. F. S. Imagem, raça e humilhação no espelho negro da nação: cultura visual, política e “pensamento negro” brasileiro durante a ditadura militar. **Topoi**, v. 13, n. 24, jan.-jun. 2012, p. 94-110.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEÃO, Alice Da Silva; ALMEIDA, Fabiane Katarina Fartolino de; SOUZA, Maria Clara Silva de; LIMA, Rayra Torquato de. Mulheres, homossexuais, indígenas e negros na ditadura civil

militar: uma análise sobre as minorias no regime político. **Das Amazônias**, v. 2, n. 2, p. 45-58, 2019.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LIMA, Fátima. Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 80-93, 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 06 out. 2021. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1p.80-93>.

LIMA, Nísia Trindade. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online]. 1998, v. 5, n, pp. 163-193. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701998000400010>

LIMA, Paulo. **Editorial**. TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 01, novembro de 1986. p. 13

LOBO, Celso. **A Hora do Brasil**. TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 25, janeiro de 1992. p. 72-78

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 7-34.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.22, v. 3, p. 935-952, set.-dez./2014.

MACHADO, F. V. K. **Homens que se veem: Masculinidades em Junior e em Men's Health Portugal**. Tese—São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

MACIEL, F. **O BRASIL-NAÇÃO COMO IDEOLOGIA: a construção retórica e sociopolítica da identidade nacional**. E-Book. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2020. v. 1.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 71-114, mar. 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (eds.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-168.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTINS, J de S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Contexto, 2012. 176 p

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras** (Santa Maria), Santa Maria, v. 26, p. 63-81, 2003.

MATOS, A. A. DE; LOPES, M. DE F. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 61–76, jan. 2008.

MATTOS, Igor Pereira; TAVARES, Frederico M. B. Representatividade nas Capas: uma análise sobre o ser-negra nas primeiras páginas da revista TPM. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, 2017, v. 40, p. 1-16.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. BENETTI, M.; FONSECA, V. (Orgs.). **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular/Capes, 2010.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de e PIRES-ALVES, Fernando A. Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online]. 2009, v. 16 , pp. 139-179. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000500008>

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria política. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Eds.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 11-29.

MIRA, Maria Celeste. Cultura e segmentação: um olhar através das revistas. In: ST “Cultura e arte na sociedade contemporânea: novos desafios, novas estratégias” **XXV Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, MG: Outubro, 2001b, p.1-13. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st06-3/4581-mmira-cultura/file>> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MORAES, Cibele Aparecida De. **Gênero feminino singular plural: Uma Leitura Crítica Da Coluna Do Meio, De Milly Lacombe**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literaria e Crítica da Cultura). São João del Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2003.

MOREIRA, Luana Moreira; MELLO, Victoria Regia. A representação do negro na tv: os estereótipos racistas e a sua implicação na sociedade brasileira. **SEMPESq-Semana de Pesquisa da Unit-Alagoas**, n. 8, 2020.

MOURA, Amanda dos Santos. **Representação da mulher negra nas capas da versão brasileira da revista Glamour (2012-2020): discursos, imagens e construção de sentidos**. Tese de Doutorado. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. In: **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Imprensa Oficial: São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1986

PINHO, Osmundo. Qual a identidade do homem negro? In: **Democracia Viva**. n 22, p. 64- 69, jun 2004 / jul 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/1420907/Qual_%C3%A9_a_identidade_do_homem_negro Acesso em: 15 nov. 2020.

PRADO, Denise F. B. ; TAVARES, Frederico de M. B. ; TAVARES, Michele S. A contemporaneidade como gesto epistemológico: modos de ver e agir pela pesquisa em Comunicação. In: PRADO, Denise F. B. ; TAVARES, Frederico de M. B. ; TAVARES, Michele S.. (Orgs.). **Mídia, tempo e interações sociais: conceitos em circulação**. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 31-53.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005a. p. 117-142.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 55, v. 19, 2005b. p. 9-31.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina, 2010. p. 73-116.

RAMOS, J. de S. Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da revista Men's Health. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**. n.7, p.9-43, abr 2011.

REGINATO, Gisele Dotto. **Em busca da complexa simplicidade: o consumo no discurso jornalístico da revista Vida Simples**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM, 2011.

ROCHA, Patrícia. **Jornalismo em primeira pessoa: a construção de sentidos das narradoras da revista TPM**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RODARTE, Ana Paula V. S. T. **A CONTEMPORANEIDADE COMO MISTURA: Nina Lemos e a seção Badulaque na revista Tpm**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Mariana-MG: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

RIAL, Carmen. Japonês está para TV assim como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil. In **Imagem em foco**. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 1996, p. 1-33

RIBEIRO, Igor. **Fluir encerra atividades após 32 anos**. Meio&Mensagem, São Paulo, 02 de jun. de 2016. Disponível em:

<<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/06/02/fluir-encerra-atividades-apos-32-anos.html>>. Acesso em: 25 de jan. de 2021.

RODRIGUES, Bruna Mariano. **Sem maneiras de conquistar seu homem: apropriações do discurso sobre a mulher na revista Tpm**. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, Otávio. **Música africana**. TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 01, novembro de 1986. p. 37-38

RODRIGUES, Raymundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011, 95p. ISBN 978-85-7982-075-5.

ROSSINI, Maria Clara. **Estupro de mulheres negras e indígenas deixou marca no genoma dos brasileiros**. Revista SuperInteressante, São Paulo, 03 de out. de 2020. Ciência. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/estupro-de-mulheres-negras-e-indigenas-deixou-marca-no-genoma-dos-brasileiros/>>. Acesso em: 07 de out. de 2020.

SALOMONE, Roberta. **Que corpo você quer ter?**. Revista Trip, São Paulo, 15 de out. de 2009. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/que-corpo-voce-quer-ter>>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

SANTIAGO, Bruna. **Humor e artes gráficas: a representação do negro na revista Semana Ilustrada (1860–1876)**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. A invenção do Brasil: um problema nacional?. **Revista de História** 118 (1985). p. 3-12.

SANTOS, Maria R.; TAVARES, Frederico M. B. A representação da velhice na revista TRIP: uma análise sobre a terceira idade em edições temáticas. **Anais do 7º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo**, São Paulo, 2017, v. 7, p. 1-14.

SANTOS, M. R.; OLIVEIRA, L. B. B.; TAVARES, F. M. B. Corpo e sensualidade: uma análise da representação feminina na sessão Trip Girl. In: **XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2019, Vitória. Anais do XXIV INTERCOM Sudeste. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. v. 24. p. 1-13.

SANTOS, Tiago Vinícius André. **Desigualdade Racial Midiática: o direito à comunicação exercido e o direito à imagem violado**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Letramento/ Casa do Direito, 2018.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2011.

SCHWAAB, Reges Toni. **Uma ecologia do jornalismo: o valor do verde no saber dizer das revistas da Abril**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SCHWAAB, Reges Toni. Revista e instituição: a escrita do lugar discursivo In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 58-75

SEIXLACK, Alessandra Gonzalez de Carvalho. Entre "índios bravos" e "selvagens da África": os debates sobre a população nacional e a cidadania na Assembléia Constituinte de 1823. In: **XXVI Simpósio Nacional de História: ANPUH 50 anos**, 2011, São Paulo. Anais ANPUH, 2011, p. 1-17.

SERVA, Leão. **Impacto de sangue**. TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 24, novembro de 1991. p.74-83.

SILVA, Ana Cristina Teodoro Da. **O tempo e as imagens de mídia: capas de revistas como signos de um olhar contemporânea**. Tese (Doutorado em História). Assis: Universidade Estadual Paulista, 2003.

SILVA, Patrícia Rocha da. **JORNALISMO EM PRIMEIRA PESSOA: A construção de sentidos das narradoras da revista TPM**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2007.

SILVA, Leonardo Cruz da. **PLAYBOY: A revista para ser lida com uma só mão. Produção de apropriação de sentido da identidade masculina**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SILVA, Wigde Arcangelo da. **Os corpos de Trip e Tpm: masculinidades na segmentação de gênero em revistas**. Trabalho de Conclusão de Curso. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto. 2018.

SIMÃO, Marina Fazzio e SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. Corpo e Descolonialidade em Composição. **Revista Brasileira de Estudos da Presença** [online]. 2018, v. 8, n. 4 [Acessado 7 abril 2022], pp. 665-690. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-266078809>>

SIQUEIRA, Júlia Militão; OLIVEIRA, Yan Gabriel Conceição; SILVA, Wigde Arcangelo . Amar de olhos fechados: relação inter-racial na canção Braille de Rico Dalasam. In: **Anais 10º Musicom: Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Música Playlists das diversidades**, v.10, São Luiz, 2021.

SOARES, Leonardo Antonio. **A masculinidade na capa da revista Men's Health: uma abordagem da linguística crítica sob o enfoque sistêmico-funcional**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). São Paulo: Pontífca Universidade Católica de São Paulo, 2015.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis: Afeto, Mídia e Política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUSA, Aryclennys Silva. **Entre a cordialidade e o branquíssimo: o discurso racista na representação social da pessoa negra no jornal Folha de S. Paulo**. 2019. 283 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SOUZA, Bárbara Pavei. "No Pictures": Os retratos da mulher negra na revista Vogue Brasil. **Leitura**, n. 69, p. 12-26, 2021.

Souza, Neusa Santos. **Tornar-se negro** (2a ed.). Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TANIO, Maria Cristina. **Mulheres de TPM: construindo estilos de identificação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2003.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples**. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

TAVARES, Frederico de Mello B. Revista e identidade editorial: mutações e construções de si e de um mesmo. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p 76-92.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Um 13 de maio antecipado: edições temáticas, atualidade e memória no circuito TRIP e TPM. **Intexto**, n. 35, p. 154-176, 2016.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Jornalismo e colecionismo: elos para pensar memórias e valores editoriais. In: **Mídia, tempo e interações sociais: conceitos em circulação**. Belo Horizonte, MG: Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 285-312.

TAVARES, F. M. B.; DA SILVA, W. A. CORPOS IMPRESSOS E SEGMENTAÇÃO EDITORIAL BINÁRIA: um análise sobre as relações de gênero entre as revistas TRIP e TPM. **CAMBIASSU: ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO (ONLINE)**, v. 14, p. 50-70, 2019.

TAVARES, F. M. B. Revista. In: Angela Zamin; Reges Schwaab. (Org.). **Tópicos em Jornalismo: redação e reportagem**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2021, v. 1, p. 195-204.

TELLES, Edward. **Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fundação Ford, 2003.

TRINIDAD, Carlos Benítez. A questão indígena sob a ditadura militar: do imaginar ao dominar. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 257-284, 2018. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas_vol_43_n1_julho2018/artigo_a_questao_indigena.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 01, novembro de 1986.

TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 24, novembro de 1991.

TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 25, janeiro de 1992.

TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 28, agosto de 1992.

- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 33, julho de 1993.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 38, julho de 1994.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 86, fevereiro de 2001.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 110, abril de 2003.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 135, julho de 2005.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 136, agosto de 2005.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 137, setembro de 2005.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 189, junho de 2010.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 230, março de 2014.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 231, abril de 2014.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 234, março de 2014.
- TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 259, outubro de 2016.
- VIANA, Pablo Moreno Fernandes. Onde está o homem negro na publicidade? Masculinidades negras no segmento de higiene pessoal. **Contemporânea-Revista de Comunicação e Cultura**, v. 18, n3, 2020. p.88-108
- VIGOYA, M. V. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.
- VOGEL, Daisi. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias. In: **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p 17-26.
- WALSH, Catherine. (2007). ¿Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. **Nómadas** (26), 2007, p. 102-113.
- WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.
- ZAMBONI, Ernesta. Projeto pedagógico dos parâmetros curriculares nacionais: identidade nacional e consciência histórica. **Cadernos CEDES** [online]. 2003, v. 23, n. 61, p. 367-377. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32622003006100007>>.

ANEXOS

Ano	Número	Mês	Disponível
1986	1	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=uy0EAAAAMB AJ&lpg=PA1&dq=revista%20trip%201986&hl=pt-BR&pg=PA23#v=onepage&q=revista%20trip%201986&f=false
	2	Janeiro	Sem acesso
1987	3	Março	Sem acesso
	4	Junho	Sem acesso
	5	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=uS0EAAAAMB AJ&lpg=RA3-PA60&dq=favela%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	6	Novembro	Sem acesso
1988	7	Fevereiro	Sem acesso
	8	Abril	Sem acesso
	9	Julho	https://books.google.com.br/books?id=oi0EAAAAMB AJ&lpg=PA1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q=revista%20trip&f=false
	10	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=fS0EAAAAMB AJ&lpg=PA1&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
1989	11	Janeiro	https://books.google.com.br/books?id=Vy0EAAAAMB AJ&lpg=PA7&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA7#v=onepage&q&f=false
	12	Março	https://books.google.com.br/books?id=tS0EAAAAMB AJ&lpg=PA14&dq=revista%20trip%2026&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	13	Junho	https://books.google.com.br/books?id=ii0EAAAAMB AJ&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

	14	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=gi0EAAAAMBAJ&lpg=PT13&dq=revista%20trip%20homossexual&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	15	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=nS0EAAAAMB AJ&lpg=PA3&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA3#v=onepage&q&f=false
1990	16	Janeiro	https://books.google.com.br/books?id=bC0EAAAAMB AJ&lpg=PA1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	17	Maio	https://books.google.com.br/books?id=Vi0EAAAAMBAJ&lpg=PA82&dq=pau%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA73#v=onepage&q&f=false
	18	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=Wi0EAAAAMB AJ&lpg=PA70&dq=revista%20trip%20mole&hl=pt-BR&pg=PA2#v=onepage&q=revista%20trip%20mole&f=false
	19	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=aC0EAAAAMB AJ&lpg=PT71&dq=areia%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	20	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=XC0EAAAAMB AJ&lpg=PA84&dq=surf%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
		21	Abril

1991	22	Junho	https://books.google.com.br/books?id=sy0EAAAAMB AJ&lpg=PT80&dq=favela%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA2#v=onepage&q&f=false
	23	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=iy0EAAAAMB AJ&lpg=PA1&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	24	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=Zi0EAAAAMB AJ&lpg=PT51&dq=revista%20trip%20sexo&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
1992	25	Janeiro	https://books.google.com.br/books?id=zy0EAAAAMB AJ&lpg=PA18&dq=menage%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	26	Abril	https://books.google.com.br/books?id=6y0EAAAAMB AJ&lpg=PA26&dq=girl%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	27	Junho	https://books.google.com.br/books?id=6S0EAAAAMB AJ&lpg=PT13&dq=aranha%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA4#v=onepage&q&f=false
	28	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=4C0EAAAAMB AJ&lpg=PT76&dq=surf%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA10#v=onepage&q&f=false
	29	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=4i0EAAAAMB AJ&lpg=PA68&dq=p%C3%AAnis%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

		30	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=4S0EAAAAMB_AJ&lpg=PA31&dq=aranha%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
1993		31	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=2i0EAAAAMB_AJ&lpg=PA1920&dq=praia%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1911#v=onepage&q&f=false
		32	Maio	https://books.google.com.br/books?id=xS0EAAAAMB_AJ&lpg=PA26&dq=p%C3%AAAnis%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
		33	Julho	https://books.google.com.br/books?id=zC0EAAAAMB_AJ&lpg=PT74&dq=aranha%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
		34	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=wC0EAAAAMB_AJ&lpg=PT30&dq=p%C3%AAAnis%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
		35	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=Gi4EAAAAMB_AJ&lpg=PA27&dq=touro%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA18#v=onepage&q&f=false
		36	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=0i0EAAAAMB_AJ&lpg=PA28&dq=tim%20maia%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
		37	Abril	https://books.google.com.br/books?id=yS0EAAAAMB_AJ&lpg=PT58&dq=surf%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

1994	38	Julho	https://books.google.com.br/books?id=0C0EAAAAMB AJ&lpg=PA22&dq=pau%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	39	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=QC0EAAAAMB AJ&lpg=PA82&dq=brasil%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	40	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=Yy0EAAAAMB AJ&lpg=PA6&dq=mulher%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
1995	41	Março	https://books.google.com.br/books?id=Ey0EAAAAMB AJ&lpg=PT75&dq=sexo%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	42	Maio	https://books.google.com.br/books?id=oCwEAAAAMB AJ&lpg=PT52&dq=brochar%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	43	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=ai0EAAAAMB AJ&lpg=PT78&dq=revista%20trip%20gozo&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	44	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=Py0EAAAAMB AJ&lpg=PT17&dq=gloria%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	45	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=Qi0EAAAAMB AJ&lpg=PT79&dq=er%C3%B3tico%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PT2#v=onepage&q&f=false

	46	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=Qy0EAAAAMB_AJ&lpg=PT18&dq=revista%20trip%20jiu-jitsu&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
1996	47	Janeiro	https://books.google.com.br/books?id=Ty0EAAAAMB_AJ&lpg=PT29&dq=perfume%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	48	Julho	https://books.google.com.br/books?id=TC0EAAAAMB_AJ&lpg=PT80&dq=revista%20trip%20coca-cola&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	49	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=jiwEAAAAMB_AJ&lpg=PT89&dq=Paulo%20Lima%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	50	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=Xy0EAAAAMB_AJ&lpg=PT89&dq=praia%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	51	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=XS0EAAAAMB_AJ&lpg=PT70&dq=revista%20trip%20lata&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q=revista%20trip%20lata&f=false
	52	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=BywEAAAAMB_AJ&lpg=PT91&dq=revista%20trip%20privil%C3%A9gio&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	53	Março	https://books.google.com.br/books?id=ASwEAAAAMB_AJ&lpg=PT30&dq=tim%20maia%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA78#v=onepage&q&f=false

1997	54	Abril	https://books.google.com.br/books?id=mSwEAAAAMB&lpg=PT90&dq=fetiche%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	55	Maio	https://books.google.com.br/books?id=cy0EAAAAMB&lpg=PT17&dq=andre%20ver%C3%ADssimo%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q=andre%20ver%C3%ADssimo%20revista%20trip&f=false
	56	Julho	https://books.google.com.br/books?id=7iwEAAAAMB&lpg=PT107&dq=fetiche%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	57	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=vC0EAAAAMB&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	58	Novembro	Sem acesso
	59	Dezembro	Sem acesso
	60	Fevereiro	Sem acesso
	61	Abril	https://books.google.com.br/books?id=OC0EAAAAMB&lpg=PT90&dq=p%C3%AAAnis&hl=pt-BR&pg=PT2#v=onepage&q&f=false
	62	Junho	https://books.google.com.br/books?id=Fi0EAAAAMB&lpg=PT32&dq=menage%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

1998	63	Julho	https://books.google.com.br/books?id=0CwEAAAAMB_AJ&lpg=PT35&dq=trip%20transa&hl=pt-BR&pg=PA12#v=onepage&q&f=false
	64	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=CiwEAAAAMB_AJ&lpg=PA1949&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1951#v=onepage&q=revista%20trip&f=false
	65	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=0SwEAAAAMB_AJ&lpg=PT107&dq=revista%20trip%20bicha&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	66	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=Uy0EAAAAMB_AJ&lpg=PT123&dq=nu%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	67	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=Oi0EAAAAMB_AJ&lpg=PT17&dq=revista%20trip%20privil%C3%A9gio&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
99	68	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=Ui0EAAAAMB_AJ&lpg=PT76&dq=droga%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA4#v=onepage&q&f=false
	69	Abril	https://books.google.com.br/books?id=oSWEAAAAMB_AJ&lpg=PA19&dq=pelado%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA14#v=onepage&q&f=false
	70	Junho	https://books.google.com.br/books?id=6ywEAAAAMB_AJ&lpg=PT98&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA4#v=onepage&q&f=false
	71	Julho	https://books.google.com.br/books?id=tCwEAAAAMB_AJ&lpg=PT1&dq=p%C3%A1ginas%20negras%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

19	72	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=PS0EAAAAMB_AJ&lpg=PT44&dq=trip%20cobra&hl=pt-BR&pg=PA11#v=onepage&q=trip%20cobra&f=false
	73	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=dy0EAAAAMB_AJ&lpg=PT97&dq=radical%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA4#v=onepage&q&f=false
	74	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=ly0EAAAAMB_AJ&lpg=PT4&dq=revista%20trip%20fogo&hl=pt-BR&pg=PP2#v=onepage&q&f=false
	75	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=YS0EAAAAMB_AJ&lpg=PT119&dq=pelado%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	76	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=ni0EAAAAMB_AJ&lpg=PT76&dq=trip%20art&hl=pt-BR&pg=PA84#v=onepage&q&f=false
	77	Abril	https://books.google.com.br/books?id=nC0EAAAAMB_AJ&lpg=PT107&dq=trip%20colaborar&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	78	Maio	https://books.google.com.br/books?id=pC0EAAAAMB_AJ&lpg=PT19&dq=trans%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	79	Junho	https://books.google.com.br/books?id=oC0EAAAAMB_AJ&lpg=PT74&dq=vagina&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	80	Julho	https://books.google.com.br/books?id=li0EAAAAMB_AJ&lpg=PT7&dq=trip%20canta&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false

2000	81	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=ci0EAAAAMBAJ&lpg=PT102&dq=revista%20trip%20s%C3%A9rgio%20mallandro&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	82	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=ZS0EAAAAMB AJ&lpg=PT8&dq=trip%20casa&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	83	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=aS0EAAAAMB AJ&lpg=PT6&dq=radical%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	84	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=hC0EAAAAMB AJ&lpg=PA50&dq=revista%20trip%20ser%20negro&hl=pt-BR&pg=PA24#v=onepage&q=revista%20trip%20ser%20negro&f=false
	85	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=cC0EAAAAMB AJ&lpg=PT33&dq=trip%20teto&hl=pt-BR&pg=PT2#v=onepage&q&f=false
	86	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=bi0EAAAAMBAJ&lpg=PT92&dq=trip%20co laborar&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	87	Março	https://books.google.com.br/books?id=fC0EAAAAMBAJ&lpg=PP10&dq=trip%20jo%C3%A3o&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	88	Abril	https://books.google.com.br/books?id=cS0EAAAAMB AJ&lpg=PT19&dq=neve%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	89	Mai	https://books.google.com.br/books?id=jS0EAAAAMBAJ&lpg=PT43&dq=trip%20art hur&hl=pt-BR&pg=PA1985#v=onepage&q&f=false

2001	90	Junho	https://books.google.com.br/books?id=IC0EAAAAMBAJ&lpg=PT45&dq=trip%20comida&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	91	Julho	https://books.google.com.br/books?id=iy0EAAAAMBAJ&lpg=PT92&dq=trip%20art&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	92	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=9i0EAAAAMBAJ&lpg=PT19&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	93	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=ki0EAAAAMBAJ&lpg=PT13&dq=revista%20trip%20lata&hl=pt-BR&pg=PA5#v=onepage&q=revista%20trip%20lata&f=false
	94	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=ti0EAAAAMBAJ&lpg=PT95&dq=tim%20maia%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	95	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=rS0EAAAAMB&lpg=RA1-PA3&dq=tim%20maia%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA36#v=onepage&q&f=false
	96	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=3S0EAAAAMB&lpg=PT22&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
		97	Fevereiro
98		Março	https://books.google.com.br/books?id=qC0EAAAAMB&lpg=PA1&dq=%C3%A9%20foda&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

2002	99	Abril	https://books.google.com.br/books?id=py0EAAAAMB_AJ&lpg=PA20&dq=moda%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	100	Maio	https://books.google.com.br/books?id=0y0EAAAAMB_AJ&lpg=PT21&dq=revista%20trip%20paix%C3%A3o&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	101	Junho	https://books.google.com.br/books?id=1C0EAAAAMB_AJ&lpg=PA13&dq=trip%20casa&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	102	Julho	https://books.google.com.br/books?id=2y0EAAAAMB_AJ&lpg=PA14&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA14#v=onepage&q&f=false
	103	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=2C0EAAAAMB_AJ&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	104	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=82EAAAAMB_AJ&lpg=PT111&dq=trip%20dor&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	105	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=J2IEAAAAMBAJ&lpg=PT23&dq=revista%20trip%20peitinho&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	106	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=DWIEAAAAMB_AJ&lpg=PT106&dq=revista%20trip%20surto&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	107	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=WEEAAAAMBAJ&lpg=PT90&dq=trip%20fuxico&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false

2003	108	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=E2IEAAAAMBAJ&lpg=PT105&dq=trip%20g%C3%AAnero&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	109	Março	https://books.google.com.br/books?id=-2EEAAAAMBAJ&lpg=PT5&dq=moreno%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PT1#v=onepage&q&f=false
	110	Abril	https://books.google.com.br/books?id=72EEAAAAMB AJ&lpg=PT5&dq=Paulo%20Lima%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	111	Maio	https://books.google.com.br/books?id=7mEEAAAAMB AJ&lpg=PT9&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	112	Junho	https://books.google.com.br/books?id=GWIEAAAAMB AJ&lpg=PT6&dq=arthur%20Over%C3%ADssimo%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	113	Julho	https://books.google.com.br/books?id=BmIEAAAAMB AJ&lpg=PT4&dq=moreno%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	114	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=8GEEAAAAMB AJ&lpg=PT118&dq=trip%20bunda&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	115	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=AWIEAAAAMB AJ&lpg=PT33&dq=trip%20buceta&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	116	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=HGIEAAAAMB AJ&lpg=PT11&dq=aranha%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

		117	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=EWIEAAAAMB AJ&lpg=PT18&dq=negras%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
		118	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=WEEAAAAMB AJ&lpg=PT139&dq=S%C3%A9rgio%20Mallandro&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
2004		119	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=92EEAAAAMB AJ&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q=revista%20trip&f=false
		120	Março	https://books.google.com.br/books?id=KGIEAAAAMB AJ&lpg=PT57&dq=trip%20barrigudo&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
		121	Abril	https://books.google.com.br/books?id=B2IEAAAAMB AJ&lpg=PT14&dq=trip%20artur&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q=trip%20arthur&f=false
		122	Maio	https://books.google.com.br/books?id=-mEEAAAAMB AJ&lpg=PT14&dq=trip&hl=pt-BR&pg=PT1#v=onepage&q&f=false
		123	Junho	https://books.google.com.br/books?id=C2IEAAAAMB AJ&lpg=PT10&dq=revista%20trip%20amor&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
		124	Julho	https://books.google.com.br/books?id=l2IEAAAAMB AJ&lpg=PT8&dq=trip%20carla&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
		125	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=CrE7YGQKb3EC&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

126	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=rC0EAAAAMB_AJ&lpg=PA8&dq=revista%20trip%20jo%C3%A3o&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
127	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=JWIEAAAAMB_AJ&lpg=PT95&dq=trip%20tapa&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
128	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=EGIEAAAAMB_AJ&lpg=PT61&dq=trip%20clara&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
129	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=BGIEAAAAMB_AJ&lpg=PT17&dq=revista%20trip%20paix%C3%A3o&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
130	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=F2IEAAAAMB_AJ&lpg=PT13&dq=arthur%20ver%C3%ADssimo%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
131	Março	https://books.google.com.br/books?id=HWIEAAAAMB_AJ&lpg=PT11&dq=revista%20trip%20jo%C3%A3o&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
132	Abril	https://books.google.com.br/books?id=GmIEAAAAMB_AJ&lpg=PT43&dq=trip%20xota&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
133	Mai	https://books.google.com.br/books?id=si0EAAAAMB_AJ&lpg=PT137&dq=trip%20dor&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
134	Junho	https://books.google.com.br/books?id=CWIEAAAAMB_AJ&lpg=PT155&dq=trip%20caio&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

2005	135	Julho	https://books.google.com.br/books?id=DGIEAAAAMB_AJ&lpg=PT15&dq=trip%20c antora&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	136	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=BWIEAAAAMB_AJ&lpg=PT145&dq=revista%20trip%20pop&hl=pt-BR&pg=PT145#v=onepage&q=revista%20trip%20pop&f=false
	137	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=FmIEAAAAMB_AJ&lpg=PT98&dq=revista%20trip%20perna&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	138	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=8mEEAAAAMB_AJ&lpg=PT125&dq=trip%20 arthur&hl=pt-BR&pg=PT1#v=onepage&q&f=false
	139	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=2EEAAAAMB_AJ&lpg=PT141&dq=trip%20 ver%C3%ADssimo&hl=pt-BR&pg=PT141#v=onepage&q=trip%20ver%C3%ADssi mo&f=false
	140	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=AmIEAAAAMB_AJ&lpg=PT203&dq=trip%20 agenda&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
2006	141	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=KmIEAAAAMB_AJ&lpg=PT53&dq=nudez%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	142	Março	https://books.google.com.br/books?id=HmIEAAAAMB_AJ&lpg=PT50&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	143	Abril	https://books.google.com.br/books?id=GEEAAAAMB_AJ&lpg=PT131&dq=pelada%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

	144	Maio	Sem acesso	
	145	Junho	Sem acesso	
	146	Julho	Sem acesso	
	147	Agosto	Sem acesso	
	148	Setembro	Sem acesso	
	149	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=-GEEAAAAMBAJ&lpg=PT71&dq=revista%20trip%20co-ca-cola&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false	
	150	Novembro	Sem acesso	
	151	Dezembro	Sem acesso	
	2007	152	Fevereiro	Sem acesso
		153	Março	Sem acesso
154		Abril	Sem acesso	
155		Maio	Sem acesso	
156		Junho	Sem acesso	
157		Julho	Sem acesso	
158		Agosto	Sem acesso	
159		Setembro	Sem acesso	
160		Outubro	https://books.google.com.br/books?id=A2IEAAAAMBAJ&lpg=PT25&dq=revista%20trip%20pequeno&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false	
161		Novembro	https://books.google.com.br/books?id=8WEEAAAAMBAJ&lpg=PT33&dq=revista%20trip%20rola&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false	
162	Dezembro	Sem acesso		
	163	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=IGIEAAAAMBAJ&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false	
	164	Março	https://books.google.com.br/books?id=9WEEAAAAMBAJ&lpg=PT17&dq=revista%20trip%2026&hl=pt-BR&pg=PT1#v=onepage&q&f=false	

2008	165	Abril	https://books.google.com.br/books?id=CGIEAAAAMB AJ&lpg=PT31&dq=menage%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PT1#v=onepage&q&f=false
	166	Maio	https://books.google.com.br/books?id=H2IEAAAAMB AJ&lpg=PT19&dq=girl%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	167	Junho	https://books.google.com.br/books?id=mEEAAAAMB AJ&lpg=PT17&dq=duro%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	168	Julho	https://books.google.com.br/books?id=JmIEAAAAMB AJ&lpg=PT101&dq=%C3%A9%20foda&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	169	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=FGIEAAAAMB AJ&lpg=PT33&dq=girl%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	170	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=D2IEAAAAMB AJ&lpg=PT86&dq=trip%20colaborar&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	171	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=KWIEAAAAMB AJ&lpg=PT37&dq=nudez%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	172	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=ImIEAAAAMB AJ&lpg=PA40&dq=girl%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	173	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=G2IEAAAAMB AJ&lpg=PT41&dq=girl%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

2009	174	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=FWIEAAAAMB&pg=PT99&dq=trip%20crise&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q=trip%20crise&f=false
	175	Março	https://books.google.com.br/books?id=EmIEAAAAMB&pg=PT33&dq=trip%20colaborador&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	176	Abril	https://books.google.com.br/books?id=CmIEAAAAMB&pg=PT81&dq=S%C3%A9rgio%20Mallandro&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q=S%C3%A9rgio%20Mallandro&f=false
	177	Maiο	https://books.google.com.br/books?id=9GEEAAAAMB&pg=PT27&dq=pelado%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	178	Junho	https://books.google.com.br/books?id=IWIEAAAAMB&pg=PT31&dq=revista%20trip%20cultura&hl=pt-BR&pg=PT31#v=onepage&q=revista%20trip%20cultura&f=false
	179	Julho	https://books.google.com.br/books?id=GGIEAAAAMB&pg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	180	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=AGIEAAAAMB&pg=PA27&dq=revista%20trip%20s%C3%A9rgio%20mallandro&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false
	181	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=DmIEAAAAMB&pg=PT21&dq=revista%20trip%20lata&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	182	Outubro	https://books.google.com.br/books?id=9mEEAAAAMB&pg=PA34&dq=nu%20revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false

	183	Novembro	Sem acesso
	184	Dezembro	https://books.google.com.br/books?id=B7SigUX0eScC&lpg=PT27&dq=editora%20trip&hl=pt-BR&pg=PT27#v=onepage&q=editora%20trip&f=false
2010	185	Fevereiro	https://books.google.com.br/books?id=TrPG5N87ycC&lpg=PT43&dq=trip%20cantora&hl=pt-BR&pg=PT1#v=onepage&q&f=false
	186	Março	https://books.google.com.br/books?id=Rn_MvEY1QpgC&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	187	Abril	https://books.google.com.br/books?id=BEg52Grys14C&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	188	Maio	https://books.google.com.br/books?id=9-eFX-bsmo4C&lpg=PT124&dq=trip%20barrigudo&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	189	Junho	https://books.google.com.br/books?id=0lsGI5oOtsYC&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PT70#v=onepage&q&f=false
	190	Julho	Sem acesso
	191	Agosto	https://books.google.com.br/books?id=OONW87WGuWoC&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	192	Setembro	https://books.google.com.br/books?id=4uVtBaQ-zJ4C&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false
	193	Outubro	Sem acesso

		194	Novembro	https://books.google.com.br/books?id=5T0Jmc9a76EC&lpg=PP1&dq=revista%20trip&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q=revista%20trip&f=false	
		195	Dezembro	Sem acesso	
2011		196	Fevereiro	Sem acesso	
		197	Março	Sem acesso	
		198	Abril	Sem acesso	
		199	Maio	Sem acesso	
		200	Junho	Versão física	
		201	Julho	Sem acesso	
		202	Agosto	Sem acesso	
		203	Setembro	Sem acesso	
		204	Outubro	Versão física	
		205	Novembro	Sem acesso	
			206	Dezembro	Sem acesso
	2012		207	Fevereiro	Sem acesso
		208	Março	Sem acesso	
		209	Abril	Sem acesso	
		210	Maio	Sem acesso	
		211	Junho	Sem acesso	
		212	Julho	Sem acesso	
		213	Agosto	Versão física	
		214	Setembro	Versão física	
		215	Outubro	Sem acesso	
		216	Novembro	Sem acesso	
		217	Dezembro	Sem acesso	
2013		218	Fevereiro	Versão física	
		219	Março	Versão física	
		220	Abril	Sem acesso	
		221	Maio	Versão física	
		222	Junho	Versão física	
		223	Julho	Sem acesso	
		224	Agosto	Sem acesso	
		225	Setembro	Versão física	
		226	Outubro	Sem acesso	
		227	Novembro	Versão física	
			228	Dezembro	Sem acesso
		229	Fevereiro	Versão física	
		230	Março	Versão física	
		231	Abril	Versão física	
		232	Maio	Versão física	

2014	233	Junho	Sem acesso
	234	Julho	Versão física
	235	Agosto	Versão física
	236	Setembro	Sem acesso
	237	Outubro	Versão física
	238	Novembro	Versão física
	239	Dezembro	Sem acesso
2015	240	Fevereiro	Sem acesso
	241	Março	Versão física
	242	Abril	Sem acesso
	243	Maio	Versão física
	244	Junho	Versão física
	245	Julho	Versão física
	246	Agosto	Sem acesso
	247	Setembro	Sem acesso
	248	Outubro	Versão física
	249	Novembro	Versão física
	250	Dezembro	Versão física
2016	251	Fevereiro	Versão física
	252	Março	Sem acesso
	253	Abril	Sem acesso
	254	Maio	Sem acesso
	255	Junho	Versão física
	256	Julho	Versão física
	257	Agosto	Sem acesso
	258	Setembro	Versão física
	259	Outubro	Versão física
	260	Novembro	Versão física
	261	Dezembro	Versão física
2017	262	Fevereiro	Sem acesso
	263	Março	Versão física
	264	Abril	Versão física
	265	Maio	Sem acesso
	266	Junho	Sem acesso
	267	Julho	Versão física
	268	Agosto	Versão física
	269	Outubro	Sem acesso
	270	Novembro	Versão física
	271	Dezembro	Versão física

2018	272	Fevereiro	Versão física
	273	Abril	Sem acesso
	274	Maio	Sem acesso
	275	Junho	Versão física
	276	Julho	Sem acesso
	277	Setembro	Sem acesso
	278	Outubro	Sem acesso
	279	Novembro	Sem acesso
	280	Dezembro	Sem acesso
2019	281	Fevereiro	Sem acesso
	282	Maio	Sem acesso
	283	Julho	Sem acesso
	284	Outubro	Sem acesso
	285	Dezembro	Sem acesso
2020	286	Março	Acesso via app GoRead

Anexo: Acesso às edições da revista *Trip*.

Fonte: Elaboração própria.

